

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

FABIANA DOS SANTOS LIMA

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE IGUATU
(ALIg)

FORTALEZA
2009

FABIANA DOS SANTOS LIMA

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE IGUATU
(ALIG)

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Linguística.

Área de concentração: Descrição e análise.

Orientadora: Profa. Dra Maria do Socorro Silva de Aragão.

FORTALEZA
2009

"Letras salutas"
 Ficha Catalográfica elaborada por
 Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
 tregina@ufc.br
 Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

L698a Lima, Fabiana dos Santos.
 Atlas linguístico léxico-semântico de Iguatu (ALIG) / por Fabiana
 dos Santos Lima. – 2009.
 136f. : il. ; 31 cm.
 Cópia de computador (printout(s)).
 Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro
 de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística,
 Fortaleza(CE), 19/06/2009.
 Orientação: Prof. Dr. Maria do Socorro Silva de Aragão.
 Inclui bibliografia.

1-LÍNGUA PORTUGUESA – DIALETOS – IGUATU(CE) – MAPAS. 2-LÍNGUA
 PORTUGUESA – REGIONALISMOS – IGUATU(CE). 3-LÍNGUA PORTUGUESA –
 ASPECTOS SOCIAIS – IGUATU(CE). 4-LÍNGUA PORTUGUESA – VARIAÇÃO.
 5-LÍNGUA PORTUGUESA – LEXICOGRAFIA. 6-LÍNGUA PORTUGUESA –
 SEMÂNTICA. I-Aragão, Maria do Socorro Silva de, orientador II-Universidade
 Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III- Título.

CDD(22ª ed) 469.79831

03/11

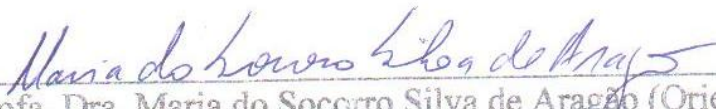
FABIANA DOS SANTOS LIMA

ATLAS LINGUÍSTICO LÉXICO-SEMÂNTICO DE IGUATU
(ALIG)


Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Linguística. Área de concentração em descrição e análise.

Aprovada em 19/06/2009.


BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará-UFC



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará-UECE



Profa. Dra. Conceição de Maria de Araújo Ramos
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

A Fátima Santos, minha mãe,
por ter me dado o dom da vida e
por estar ao meu lado, sempre
me incentivando e me apoiando
em todos os momentos de minha
vida e,
a Socorro Aragão, por ter sido
minha mãe intelectual, durante
esse período, orientando-me,
aconselhando-me e instruindo-
me.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seus desígnios, pois sei que tudo nesta vida está em Tuas mãos, por eu fazer parte de Tua Obra, e por Tua proteção nos trabalhos profícuos que realizei.

À minha família, meu pai Lúcio, minha mãe Fátima e meus irmãos Adilles, Claudiano e Fábio, por serem exemplo de amor e união, por terem sido meu alicerce em todos os caminhos da minha vida e por estarem diretamente ligados a esta conquista, pois sem eles o percurso teria sido bem mais tortuoso.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística por oferecer um excelente curso que abre portas inimagináveis para o desenvolvimento acadêmico e profissional de seus alunos.

À professora Maria Elias, a quem carinhosamente chamo de madrinha, por ter me apresentado os rumos da Geolinguística e por, muitas vezes, ter lido e me instruído no início do projeto. São atitudes assim que determinam a qualidade de um curso.

À minha orientadora, profa. Socorro, por ter aceitado o desafio de trilhar esse caminho comigo, por ter se tornado muito mais do que uma orientadora, uma mãe, a quem eu admiro e tenho como exemplo a ser seguido em todos os âmbitos de sua vida: família, trabalho, conhecimento e amizade.

À FUNCAP, pelo apoio financeiro durante todo o desenvolvimento deste projeto.

Ao ALiB-CE, por ter oportunizado a busca de conhecimentos na realização das entrevistas.

À Prefeitura Municipal de Iguatu, especialmente em nome das secretarias e subsecretarias de Educação, Obras e Urbanismo e Esporte e Juventude, nas pessoas de Dr. Paulo Cesar, Benildes e Izaura, pela disponibilidade com que me atenderam e me auxiliaram na recolha de informações.

À FECLI (Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu), em nome dos professores Eudênio e Lilian, pelo apoio à pesquisa.

A Francisca Magalhães (Xinxá), pelo apoio logístico.

A Ana Cristina e Denise, pelo auxílio na busca dos informantes da ZU 01; a Paula Andrea, pelos informantes da ZU 02; a Clara, pelos informantes da ZU 03; a Irmã Lenir, pelos informantes da ZU 04; a Roberlândio (Gereba), pelos informantes da ZR 01, e a Luís Gonzaga, pelos informantes da ZR 02.

A Silvana, inquiridora do ALiB-CE, e a Wiron, estudante de especialização em Letras, por terem realizado algumas entrevistas.

A todos os informantes, por se dispuserem a contribuir com a pesquisa sem pedir nada em troca.

Ao designer Juliano, por ser o responsável por toda a arte gráfica do Atlas.

À banca examinadora, Profa. Dra. Conceição, da UFMA, e Prof. Dr. Luciano, da UECE, a quem tenho carinho especial por ter me acompanhado desde as primeiras revisões do projeto e pelas importantes contribuições feitas ao longo deste período.

À amizade construída ao longo dessa jornada pelos meus colegas de mestrado que se tornaram grandes amigos: Menta, Fábio, Ana Paula, Anairan e Samantha.

A todos os professores, mestrandos e doutorandos que contribuíram de uma forma ou de outra para o meu engrandecimento teórico.

A meus amigos pessoais, Denise, Ernani, Idália e Nádia, pela crença em meu potencial e pelo auxílio moral, psicológico e logístico no empreendimento desta etapa em minha vida.

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Dizia o escritor francês Jean Fontanilles que ao ‘chamar de sua a obra que escreve, comete o autor imperdoável erro’. [...] a obra, romance ou qualquer que seja, pertence ao povo. Cada indivíduo, com a sua criatividade anônima, com o seu fragmento de história ou parcela de informação, está produzindo a matéria-prima através da qual o autor manipula no intelecto a obra que leva seu nome.”

(Raimundo Batista Aragão)

RESUMO

O Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu documenta a linguagem regional falada nessa localidade, com o objetivo de analisar as variações lexicais na linguagem, tanto na zona rural quanto na zona urbana de Iguatu, elaborar cartas léxicas equivalentes aos campos semânticos trabalhados para constituir o Atlas e oferecer subsídios importantes para a pesquisa Geolinguística no Brasil e para os estudos da Língua Portuguesa falada. Este trabalho fundamentou-se nos pressupostos da Dialectologia moderna, através de autores como Aragão, Coseriu e Ferreira e Cardoso e da Geolinguística pluridimensional, através de Cardoso, Mota e Radtke & Thun. A pesquisa possui uma malha de 06 pontos de inquéritos, divididos em 04 pontos na zona urbana e 02 na zona rural. Em cada ponto, foram entrevistados 04 informantes, 02 do sexo masculino e 02 do sexo feminino, pertencentes a duas faixas etárias distintas, a primeira entre 18 e 30 anos, e a segunda entre 45 e 60 anos. Além de pertencerem à escolaridade entre sem nenhuma instrução e 9º ano do Ensino fundamental. A escolha dos pontos e a caracterização dos informantes baseiam-se nas orientações do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), bem como o Questionário Semântico Lexical (QSL) para a obtenção dos itens lexicais, a ficha da localidade e do informante. O arquivamento e transcrição do *corpus* seguiu as mesmas orientações do ALiB, as gravações foram feitas em lugares apropriados para os informantes. O atlas compõe-se de 53 cartas divididas em cartas geográficas e semântico-lexicais em que se apresenta a variação lexical de itens sugeridos no QSL do Projeto ALiB e sua frequência de realização entre os informantes.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia, Geolinguística, Atlas Linguístico, Variação lexical, Falar cearense.

ABSTRACT

The lexical-semantic linguistic Atlas of Iguatu registers the local speech of the place, allowing to analyse lexical variation in language, in both the rural and the urban areas, elaborate lexical charts equivalent to the semantic fields used to build the Atlas and offer important data to Geolinguistic research in Brazil and to the studies on Spoken Portuguese. This work is based in claims of modern Dialectology, such as exposed in authors as Aragão, Coseriu and Ferreira and Cardoso, and of pluridimensional Geolinguistics, as mentioned by Cardoso, Mota and Radtke and Thun. This research involves 06 places in which inquiry takes place, 04 of which in the urban area, the other 02 in the rural area. In each place 04 informers were interviewed, 02 men and 02 women, belonging to 02 distinct age groups, from 18 to 30 years old and from 45 to 60 years old. The years the informers spent at school varies from none to 09 years (Fundamental School). Places and informers were chosen according to orientation from the AliB Project (Linguistic Atlas of Brazil), as well as the Lexical-Semantic Questionnaire (LSQ), through which lexical items were to be obtained, and both the places' and the informers' description. The archiving and the transcription of the *corpus* were also made according to AliB orientation, and registrations were made on appropriate places to informers. The Atlas of Iguatu has 53 linguistic charts, divided in geographic charts and lexical-semantic ones. In them figures lexical variation of items suggested by the LSQ of the AliB Project and the frequency with which they occur among informers.

KEYWORDS: Dialectology, Geolinguistics, Linguistic Atlas, Lexical variation, Ceará Speech.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O MUNICÍPIO DE IGUATU	16
1.1 Panorama histórico.....	16
1.2 Situação Geográfica	20
1.3 Perfil Socioeconômico.....	21
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
2.1 Dialetologia	24
2.1.1 A Dialetologia e seu campo de atuação	24
2.1.2 A Dialetologia no Brasil	33
2.1.3 A Dialetologia no Ceará	35
2.2 A Geolingüística	40
2.2.1 A Geolingüística moderna e seu caráter pluridimensional	40
2.2.2 A geografia linguística no Brasil	47
3. METODOLOGIA	50
3.1 Pontos de inquérito	50
3.2 Perfil dos bairros e distritos pesquisados	51
3.3 Informantes	55
3.4 A coleta de dados: o questionário	60
3.5 Pesquisa de campo	61
3.6 Arquivamento e transcrição ortográfica do <i>corpus</i>	62
3.7 Seleção dos itens lexicais	63
3.8 Elaboração das cartas léxico-semânticas.....	64
4. CARTAS LINGÜÍSTICAS	66
4.1 Cartas Geográficas Ilustrativas.....	66
4.2 Nota de esclarecimento para leitura das cartas	71
4.3 Cartas Linguísticas Semânticas-Lexicais	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
6. REFERÊNCIAS	126
7. ANEXOS	130

INTRODUÇÃO

A elaboração do Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu (ALIg)¹ teve como objetivo maior documentar a linguagem falada desse município através do método geolinguístico, em que foi feito um levantamento dos aspectos lexicais do material recolhido em entrevistas com informantes da localidade para posterior análise, uma vez que o material coletado para um atlas linguístico de uma localidade constitui uma riquíssima fonte de dados para o estudo da variação lexical, como afirma Tarallo (1985), por registrar as diferenças diatópicas, diastráticas e diacrônicas dessa língua em um determinado momento de sua história.

Além disso, sempre foi motivo de preocupação entre os dialetólogos o registro da língua, pois a sua realização (a fala) é um organismo vivo e está, portanto, em constante evolução, uma vez que, segundo Brandão (1991), é por meio dela que o homem expressa suas idéias, as idéias de sua geração e da comunidade a que pertence e, ao mesmo tempo, é agente modificador, atribuindo-lhe novas características que permitem sua renovação e proporciona esta constante transformação.

Brandão (1991) acrescenta ainda que ao realizar um atlas, não fazemos apenas um registro da fala de uma determinada comunidade em um determinado momento, fazemos um levantamento real daquele grupo em estudo, observando não só a sua história e seus costumes, os seus falares e dialetos, mas também a forma como ele representa a realidade que o circunda.

Quando Gilliéron² iniciou seus estudos dialetológicos, usando as técnicas e o método da geografia linguística, culminando na realização do *Atlas Linguístico da França (ALF)*, uma de suas maiores preocupações era “salvar” para a ciência e para posteridade, pelo menos uma parte da riqueza e variedade histórica das falas ameaçadas pela rápida difusão da língua comum (Coseriu, 1982). Hoje essa preocupação é ainda maior devido às facilidades proporcionadas pela modernização dos meios de comunicação de massa, que tendem a

¹ Sigla criada pela autora do projeto.

² Autor do *Atlas Linguistique de la France* (1902-1910). Cf. COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem:** estudos de teoria e metodologia lingüística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982, cap. 4, p. 85.

nivelar, em todos os sentidos – espacial, temporal e social – os vários dialetos ou falares de uma mesma língua, como observamos em Aragão (1998). Por isso se faz imprescindível o estudo, a análise e a caracterização desses dialetos ou falares, para que não sejam absorvidos e desapareçam, como bem afirmou Gilliéron, sem que possamos “salvá-los” e proporcionarmos um estudo científico sistematizado, além de registrá-los para a posteridade.

O Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu (ALIg) é um projeto que, sendo alicerçado no Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, segue as ideias precursoras de Gilliéron, assim como tantos outros trabalhos realizados nessa linha de estudo no mundo inteiro e, em especial, aqui no Brasil, bem como os novos caminhos da Geolinguística pluridimensional. Já que, observando o número de trabalhos realizados no campo da Geolinguística e levando em consideração a dimensão territorial de nosso país, que é de proporções continentais, percebemos claramente como ainda é deficiente o registro dialetal de nossa língua, mesmo incluindo, aqui, todos os trabalhos dialetais monográficos espalhados pelo país.

Dessa forma, se não nos disponibilizarmos em fazer tal registro, não teremos a oportunidade de nos conhecermos como comunidade lingüística, quais são as diferenças dos nossos falares e que fatores lingüísticos e extralingüísticos são relevantes no processo de variação de nossa língua, como indaga Cardoso (1998).

É por isso que o anseio de mapear os falares brasileiros vem ganhando fôlego nos meios acadêmicos e as pesquisas dialetológicas, pelo método geolinguístico, são cada vez mais constantes. A publicação dos Atlas lingüísticos em várias regiões do Brasil mostra que as produções no campo da Dialetologia vêm ocupando papel relevante, com estudos que abrangem os aspectos diatópicos, diastráticos e diacrônicos, levando em conta também as variações diafásicas, diagenéricas e diageracionais.

Se antes os maiores problemas para a realização de um atlas de caráter nacional eram a inacessibilidade dos pontos, a falta de interesse das autoridades e dos próprios centros tecnológicos e o material humano sem qualificação, os problemas enfrentados atualmente já são outros conforme afirmam Ferreira e Cardoso (1995). O primeiro deles é que não se dispõe de uma descrição geral do português do Brasil, nem de fontes que abranjam todo o território e permitam uma visão dos principais fatos que o caracterizam. O segundo, já citado, é o processo acelerado de transformação da comunidade em decorrência da modernização dos meios de comunicação, da ampliação dos limites de contato de cada cidadão e de cada cidade e, conseqüentemente, a redução do isolamento de regiões. E, por último, a falta de

conhecimento das diferenças dialetais convergentes que poderiam ser significativo instrumento a serviço do ensino/aprendizagem da língua materna.

Compartilhando das preocupações das autoras supracitadas, empreendemos a realização do ALIg, com os objetivos de, além de documentar o falar iguatense, analisar as variações lexicais na linguagem, tanto na sua zona rural quanto na urbana, a fim de demonstrar cientificamente as peculiaridades que o senso comum atesta, mas não possui embasamento teórico para se pronunciar seguramente.

Outro fator bastante importante que alicerçou a realização desse trabalho foi a contribuição que ele trará para registrar e analisar de forma sistemática a realidade linguística local (brasileira) no tocante à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural no Brasil, uma vez que um atlas não se constitui apenas em cartografar os falares de uma região, mas em fazer uma pesquisa linguística variacionista, documentar a história da língua e dar pressuposto para alicerçar a política de ensino, pois seus questionários podem abranger todas as áreas que compõem o ensino do vernáculo: fonético-fonológica, morfossintática, semântico-lexical, prosódia, pragmática, leitura de texto e discurso livre. (ALiB, 2001)

O ALIg abrange somente o aspecto semântico-lexical, pois faz parte de um projeto final de mestrado de Pós-Graduação em Linguística, com prazos específicos e, devido ao fator tempo, não pudemos nos estender à análise dos outros aspectos linguísticos. Entretanto esse fator não diminuiu sua importância, uma vez que o arquivamento de seus inquéritos servirá de base de estudos nos demais campos, além de representar um estímulo para novas pesquisas.

O empreendimento deste projeto deu-se também por a localidade, além de ser a terra de origem da pesquisadora, ser um dos pontos de inquérito do ALECE³ e do ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), bem como apresentar características típicas de uma cidade rumo à modernização, tais como, o seu desenvolvimento tecnológico, econômico, social, esportivo e cultural; o acesso irrestrito à mídia; a presença de universidades no município, que a torna pólo educacional da região, e, conseqüentemente, o incentivo à pesquisa que elas proporcionam.

O presente trabalho desenvolve-se em 04 capítulos referentes ao perfil do município, às bases teóricas que o alicerçam, à metodologia aplicada e à produção das cartas lingüísticas.

No primeiro capítulo, fizemos uma caracterização do município em estudo, apresentando um perfil histórico, para entender como este chegou ao patamar em que se encontra, quais foram os percalços e os avanços. Como nosso estudo é diatópico, foi

³ Atlas Lingüístico do Estado do Ceará.

imprescindível sua caracterização geográfica. Finalizando o capítulo, com considerações sobre seu desenvolvimento sócio-econômico-cultural.

No segundo capítulo, fundamentamo-nos teoricamente nos conceitos da Dialectologia moderna e na Geolinguística pluridimensional. Com base nesses conceitos, dissertamos sobre o campo de atuação da Dialectologia, fazendo referência à contribuição de outras disciplinas como a Sociolinguística e a Etnolinguística, além de fazermos um pequeno resumo sobre seu desenvolvimento no Brasil e no Ceará.

No subitem relativo à Geolinguística, discorremos sobre a disciplina no cenário nacional e internacional, sob a luz dos teóricos Aragão, Cardoso, Radtke e Thun (1999), os quais abordam os novos caminhos que ela deve percorrer. Como também apresentamos em que ponto se encontra a Geolinguística brasileira, fazendo um apanhado dos atlas publicados, concluídos e em andamento, como podemos verificar abaixo. Além de fazermos referências ao desenvolvimento do Projeto ALiB

Foram publicados os seguintes atlas: *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963)*, *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG (1977)*, o *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPb (1984)*, o *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS (1987)*, o *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (1994)*, o *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul – ALERS (2002)*, o *Atlas Lingüístico de Sergipe II (2002)*, o *Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Pará (2004)* e o *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (2007)*.

Os atlas em fase de publicação são: o *Atlas Lingüístico do Ceará*; *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Adrianópolis*, dissertação defendida na UEL em 2000, o *Atlas Lingüístico do Amazonas*, tese defendida na UFRJ em 2004; o *Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara*, dissertação defendida na UFRJ em 2006; o *Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã-MS: Um Registro das Línguas em contato na Fronteira do Brasil com o Paraguai*, dissertação defendida na UFMS, em 2006; o *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar*, tese defendida na UFRJ em 2007; o *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro*, Tese defendida na UFRJ, em 2008, e o *Atlas Lingüístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso*, dissertação defendida na UFMS, em 2009.

E os atlas que se encontram em fase avançada ou inicial de elaboração, quer sejam por iniciativas de projetos acadêmicos, como o *Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro*, O *Atlas Lingüístico de São Paulo*, o *Atlas Lingüístico do Acre*, o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso*, o *Atlas Lingüístico do Espírito Santo*, o *Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará*, o *Atlas Lingüístico do Maranhão*, o *Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte* e o *Atlas Lingüístico do Piauí*; quer sejam por iniciativas pessoais que resultarão em teses de doutorado

e dissertações de mestrado, como o *Atlas Lingüístico do Paraná II*, em elaboração como tese de doutorado de Fabiane Cristina Altino, na UEL; o *Atlas Lingüístico Rural do Município de Ponta-Porã – Mato Grosso do Sul*, em realização como dissertação de mestrado de Regiane Coelho Pereira Reis, na UFMS; o *Atlas Lingüístico da Mata Sul de Pernambuco*, de Edilene Almeida, como dissertação de mestrado na UFPB; e o *Atlas Lingüístico da Mesorregião do Oeste Potiguar*, de Moisés Batista da Silva, como tese de doutorado na UFC.

No terceiro capítulo, discorremos sobre a metodologia empregada no trabalho, tendo por base as orientações do Projeto ALiB (2001), desde a seleção dos pontos de inquérito até a apresentação das cartas lingüísticas, bem como o arquivamento do material recolhido. Nesta orientação, seguimos os princípios da Geolingüística moderna supracitados em que o registro segue os parâmetros diatópicos e diastráticos.

Essas mesmas especificações foram seguidas na apresentação das cartas, que configura o quarto capítulo. Dessa forma este capítulo representa o produto final da pesquisa em que apresentamos a riqueza da variação lexical da localidade, pontuada através dos mapas, constituídos pelo nome lexical sugerido pelo ALiB, pelas lexias encontradas, diageracional e diassexualmente distribuídas pelos pontos inquiridos, e pelas legendas simbolizadas referentes à aparição de tais lexias.

Sendo assim, este atlas é constituído de 53 cartas, distribuídas em duas etapas. A primeira compõe-se de 03 cartas geográficas introdutórias para a identificação da localidade no espaço geográfico brasileiro. Sendo 01 mapa dos limites geográficos de Iguatu, 01 mapa da localização de Iguatu dentro do Estado do Ceará e 01 mapa da localização de Iguatu dentro do mapa do Brasil. E a segunda etapa de 50 cartas lingüísticas lexicais, a saber: 01 mapa de identificação dos pontos de inquérito e 49 mapas com os itens lexicais selecionados.

As observações mais pertinentes sobre as cartas foram feitas nas considerações finais, onde se destacou também o alcance dos objetivos propostos pelo projeto, bem como a confirmação de sua importância no sentido de registrar, analisar e cartografar as variações regionais e sociais que ocorrem no falar atual, guardando para a história informações tão preciosas da nossa língua materna.

Para finalizar essa obra de importante contribuição para os trabalhos de cunho dialetal vindouros, relacionamos as obras bibliográficas consultadas e anexamos cópias dos questionários utilizados na pesquisa como ficha da localidade, questionário do informante e o QSL⁴, na versão 2001, do Projeto ALiB.

⁴ Questionário Semântico-Lexical.

CAPÍTULO I

1. O MUNICÍPIO DE IGUATU

1.1 Panorama histórico

Tem suas raízes prodromáticas no Índio e no colono branco, duas fontes em que a segunda subjuga a primeira, transformando o antro embrutecido em pólo de evolução civilizatória. Isso, entretanto, demandaria tempo e sacrifício, uma vez que os verdadeiros donos da terra mantinham-se firmes e arredios. (ARAGÃO: 1997; p. 15)

Começa, assim, a trajetória do povo iguatense que se inicia num lugar hostil, palco de constantes lutas entre seus primeiros habitantes: as tribos indígenas Jucás e Quixelôs. Dado que resultou num verdadeiro genocídio do indígena e causou o desaparecimento dessas duas nações, permanecendo apenas a referência toponímica.

A luta pela aquisição da terra da entre Jucás e Quixelôs impedia o assentamento de colonos brancos, o que dificultou o povoamento por parte do branco dessa região que era conhecida como *Lagoa do Iguatu* e hoje é a sede do município de Iguatu. Segundo o historiador Aragão (1997), a animosidade entre as duas nações era tão intensa que nem projetos missionários seriam possíveis sem a colaboração das mesmas. Dessa forma, somente em 1707, após a transferência de parte dos Jucás “para seus redutos de origem” (p. 16) é que houve uma possibilidade de sucesso na empreitada, mas esse objetivo só foi alcançado em 1719, com a nomeação do Coronel Gregório Martins Chaves como administrador-geral das terras sob o domínio de Jucás e Quixelôs. Intensifica-se, então, o assentamento das sesmarias.

A partir dessa providência, o jesuísmo se instalou na região e deu início ao projeto *Missão Telha*, com o objetivo de catequizar os índios, apesar de não ter sido tão bem-sucedido como o planejado, devido às condições do lugarejo. Inicialmente instalados numa casa de farinha; posteriormente, ocupando residências e casas improvisadas; por fim, até se construir uma capela missionária. Só que em 1758, o acordo de autonomia territorial da Missão foi quebrado pela coroa portuguesa e as missões jesuíticas foram substituídas pela *Vigaria Geral*, a nova ordem missionária.

Essa determinação ocasionou o sequestro dos bens patrimoniais aos quais os jesuítas tinham direito que se estendiam por uma légua de terras em quadrado, “a partir da margem esquerda do rio Jaguaribe e tendo como ponto de referência a ‘Lagoa do Iguatu’, denominação que em Tupy assim se traduz [...] **lagoa de água saudável.**” (ARAGÃO, 1997; p. 18). Dessa forma, o nome de Iguatu originou-se da junção dos termos *Iguá* = lagoa, lago + *katu* = bom, boa, saudável.

Paralelo ao trabalho missionário, encontrava-se a implantação das sesmarias que seguiam o mesmo percurso das terras jesuíticas devido às condições geológicas propícias às atividades ceramistas, promovendo o desenvolvimento econômico da região e sua própria ascensão política.

Inicialmente a região era chamada de *Lagoa da Telha*, não só por sua estrutura geológica, mas por representar também um ponto de venda, uma vez que os povoados eram denominados por sua atividade comercial, ou pelo nome do detentor desse comércio, como exemplifica Aragão (1997) ao citar os nomes de lugares como *Aurora*, *Granja* e *Juazeiro*, entre outros.

Mas seu desenvolvimento civilizatório só veio acontecer com a criação de um distrito policial, em 1842, órgão que só existia na sede do município, Icó. Esse fato foi um passo para a elevação de povoado para vila que se realizou a 25 de janeiro de 1853, apesar da desaprovação da sede. Entretanto a evolução populacional e econômica não permitia que o lugarejo permanecesse como povoado, chegando a ter *status* de cidade. Daí, para a obtenção do título de Cidade só se passaram vinte um anos. Já a mudança do topônimo deu-se em 1883.

O tempo que se levou para ascender ao nível de vila foi maior do que para se chegar à cidade, passando por várias disputas de terras vizinhas, tanto entre os nativos quanto entre famílias poderosas da região como as Monte e Feitosa, e pela lentidão do sistema governamental. Foi mais de um século para que a Vila da Telha pudesse andar com seus próprios pés e, finalmente, tivesse sua emancipação política.

A partir de sua emancipação, seu crescimento econômico e populacional foi notório, abrangendo uma extensa faixa territorial que se subdividiu em sede e distritos. Uma vez que a concessão de sesmarias permitia o exercício de diversas atividades econômicas, garantindo a imigração de pessoas para os assentamentos. Dentre os fatores que determinaram a formação socioeconômica da região estão:

- a) democratização da terra em sua formação distributiva; b) composição geológica do Município; c) diversificação hídrica, jacente e subjacente; d) epicentro de convergência regional, envolvendo os Estados do Piauí (via Campos Sales), Rio Grande do Norte e Paraíba (via Icó) e Pernambuco (via Crato), além de vias internas, ligando a Capital e outros centros populacionais; f) calcários; g)

agropecuária; h) expansão lacustre; i) indústrias de transformação e extração de óleos vegetais, e j) fontes subsidiárias. (ARAGÃO, op. cit. p. 63)

Sendo assim, a maior parte da população iguatuense é originária de pessoas que procediam de Pernambuco, Paraíba e Rio grande do Norte. Já em relação à economia, vale ressaltar que a maioria das atividades citadas é de subsistência como grande parte das cidades interioranas do Ceará, e aquelas que dependiam de transporte para escoamento da produção eram altamente oneradas, devido à distância e ao modo como eram transportadas (tropeiro e carro-de-boi).

Somente no século XX, com o advento da estrada de ferro, é que Iguatu voltou a dar outro salto rumo à modernidade. A distância foi diminuída, a estocagem da mercadoria ganhou em qualidade e os custos diminuíram, dando um novo fôlego à economia local. Além de trazer e levar mercadorias em pequeno espaço de tempo, a linha férrea também possibilitou o transporte de pessoas que ligou o município a outros centros comerciais mais desenvolvidos e à própria capital, pois se estendia de Fortaleza a Crato, passando por diversas cidades do interior do Estado que, assim, como Iguatu, beneficiaram-se com a chegada do progresso. Usando as palavras de Aragão (1997; p. 71) “os primeiros indícios de livre trânsito inserem-se na construção da ponte”, relíquia que é símbolo desse desenvolvimento.

Outro benefício que a linha férrea trouxe foi o surgimento do ramo de hotelaria que, até então, não existia. O comércio de uma forma geral foi bastante beneficiado com esse advento. Não só as atividades que já havia se desenvolveram, como novas atividades surgiram, inclusive as bancárias, fazendo com que a cidade se tornasse pioneira nesse ramo.

A indústria também se beneficiou desse novo recurso pela facilidade que o escoamento da produção teria. Assim, indústrias de beneficiamento de algodão foram as que mais se proliferaram, seguidas pelas serrarias e panificadoras. Entretanto, as panificadoras estavam voltadas apenas para o mercado local.

Já nos campos da agricultura e da pecuária, o município sempre se destacou, por ser privilegiado com um solo produtivo e propício à criação de gado. Logo, isso foi a principal fonte de economia por séculos e continua com acentuado destaque, porque seus produtores acompanharam o desenvolvimento tecnológico, mecanizando a agricultura.

Como todos os setores econômicos cresceram após a chegada da Estrada de Ferro, os serviços sociais como educação e saúde exigiram investimentos, principalmente pelo crescimento social dos moradores que passaram a ter necessidade de investir nessas áreas. Tão logo passaram a construir escolas públicas e particulares, escolas técnico-agrícolas, de

economia doméstica, bem como com o passar dos anos a fundação de uma faculdade, voltada para os cursos de Pedagogia e Letras. Tudo de acordo com a necessidade imposta pelo desenvolvimento.

A preocupação com a área da saúde não foi diferente. A escassez que se alentava durante o século XIX, modificou-se no século seguinte. Para se proteger dos constantes surtos de doenças que acometia o Ceará inteiro e de várias epidemias, a cidade instalou uma série de farmácias que continham consultórios médicos e farmacêuticos para atender à população, entretanto aqueles que não tinham condições recorriam aos remédios caseiros, muito comuns na região. Com o crescimento populacional, construiu-se o Hospital Santo Antônio e a Casa de Saúde e Maternidade Santa Terezinha. Desde então, várias unidades de saúde foram construídas e equipadas com o objetivo de melhor atender à população.

Quanto aos serviços público e administrativo, os que já existiam, se modernizaram e outros passaram a existir como: energia, telefonia, recursos hídricos, SAAE, centro de abastecimento, correio e telégrafo, divisão policial, coletoria estadual e federal, entre outros.

Já os aspectos socioculturais de Iguatu são marcados logo nas primeiras décadas deste século com a fundação de várias entidades relacionadas tanto à cultura, quanto à imprensa, ao esporte e ao lazer. Dentre as primeiras, destacaram-se: Conferência de São Vicente de Paula (1906), União Artística Iguatuense (1913), Sociedade Promotora do Progresso Intelectual de Iguatu (1923), Associação Comercial Industrial de Iguatu (1923) e Maçonaria (1934), entre outros.

O esporte e o lazer foram agraciados com a construção de vários clubes, além de um cine-teatro, datado de 1925. As associações que estimularam e desenvolveram o esporte na região foram o CRI (Clube Recreativo Iguatuense), o clube de Caça e Pesca e a AABB (Associação Atlética Banco do Brasil). Contando também com a construção de quadras de esporte e de um estádio municipal, chamado *Moreirão*.

A imprensa é outro campo da sociedade iguatuense que sempre obteve muito destaque. Desde 1915 que sua atuação é determinante, com a fundação do primeiro jornal impresso. A partir de então inúmeros jornais surgiram dos mais diferentes setores. Já a imprensa falada, através das antenas de rádio, só começou a atuar na década de 60, quando a Rádio Iracema de Iguatu foi inaugurada. Aragão (1997; p. 145), num pequeno balanço dos anos 20 até o fim do domínio militar, início dos anos 80, apresenta os seguintes referenciais publicitários: “Jornais – 20, Revistas – 02, Rádios – 04”. E conclui: “Poucas cidades interioranas guardam desse perfil cultural somatório tão enobrecente”.

Desses aspectos socioculturais não podemos deixar de registrar o destaque da figura humana como ser transformador e modificador do seu meio. Sendo assim, figuras ilustres nascidas nessa localidade fizeram de sua arte motivo de orgulho para o povo iguatense. Se o iguatense não pode se orgulhar de sua origem indígena, pelo menos, tem motivo de sobra para engrandecer os filhos ali nascidos que se destacaram na Política, na Medicina, no Direito, na Educação, na Música e na Arte, elevando o nome de sua cidade por onde quer que passassem e perpetuando sua obra em todo um contexto sócio, cultural e econômico. Dentre os que configuram no cenário nacional, podemos destacar: Eleazar de Carvalho (músico e maestro), Elze Alves Lima Verde Montenegro (educadora), Evaldo Gouveia (músico) e Humberto Teixeira (poeta e compositor).

1.2 Situação Geográfica

Iguatu localiza-se na mesorregião Centro-Sul do Estado do Ceará, a 377 km da capital, possuindo uma área absoluta de 1.029 km², representando 0,69% do território cearense. Limita-se ao norte com Quixelô e Acopiara; ao sul com Cariús e Cedro; ao leste com Cedro, Icó, Orós e Quixelô, e a oeste com Acopiara, Jucás e Cariús.

O acesso do município à capital dá-se por meio das rodovias BR 116, BR 122, CE 060, e CE 359, da ferrovia Fortaleza-Crato e do aeroporto municipal, entretanto o uso deste meio fica reservado a aviões particulares de pequeno porte.

Em relação aos aspectos climáticos, Iguatu possui uma temperatura média anual de 29 graus e precipitação anual de 806,5 mm para um período chuvoso que vai de janeiro a abril, mas, no geral, seu clima é tropical quente semi-árido⁵. Entretanto, no período de agosto a dezembro, essa temperatura eleva-se, castigando os trabalhadores rurais.

Mesmo assim, seu clima propicia a cultura de gêneros alimentícios que necessitam de sol o ano inteiro e podem ser cultivados num relevo composto por depressões sertanejas de solos aluvia, litólico, podzólico, vermelho-amarelo e vertissolo, dentro de uma caatinga arbustiva densa.

A hidrografia iguatense é composta por rios, lagoas e açudes. O rio Jaguaribe é o principal acidente geográfico do município, sendo responsável pela sua formação populacional e socioeconômica. A região é assistida ainda pelo rio Trussu e pelas lagoas de Iguatu, do Baú, do Barro Alto, e da Bastiana.

⁵ Cf. Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) e Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE).

A sede do município possui 36 km² e organiza-se a partir da margem esquerda do Rio Jaguaribe, sendo circundada pelas lagoas da Telha, de Iguatu e da Bastiana. Atualmente é composta por mais de 30 bairros que são regulamentados por lei municipal para determinar seus limites geográficos. Dentre os mais antigos estão Alto do Jucá, São Sebastião, Veneza, Cocobó, Chapadinha e Vila Moura.

Sua população estimada é 70.226 habitantes, representando cerca de 73% da população total do município.

Sua zona rural é composta por distritos que se comportam como sede dos sítios que os rodeiam. Alguns foram vinculados ao município por meio de decreto de leis, outros eram pequenas localidades que, pelo seu grau de desenvolvimento, transformaram-se em distritos. Sendo assim, atualmente Iguatu conta com os seguintes distritos: Barreiras, Barro Alto, Baú, Gadelha, José de Alencar, Riacho Vermelho e Suassurana.

1.3 Perfil Socioeconômico

O século XXI despontou e com ele uma verdadeira revolução tecnológica comandada pelo desenvolvimento da informática. Nesse cenário de avanços tecnológicos, economia globalizada e adaptação da vida moderna pelas pessoas, Iguatu mantém-se cada vez mais vivo e mais adaptado às constantes mudanças.

Dessa forma, a cidade provincial já não existe mais, dando lugar a um município conectado com o que há de mais novo e aberto à renovação. Essa capacidade de adaptação constante aos modelos socioeconômicos vigentes transformou Iguatu no centro de comércio e serviço da região Centro-sul do Estado do Ceará, atendendo a mais de 10 municípios. Essa transformação acarretou uma mudança no seu perfil populacional, por demonstrar que seu crescimento na área urbana superou a rural, acompanhando a tendência nacional, pois hoje a maioria da população brasileira se concentra nos centros urbanos.

Sendo assim, como consta no IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), 73% da população iguatense vive na área urbana e o restante no meio rural, num total de 92.981 habitantes de acordo com a estimativa para 2006, com uma taxa de crescimento de 1,80% ao ano. Além disso, até 2000, 63% dessa população era economicamente ativa e, superiormente, feminina. Entretanto, a estimativa populacional do IBGE para 2008 era de 96.201 habitantes, dado que ainda não foi ratificado.

Ainda segundo o IPECE, a economia local estabelece-se fortemente no serviço e no comércio, detendo mais de 50% da renda, enquanto a agropecuária que era a principal fonte

de renda no passado divide o restante da porcentagem com a indústria. Esta, no entanto, ainda é incipiente, com um número aproximado de 70 indústrias, entre mecânicas, metalúrgicas, madeireiras, borracharias, químicas, mobiliários, couros, peles e produtos similares, editoriais e gráficas, produtos minerais não-metálicos, serviços de construção, produtos alimentares, vestuários, calçados e artigos de tecidos, além de várias cerâmicas (olarias) e diversas. Já a agropecuária destaca-se pelas seguintes atividades: algodão herbáceo e arbóreo, banana, feijão, milho e arroz, bovinos, suínos e aves.

Com todos esses bens e serviços oferecidos, a renda *per capita* do município gira em torno de US\$ 831.

Ao lado do desenvolvimento econômico, encontra-se o social. E em primeiro lugar, estão os serviços básicos de educação, saúde e infra-estrutura que serão descritos sucintamente abaixo.

O serviço de saúde do município conta com especial atenção. Atualmente há postos de saúde em todos os bairros, vários centros de saúde, uma média de 08 ambulatórios, consultórios médico/odontológicos, policlínicas, unidades de vigilância sanitária e 03 hospitais, sendo 01 de abrangência regional. Todos esses serviços são garantidos por profissionais da área, envolvendo médicos, dentistas, enfermeiros, tecnólogos, agentes comunitários de saúde e outros profissionais de diversas áreas.

Na educação, a cidade oferece vagas em instituições de todos os níveis de ensino, tanto da rede pública quanto particular. A educação básica conta com quase 100 escolas, sendo 22 particulares, 47 municipais, 08 estaduais e 01 federal, dentre elas o CAIC, o Liceu e a Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – *Campus Iguatu* (IFET), escolas consideradas modelos pelos órgãos educacionais superiores.

Já o ensino superior atualmente conta com cursos ofertados pelas seguintes instituições: UFC (Universidade Federal do Ceará), URCA (Universidade Regional do Cariri), UECE (Universidade Estadual do Ceará) e UVA (Universidade Vale do Acaraú). Contando ainda com cursos a longa distância, oferecidos pela EADCON. Os principais cursos ofertados por essas instituições são Biologia, Ciências Biológicas, Direito, Educação Física, Enfermagem, Física, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Serviço Social.

A infraestrutura da cidade apresenta serviço de abastecimento de água e esgotamento sanitário, através do SAAE, energia elétrica, telefonia fixa e móvel, canais abertos e fechados de televisão e sistema de internet. Já as comunicações midiáticas dão-se através de 04 emissoras de rádio e um correspondente da rede televisiva.

Em relação ao sistema de pavimentação da cidade, observamos que todas as ruas são pavimentadas e a maioria dos bairros possui praças com o objetivo de promover o esporte e o lazer, além de abrilhantar o lugar com uma paisagem urbanística.

O município também é um pólo de desenvolvimento esportivo e cultural. Suas manifestações culturais são apresentadas por meio de vários eventos que acontecem ao longo do ano, como, por exemplo, o carnaval, a Expoiguatu (Exposição agropecuária municipal), Fenercsul (Feira de Negócios da Região Centro-Sul), a festa de Senhora Santana (26 de julho), a Semana do Município (em janeiro), o Iguatu Festeiro (São João Fora de época) e o Festival de Música Centro-sul e Vale do salgado. Todas essas manifestações são desenvolvidas através de projetos culturais, promovidos por instituições públicas, privadas e não-governamentais.

Essa veia artística está no sangue do iguatuense, pois se destaca por ser um celeiro de artistas na área musical, tendo como principais representantes os grandes mestres já citados Eleazar de Carvalho, Humberto Teixeira e Evaldo Gouveia. Além de inúmeras bandas do forró, símbolo do folclore cearense.

Na área esportiva, apesar de não ser um grande expoente, já foi destaque no futebol de campo, disputando o campeonato cearense, e no futsal, chegando a conquistar o vice-campeonato norte-nordeste. Fora isso, o esporte sempre foi uma das paixões do iguatuense, sendo desenvolvido nas escolas e exercitado em campeonatos escolares municipais, regionais e estaduais; chegando, até, a formar agremiações esportivas para incentivar seu desenvolvimento.

Em relação ao aspecto turístico, o município, apesar de ser circundado por lagoas, apresenta pequeno potencial. Somente o balneário do açude Trussu é expoente de atração, sendo frequentado principalmente pelos habitantes do município.

CAPÍTULO II

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Dialetoлогия

2.1.1 A Dialetoлогия e seu campo de atuação

A Dialetoлогия que pode ser definida como o estudo do(s) dialeto(s) de uma determinada região é uma ciência que está inserida no campo da Linguística e tem como objetivo principal recolher, sistematizar, analisar e interpretar traços linguísticos dos dialetos e falares de uma região, sendo eles cultos ou populares, urbanos ou rurais, pertencentes a regiões desenvolvidas ou subdesenvolvidas como conceitua a dialetóloga Aragão (2007)⁶.

Entretanto a primeira grande questão que esta ciência enfrenta é definir o que é língua e o que é dialeto e qual a diferença entre os dois para determinar seu campo de atuação, já que muitos autores, como Amaral (1976) e outros, afirmam que a diferença é muito mais política do que linguística, porém nos parece mais aconselhável fazer uma distinção linguística de acordo com Ferreira e Cardoso (1994; p. 11) quando afirmam que uma língua “é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade”, por isso ela é considerada como um sistema que se constituiu ao longo de um processo histórico e que foi evoluindo na mesma proporção. Só que esse sistema é extremamente abstrato, porque a língua não possui uma forma única para todos os falantes. Sendo assim sua realização apresenta inúmeras diversificações, consideradas subsistemas que são chamados dialetos, conforme Aragão (1983):

A língua é sempre vista como uma unidade, um todo indivisível. No entanto esta unidade é composta de infinitas variações – regionais, grupais ou

⁶ Anotações de aula da disciplina de Dialetoлогия, ministrada no curso de Mestrado em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará, no período 2007.2.

individuais – que podem ser estudadas através dos níveis de análise fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Cada língua, ou sistema lingüístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de intersecção e de disjunção. Esses subsistemas são os dialetos. (p. 17)

Com essa definição fica bastante clara a distinção entre língua e dialeto, mas a definição de dialeto ainda concorre com a de falar, causando mais um ponto de divergência entre os teóricos. Até que ponto determinada variação pode ser considerada dialeto ou falar? Um bom exemplo disso é o próprio português falado no Brasil e suas variações dentro do território. Para responder a essa questão, recorremos a Câmara Jr.:

Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Entretanto, ao conceito lingüístico se acrescenta em regra um conceito extralingüístico de ordem psíquica, social ou política, isto é, a) a existência de um sentimento lingüístico comum, b) a existência de língua culta, superposta aos dialetos, que assim ficam limitados ao uso cotidiano, sem maior expressão cultural ou literária; c) a subordinação política das respectivas regiões como partes de um estado político nacional. Quando se verificam essas condições extralingüísticas, mas não a coincidência dos traços lingüísticos essenciais, já não se tem dialetos, mas línguas distintas. (CAMARA JR., p. 95)

Como podemos observar, a Dialectologia moderna se preocupa em estudar o dialeto ou falar regional em todos os aspectos – diatópico, diastrático e diafásico. Entretanto os primeiros estudos com indícios dialetológicos tinham o objetivo de fazer apenas uma comparação entre as línguas para conhecer sua ancestralidade, desenvolvida pela Gramática Comparativa. Somente a partir da última década do século XIX é que os métodos dialetológicos propriamente ditos passaram a ter um lugar de honra na Linguística.

Mesmo assim, as pesquisas desenvolvidas no final do século XIX e início do século XX voltaram-se exclusivamente para o meio rural, por ser considerado o ambiente ideal ao conhecimento da língua e suas variações na essência, uma vez que o homem rural era um ser que não possuía contato com o meio citadino e, por isso, ainda não havia sido influenciado, ou seja, contaminado pelo progresso cultural e tecnológico que este impõe.

Preocupação esta, demonstrada por Gaston Paris, segundo Cunha (1968), durante a conferência sobre *Les parlers de France* (1888), quando alertou para o desaparecimento de *patois* do idioma francês e seus dialetos, devido à força unificadora do progresso cultural:

Se não podemos impedir a flora de nossos campos de perecer em face da cultura que a substitui, devemos, antes que ela desapareça totalmente, recolher com cuidado seus espécimes, descrevê-los, dissecá-los e classificá-los piedosamente num grande herbário nacional. (CUNHA, 1968, p. 50)

E sugeriu, ainda, além da utilização do método monográfico, que se utilizassem o mesmo usado por Gilliéron, no *Petit atlas phonétique du Valais Roman (sud du Rhône)*⁷, por cobrir maiores áreas fonéticas e fonológicas e por poderem “fornecer dados precisos sobre os fatos essenciais da geografia linguística de seu país” (PARIS, op. cit.; 51). Ao contrário do que o renomado romanista previa, os estudos dialetológicos desenvolvidos demonstraram uma grande riqueza dos falares franceses, fragilizando a doutrina dos neogramáticos de que “a lei fonética é um fato natural, mecânico e inevitável” (CUNHA, 1968; p. 52). Por esse motivo as leis fonéticas da Gramática Comparativa não poderiam mais ser postuladas como base etimológica da língua.

Entretanto tais descobertas não aniquilaram a importância dos estudos realizados pelos neogramáticos; ao contrário, vieram para auxiliar a ciência ao incentivar o alargamento de seus horizontes. O que realmente se destruiu foi a rigidez dos conceitos impostos por tais teóricos.

A partir de então, linguistas e dialetólogos passaram a preferir as comunidades rurais por possuírem indivíduos que detinham um falar regional, eram rústicos e pertenciam às gerações mais velhas, ou seja, eram indivíduos detentores de uma longa tradição linguística. Esses estudos voltados apenas para a definição espacial de fronteiras linguísticas ficaram conhecidos como Dialetologia horizontal, pois não se aprofundavam nas questões socioculturais da comunidade em análise, conforme explicita Cunha (1968).

Esta metodologia provocou bastante inquietação entre os linguistas, pois se afastava da língua viva dos grandes centros urbanos e deixava de analisar certos aspectos extralinguísticos, caracterizados como organismos vivos dessa língua. Se a metodologia cartográfica limitava-se a estudar somente os limites geográficos de determinado fenômeno linguístico, isto não os interessava.

Diante de tais lacunas, os estudiosos passaram a se interessar pelos assuntos do meio citadino e pela história social das comunidades modernas também, passando a realizar um estudo vertical da comunidade investigada. Não só o campo era estudado, mas também a cidade, que vive em contínua mudança. Com isso, especialmente através do método geolinguístico, a Dialetologia passou a resolver dois problemas: o primeiro era fazer um registro documental de uma tradição linguística que estava em constante evolução, e o segundo era registrar e descrever a língua viva em um determinado momento que passou a

⁷ Pequeno Atlas fonético, realizado Gilliéron, publicado em Paris, 1880, com 30 mapas.

proporcionar diversas interpretações, em múltiplos campos de estudo. Dessa forma, a dialetalização⁸ vertical surgiu como um complemento da horizontal.

Só que a Dialetoлогия só veio a se destacar no meio acadêmico através da realização de dois trabalhos, utilizando o método geolinguístico. Os trabalhos foram a coleta de dados do falar alemão, por Wenker⁹, e o Atlas linguístico da França, por Gilliéron, no final do século XIX e início do século XX, respectivamente. Assim, esses trabalhos deram origem à Geografia Linguística que surgiu mais como um método da Dialetoлогия do que como uma ciência, segundo conceitua Coseriu:

Geografia lingüística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo... e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovada mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território[...] (1982; p. 79)

Em outras palavras, a Geografia Linguística estuda as variações linguísticas, como a Dialetoлогия, mas coloca essas variações no espaço geográfico em que ocorrem, daí sua relação com a geografia, sem, contudo, usar todos os métodos que esta ciência utiliza.

Historicamente a importância do conhecimento das variações regionais é tão antigo quanto à bíblia, como exemplifica Aragão ao citar a passagem do Velho Testamento em que os Gileaditas em luta com os Eframitas, no Rio Jordão, descobrem que há inimigos entre eles devido à forma diferente de pronunciar a palavra **shibloleth**, já que os invasores pronunciavam **sibloleth**.

No entanto, como já sabemos, o estudo sistemático das variações regionais só tomou fôlego na segunda metade do século XIX, através de filólogos e neogramáticos como Paul Meyer e Gaston Paris, na França, e Leibniz, Joannes Schmidt, Hugo Schuchardt, Wenker e Weigand, na Alemanha, entre outros, e eclodiu no final do mesmo século e início do século XX, após a realização dos trabalhos supracitados, com a sistematização do método geolinguístico.

O primeiro, referente ao falar alemão, que consistiu numa coleta de dados por correspondência, em 40.736 localidades, obtendo um total de 44.251 respostas, com o intuito de documentar precisamente os limites dialetais do território alemão, segundo Cardoso (2001;

⁸ Termo usado por Cunha (1968, p. 56)

⁹ G. Wenker (1852-1991).

p. 2), trouxe como benefício a extensa faixa territorial pesquisada, permitindo a comparação entre os dados coletados nesta extensão. Entretanto seus maiores problemas encontram-se na falta de controle das variáveis sociais dos informantes, como sexo, escolaridade e faixa etária, e, principalmente, no tipo de coleta das informações, uma vez que os questionários não foram respondidos pelos informantes a que se destinaram, mas por pessoas letradas, responsáveis pelo ensino na região onde deveriam aplicá-los.

Os resultados iniciais foram publicados em 1881, em Strassburg, através de um conjunto de 06 cartas linguísticas, sendo 02 fonéticas e 04 morfológicas, conforme Cardoso (2001; p. 3), intitulado *Sprachatlas des Deutschen Reichs*. De qualquer forma, esses problemas serviram de orientação para que os novos trabalhos na mesma linha aprimorassem a metodologia.

O segundo trabalho, o ALF, teve toda sua pesquisa realizada *in loco* e com um único inquiridor, Edmond Edmont, inaugurando uma nova etapa nos estudos dialetais e colocando a Geolinguística definitivamente no cenário linguístico europeu.

Três razões principais levaram Gilliéron a realizar o *ALF*, segundo Coseriu (1982; p. 87):

- 1) a necessidade de salvar para a ciência e para a posteridade uma parte da riqueza e variedade histórica das falas locais, ameaçadas pela rápida difusão da língua comum; 2) a necessidade duma coleção de materiais de todos os dialetos que permitisse assentar em bases firmes o seu estudo comparativo; e 3) a necessidade duma coleção de material, na medida do possível, homogêneo.

Para a última necessidade, Gilliéron pensava que a pesquisa deveria ser empenhada por uma única pessoa e que não fosse ligada à área linguística, entretanto seu investigador, apesar de ser um simples comerciante, possuía fortes interesses dialetológicos.

Coseriu (1982; p. 88) relata que o *ALF* foi publicado entre 1902 e 1910, por meio de 36 fascículos com num total de 1.920 mapas, subdivididos em três séries alfabéticas. A primeira série compreende todo o território francês; a segunda, apenas a meridional; e a terceira abrange somente uma parte da zona meridional. Conta ainda com um extenso índice e um tomo de materiais recolhidos fora dos limites dos questionários e que não foram cartografados.

Apesar de sua obra ter sido recebida cautelosamente por estudiosos da época, seu reconhecimento se deu quando outros Atlas foram realizados, dentre os quais podemos

destacar especialmente o Atlas Ítalo-Suíço¹⁰ (*AIS*), de Jud e Jaberg, e o Atlas da Córsega (*ALEIC*)¹¹, de Gino Bottiglioni.

A partir de então todos os países da Europa passaram a desenvolver os estudos dialetológicos, elaborando seus atlas, fazendo o mapeamento de sua região, seguindo mais ou menos os métodos de Gilliéron. Sendo assim os atlas mais tradicionais da Europa e da América, incluindo o *ALF* são: Atlas Lingüístico do Alemão (1926), realizado por Wenker; Atlas Lingüístico da Itália e do Sul da Suíça, por Jaberg e Jud; Atlas Lingüístico Romeno, por Sever Pop e Sextil Puscarin; Atlas Lingüístico da Suíça Alemã (1942), por H. Maumgarten e R. Hozenköcherle; Atlas Lingüístico do Inglês, por John On e Eugen Dieth; Atlas Lingüístico dos Estados Unidos e Canadá (1935-1945), por H. Kurath e Bloomfield; Atlas com explicações sobre a língua popular dinamarquesa (1892-1912), por Valdemar Bennike e Marius Kristensen; Atlas Lingüístico da Noruega, por Amund Bredsen Larsen, o Atlas Lingüístico da Finlândia (1940), por Lauri Kettunen e o Atlas Lingüístico da Península Ibérica (1962), dirigido por Tomás Navarro, como relata Cardoso (2001; p. 3).

Com esses resultados, a geografia linguística consolidou sua importância tanto por seu valor sincrônico, fotografando os estágios de uma língua, num determinado momento e num determinado espaço, com um determinado contexto social, e, ao mesmo tempo, diacrônico, registrando estágios diferentes de uma língua, ao detectar formas em desuso e formas em visível ascensão.

Mas essa consolidação só veio a se estabelecer quando a Dialectologia sentiu a necessidade de buscar em outros campos de investigação linguística e cultural as bases para o aprimoramento de sua metodologia, tornando o alcance de seus objetivos cientificamente mais criterioso.

Entre as ciências que mais se assemelham à Dialectologia, dentro dos estudos da Linguística moderna, estão a Sociolinguística e a Etnolinguística, pois ambas estudam a influência da sociedade e da cultura na linguagem, apesar de se distinguirem quanto ao método e, principalmente, quanto ao foco. Sendo assim teceremos alguns comentários sobre elas no que diz respeito à sua contribuição no desenvolvimento das pesquisas dialetológicas.

¹⁰ *Und Sachatlas Italiens und der Südschweiz.*

¹¹ *Atlante linguistico-etnografico italiano della Corsica*

Usando as palavras de Coseriu (1987, p. 5), “a sociolinguística é o estudo da linguagem em relação com o contexto social [...] é o estudo da variedade e variação da linguagem com a estrutura social das comunidades falantes”. Essa definição mostra por que a Dialectologia é muitas vezes confundida com a Sociolinguística. Entretanto, enquanto uma estuda a variedade diastrática da língua, assim como a variedade diafásica, a outra estuda a variedade diatópica e sua relação com as unidades sinstrática e sinfásica.

Apesar de a Sociolinguística ser relativamente nova em relação à Dialectologia e à Etnolinguística, seus estudos trouxeram novas perspectivas a essas ciências, já que impuseram uma nova visão ao enfoque de estudo destas. Através da Sociolinguística, a Dialectologia passou a priorizar as variáveis extralinguísticas na recolha de seu material, utilizando-se principalmente de fatores estabelecidos pela “Teoria da Variação Lingüística”¹², como explica Oliveira (1998):

A metodologia da sociolingüística contribui, também para realização da seleção dos informantes, chama a atenção para o paradoxo do observador, orienta para um método de entrevista dinâmico, o que vai favorecer uma melhor coleta de dados para estudo morfossintático e apresenta fatores extralingüísticos para estratificação dos informantes. (p. 238)

Essa explicação é reforçada por Brandão (1996:1, *apud* Oliveira, 1998) quando afirma:

É, portanto do fato de uma localidade constituir, antes de tudo, um complexo social em permanente mutação que advêm não só as dificuldades de se delimitarem redes em pesquisas geolingüísticas mais amplas, mas também a certeza de que para em partes superá-las e assim dar conta da multidimensionalidade dos fenômenos lingüísticos, é necessário aliar os métodos da sociolingüística aos da dialectologia e acercar-se de outros ramos da ciência.

Sendo assim, os fatores de ordem sociocultural citados por Labov em sua teoria passaram a ser largamente estudados. Segundo Monteiro (2002; p. 68) os fatores mais discutidos são “o estilo de fala, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, a classe social, a região de residência ou a origem do falante”. Dentre eles, os que foram adotados pelo método geolingüístico são o estilo de fala, o sexo, a idade e a escolaridade.

Ao incluir o método de análise quantitativa desses fatores ao modelo já existente, os dialectólogos preencheram algumas lacunas que até então se encontravam em aberto. Dessa forma, passou-se a estabelecer um número exato de informantes para cada ponto com base nos mesmos.

¹² Modelo teórico-metodológico iniciado pelo americano Willian Labov, na década de 60, que se baseia em dados quantitativos.

Esse número foi calculado tendo em vista o sexo, a faixa etária e a escolaridade. A partir de então, em cada ponto pesquisado, passaram a ser inquiridos 04 (quatro) informantes, determinados especificamente pela idade, já que um dos objetivos da Dialetoлогия é recolher e interpretar traços linguísticos dos dialetos tanto em tempo aparente quanto em tempo real e, para isso, é preciso que se tenham informantes de duas faixas etárias, sendo um de cada sexo.

Na variável escolaridade, inicialmente foi privilegiado somente o informante que, enquadrando-se nas outras variáveis, deveria ter o mínimo possível de conhecimento escolar, seguindo a velha mentalidade da busca pelo dialeto puro. Com as mudanças sociais, essa mentalidade foi se modificando e, hoje, o intuito maior é registrar a língua nas suas mais diversas dimensões. Sendo assim, busca-se não apenas informantes com baixa escolaridade, mas também com nível superior. Quando o pesquisador opta por essa variante, o número de informantes aumenta para 08 (oito), seguindo os mesmos critérios citados.

Quanto ao estilo de fala, a Dialetoлогия utiliza o método da narrativa pessoal, pois “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, o informante desvincula-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”, como explicita Tarallo (1985). Foi a partir dessas narrativas que as características morfossintáticas e discursivas de uma determinada região puderam ser estudadas com maior rigor científico.

Outra contribuição valiosíssima da Sociolinguística, como mesmo cita Oliveira (1998), foi a solução para o problema que chamamos de paradoxo do observador, sobre se envolver ou não nas situações de fala, interagindo com o informante. A indicação de formular questionários que guiassem a conversação possibilitou a homogeneização dos dados para futuras comparações. Vale ressaltar que a Dialetoлогия sempre trabalhou com a aplicação de questionários, no entanto eles tinham como objetivo principal detectar fatos fonéticos e léxicos, com essa orientação os questionários ampliaram seu campo de atuação, recobrando também a morfossintaxe, a prosódia e metalinguagem e conversação.

Já a Etnolinguística possui uma linha mais tênue ao se diferenciar da Dialetoлогия. Coseriu (1987; p. 128) define-a como “o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades, e acrescenta ainda que é o estudo dos saberes acerca das coisas”. Sendo assim, a Etnolinguística estuda as estruturas socioculturais refletidas na língua, através da manifestação dos saberes, das crenças, da cultura, e do próprio espírito criador do homem, procurando analisar e descrever como a língua se coloca na construção da identidade individual do ser humano.

A Dialetoлогия também faz uso dos métodos etnolinguísticos que foram herdados da Antropologia a qual prega que não se pode estudar uma cultura sem que o pesquisador esteja inserido nela, devendo se aproximar ao máximo dos indivíduos observados como se fosse parte deles ao longo de uma intensa pesquisa.

Dentre tais métodos, os que mais nos auxiliam é o armazenamento de dados por meio de gravação em áudio, bem como a utilização de fotografias e a preocupação em reunir os dados sobre a comunidade tanto no aspecto histórico quanto no socioeconômico e cultural.

Dessa forma as pesquisas dialetológicas atuais, com o aperfeiçoamento metodológico que estas disciplinas proporcionaram, passaram a ter mais concretude na recolha de informações, tornando-se uma verdadeira fonte de dados para novos estudos e, com isso, auxiliando outras disciplinas.

Sendo assim seu campo de atuação tornou-se bem mais abrangente, como reforça Aragão (1983, p. 30-1), “o estudo atual da Dialetoлогия inclui não apenas aspecto geográfico, como também o temporal e o social, este último compreendendo o sócio-econômico-cultural”, áreas também de influência sociolinguística e etnolinguística.

Uma das maiores preocupações dos teóricos é saber qual é o grau de aprofundamento desses aspectos em seus estudos atuais, uma vez que as características das comunidades linguísticas estão cada vez mais diferentes, como demonstra Cardoso (2001), e as ciências em questão estão cada vez mais se infiltrando nesse espaço:

Do isolamento semitotal, caminha-se para a quebra de limites e fronteiras, movida pelo avanço dos meios de comunicação, pela interligação constante entre os centros de povoamento, pelo deslocamento mais intenso dos habitantes de região para outra, pela redefinição da constituição demográfica, pela flutuação da população de cada área, estimulada pelos novos mecanismos de caráter econômico e social. (p. 8)

Entretanto o que Cardoso questiona é se, com os novos caminhos, a Dialetoлогия deve manter sua característica primordialmente diatópica ou se deve enveredar em outros aspectos, seguindo a tendência atual em busca de novos métodos.

A própria autora posiciona-se a favor da conservação da característica primordial, mas não desprivilegia em tempo algum a contribuição das outras ciências, já que as mesmas complementam a interpretação das análises dos fatos linguísticos. Na verdade, a tendência é buscar a cooperação entre as ciências para tal propósito.

Logo percebemos que a Dialetologia e seus métodos de estudos estão se fortalecendo cada dia mais, por adaptar-se às mudanças em cena e por ser importante meio de estudo da língua em permanente mudança.

2.1.2 A Dialetologia no Brasil

A Dialetologia brasileira começou através dos trabalhos de Domingos Borges de Barros, conhecido como o Visconde de Pedra Branca, em 1826, com a publicação de “*Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, compare à la langue du Portugal*”. Essa obra marca não só o início da Dialetologia no Brasil, como também as novas fases por que passaram os estudos dialetais antes do estabelecimento da Geolinguística propriamente dita, os quais foram divididos em três fases, como explicita Ferreira e Cardoso (1994; p. 37).

A primeira fase começa em 1826, como já citamos, com a publicação do Visconde de Pedra Branca, terminando com a publicação de “*O Dialeto Caipira*”, de Amadeu Amaral, em 1920. Esta fase é caracterizada por trabalhos de cunho exclusivamente lexicográficos, observados pela produção de inúmeros volumes de dicionários, glossários e vocabulários regionais. Somente um trabalho em meio a essas produções lexicográficas traz um destaque ao aspecto gramatical, “*O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*”, de José Jorge Paranhos da Silva, publicado em 1879, segundo ainda Ferreira e Cardoso (1994; p. 39).

A segunda fase continua mantendo a tradição lexicográfica, embora já se tenha a preocupação de observar diretamente a área a ser descrita, porém dois trabalhos se sobressaem pelo seu aspecto metodológico: “*O Dialeto Caipira*”, que inicia essa fase, e “*O linguajar carioca*”, em 1922, de Antenor Nascentes. O primeiro surge da necessidade de se registrar cientificamente o processo dialetal brasileiro e o segundo do desejo de caracterizar todos os dialetos da nação brasileira, pretensão essa que tem em suas bases o desenvolvimento de atlas linguísticos regionais ou locais atuais, mas que ainda não foi concretizada, apesar de relevantes esforços para tal.

A obra de Amadeu Amaral demonstrou não só a preocupação com o registro a diversidade dialetal brasileira, como também com a realização da pesquisa *in loco*; elaborando, assim, as linhas básicas para um trabalho sério, com afirma Ferreira e Cardoso:

[...] a observação imparcial; a sistemática, o método, no trabalho; a retratação fiel da realidade a partir do que as amostras recolhidas permitiam; e, por fim, a importância da verificação pessoal dos fatos e da sua constatação, eliminando-se tudo o que ficasse no terreno hipotético ou no campo da incerteza. (1994; p. 40)

Quanto ao linguajar carioca, Nascentes tenta enquadrá-lo no conjunto dos falares brasileiros, para os quais propõe uma divisão dialetal que, até hoje, é ponto de referência entre dialetológicos e geolinguistas, abrindo de vez as portas para a Geolinguística. Apresenta, ainda, estudo sobre aspectos fonéticos, léxicos e morfossintáticos do dialeto carioca e um vocabulário de locuções populares do Rio de Janeiro.

É preciso salientar que essa fase foi bastante frutífera, pois outro trabalho que se destacou nesse período foi “*A língua do Nordeste*”, de Mário Marroquim, publicada em 1934. É um estudo aprofundado dos aspectos fonético-fonológicos, léxicos e sintáticos do falar de Alagoas e Pernambuco que, segundo o autor, tem influência direta nos demais falares da região Nordeste, devido ao sistema de colonização dos demais Estados, com exceção da Bahia e Sergipe, pois estes já marcavam outra zona dialetal.

Além de Marroquim e os outros dois já citados, muitos autores desenvolveram trabalhos de cunho fonético-fonológico e morfossintático em algumas regiões do Brasil e, ainda, trabalhos sobre a influência do africanismo no português, por ser um dos elementos formadores do português brasileiro.

A terceira fase inicia-se em 1952, com a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março, em que estabelece no seu artigo 3º que uma das finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa é a elaboração do Atlas linguístico do Brasil, dando início aos estudos geolinguísticos no país. Entretanto sem o empenho de quatro incansáveis e destemidos dialetólogos, o desenvolvimento da geografia linguística não teria sido tão bem sucedido, a saber: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Antenor Nascentes, pelo constante objetivo de realizar o Atlas linguístico brasileiro, mesmo reconhecendo, naquele momento ser uma tarefa impossível, em que publica as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, em 1958, com orientações fundamentais para a realização da pesquisa dialetal, além da sugestão de pontos de inquéritos por todo o território nacional.

Serafim da Silva Neto, pela publicação do *Guia para estudos dialetológicos*, em 1957, e uma série de outras publicações na *Revista Brasileira de Filologia*, em que incentiva não só a realização de Atlas, como também monografias que aprofundem os dados cartografados.

Celso Cunha, pela preocupação com a Língua Portuguesa nos mais diversos aspectos e, em especial, com o ensino, quando sugere que se abandone o ensino de regras inoperantes e se dedique ao estudo da língua, em sua obra *Uma política do idioma*, em 1968, segundo Cardoso e Ferreira (1994; p. 47). Sua contribuição se estende ainda aos estudos sociolinguísticos, por ter sido um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto NURC¹³.

E finalmente Nelson Rossi, o grande realizador do primeiro Atlas linguístico regional do território brasileiro: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963). Obra que marca o fim da terceira fase e a implantação definitiva da geografia linguística no Brasil. Seu mérito não diz respeito somente à realização desse feito, mas também ao desenvolvimento do espírito dialetológico na comunidade linguística, especialmente entre os estudantes, já que graças a eles, ou melhor, elas¹⁴, o *APFB* se concretizou, dando impulso para que outros trabalhos viessem a se realizar.

Esses autores e tantos outros foram os primeiros destemidos e incansáveis pesquisadores que se dispuseram a mergulhar no universo dialetal, tornando-se os primeiros a abrirem espaço e apontarem caminhos para serem seguidos por nós atualmente.

Há uma proposta, feita por Jacyra Mota e Suzana Cardoso de uma quarta fase da dialetologia brasileira, que é a atual, da realização do Atlas Linguístico do Brasil, a qual será abordada no item relativo à Geografia Linguística no Brasil.

2.1.3 A Dialetologia no Ceará

Os estudos dialetais cearenses podem ser registrados desde o início do século XX, sob os mais diversos aspectos como esclarece Monteiro (1995), entretanto a suposta ausência do registro desses estudos dá-se devido à sua escassa divulgação.

¹³ Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta.

¹⁴ A equipe formada por Rossi era composta por nove alunas bolsistas que, mais tarde, vieram a tornar-se dialetólogas e colegas de trabalho de seu mestre.

Com intuito de sanar esse equívoco, Monteiro faz uma revisão bibliográfica no ensaio “*Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense*” (MONTEIRO, 1995; p. 68), apresentando-a subdividida em seis categorias por considerar que o registro dos fatos linguísticos do falar cearense é multiforme e variado, como atestado em algumas obras de Florival Seraine¹⁵ acerca de traços linguísticos distintos em várias localidades do Ceará, tal como a região do Cariri.

Dessa forma as categorias selecionadas foram: pesquisas sobre o português do Brasil; estudos sobre o folclore cearense; obras de caráter regionalista; textos de cantadores e poetas populares; ensaios e estudos sobre o falar cearense, e dicionários de termos populares.

A primeira categoria de registro são obras publicadas por autores de diversas partes do país, sobre o português brasileiro e que fazem referência às características do falar cearense. Monteiro destaca especialmente duas obras: a primeira de autoria de Renato Mendonça, *O Português do Brasil* (1936), e a segunda de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira* (1920), cuja obra é considerada o marco inicial da segunda fase da Dialectologia no Brasil.

A segunda categoria relativa aos estudos sobre o folclore cearense é relevante porque muitos desses estudos além de apresentarem o registro da fala genuína do homem cearense e sua cultura, ainda trazem informações elucidativas sobre expressões populares através de glossários e notas. Exemplo disso é a obra de Juvenal Galeno, *Lendas e canções populares* (1982, 2ª ed.) que ainda faz uma análise dos traços comuns desse falar. Nesse grupo podemos destacar também Martinz de Aguiar, Florival Seraine, Luís da Câmara Cascudo, Idelfonso Albano e Sílvio Júlio, entre outros.

A categoria sobre obras de caráter regionalista é uma das mais extensas, por haver um elevado número de publicações literárias a esse respeito. Sendo assim as obras destacadas por Monteiro foram somente aquelas que produzissem subsídios bastante aprofundados para os estudos dialetológicos. Dentre elas podemos destacar: *Dona Guidinha do Poço* (1952), de Manuel de Oliveira Paiva; *Mississipi* (1961), *Terra de Sol* (1962) e *Praias e várzeas: alma sertaneja* (1979), de Gustavo Barroso; *Lendas e canções populares* e *Cenas populares*, (1969ª, 3ª ed.), de Juvenal Galeno; *O Cabeleira* (1966), de Franklin Távora; *A fome* (1922, 2ª ed.) e *Maria Rita* (1987), de Rodolfo Teófilo; *Luzia-Homem* (1980), de Domingos Olímpio; *O*

¹⁵ *Estudos cearenses* (1942), *Aspectos históricos da língua nacional no Ceará*, (1949), *Os estudos etnográficos e folclóricos cearenses* (1951), *Ensaio de interpretação lingüística* (1954a), e *Contribuição ao estudo da formação de palavras na linguagem popular cearense* (1957), entre outros.

Quinze (1967, 8ª ed.) e *João Miguel* (1973), de Rachel de Queiroz; *Perfis sertanejos* (1987), de José Carvalho; *Luizinha* (1980), de Araripe Júnior; *Ponta de rua* (1937), *Poço de paus* (1938), *A rua e o mundo* (1964), *Dois de ouros* (1966b), de Fran Martins, e *O chão dos mortos* (1964a), *Morro do Ouro* (1964b), *Rosa do Lagamar* (1964c), *À véspera do dilúvio* (1966), e *Os deserdados* (1967), de Eduardo Campos.

A quarta categoria, voltada para cantadores e poetas populares, faz referência à composição de cordel, uma das maiores fontes de descrição da linguagem sertaneja e que é usado abundantemente como fonte de análise. Por sua produção ser numerosa e nem sempre servir aos propósitos dialetológicos, Monteiro fez uma seleção de obras antológicas que destacam aspectos do falar cearense e que interessam à pesquisa dialetal. As principais antologias são *Vaqueiros e Cantadores* (1939), de Luís da Câmara Cascudo; *Alma do Nordeste* (1945, 5ª ed.), de Nery Camello; *Sertão alegre* (1965, 2ª ed.), *No tempo de Lampião* (1967, 2ª ed.), *Cantadores e Violeiros do Norte* (1976, 4ª ed.), de Leonardo Mota; *Cancioneiro do Norte* (1967, 3ª ed.), de Rodrigues de Carvalho; *Classificação popular da literatura de cordel* (1976), de Liêdo Maranhão de Sousa; o *Projeto Literatura de Cordel* (1978), coordenado por Roberto Aurélio Lustosa da Costa e a antologia *Literatura de cordel* (1982), organizada por José de Ribamar Lopes.

Na quinta categoria, encontram-se ensaios e estudos sobre o falar cearense em que destaca como pioneiro Martinz de Aguiar, através do trabalho de análise das características fonéticas do português cearense publicado no livro *Repasse crítico da gramática portuguesa* (1922), aliado a ele, encontramos Antônio Sales com as obras *Notas de linguagem* (1924) e *O falar cearense* (1927). Entretanto o autor que mais se destaca nesses estudos é Florival Seraine, com uma vasta obra dialetológica, que vai da análise dos aspectos fonéticos aos morfossintáticos, dos léxicos aos semânticos, perpassando por bilinguismos, cantigas populares e arcaísmos que podem ser conferidas em publicações de gramática, glossário, artigo, ensaio e livro. Dentre suas obras podemos citar especialmente *Estudos cearenses* (1942), *Aspectos históricos da língua nacional no Ceará* (1949), *Os estudos etnográficos e folclóricos cearenses* (1951), *Estudos de lexicografia e semântica cearenses* (1954b), *Dicionário de termos populares* (1958a), *Dialetologia cearense - morfologia e algumas notas semânticas* (1967), *A relação do Maranhão do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual* (1970), *Marcas de ruralidade na fala urbana* (1983), *Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza* (1984), *Linguagem e cultura* (1985) e *Temas de linguagem e de folclore* (1987). Na vasta obra de Seraine não podemos deixar de citar *Introdução ao Atlas Lingüístico*

e *Folclórico do Cariri* (1972), trabalho, este, que já precisava a importância do mapeamento linguístico do falar regional cearense.

Monteiro, ainda discorrendo nesta categoria, refere-se, com reservas, a alguns trabalhos sobre a identificação da influência indígena em nosso linguajar realizados por Renato Braga, Paulino Nogueira e Thomaz Pompeu Sobrinho. Além de citar duas dissertações de mestrado *O dialeto cearense* (1974) e *O léxico da cultura e industrialização do caju, em Pacajus-Ce* (1985), defendidas por Hamilton de Andrade e Luciano Pontes, respectivamente.

Por último, a categoria destinada a dicionários de termos populares. Esse conjunto relata o acervo de dicionários publicados destacando o léxico cearense, a saber: *Dicionário de termos populares* (1958a), de Florival Seraine; *Vocabulário popular cearense* (1967), de Raimundo Girão; *Dicionário de termos e expressões populares* (1972), de Tomé Cabral; *Locuções tradicionais no Brasil* (1977), de Luís da Câmara Cascudo, *Dicionário do palavrão e termos afins* (1979) e *Dicionário folclórico da cachaça* (1980, 2ª ed.), ambos de Souto Maior e *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará* (1985), de Eurípedes Chaves Jr.

O autor conclui seu ensaio apresentando alguns projetos que foram iniciados nas universidades da capital cearense, mas não concluídos no anseio de dar continuidade aos estudos dialetológicos cearenses como a descrição da norma culta de Fortaleza, coordenado pelo prof. Macambira, e o Atlas Linguístico do Estado do Ceará, pelo prof. José Rogério Bessa. Apresenta também o projeto PORCUFORT (Português Oral Culto de Fortaleza), sob sua própria coordenação, que vem auxiliando pesquisadores nos mais diversos trabalhos. Além disso, deixa bastante claro que o que falta ao falar cearense não é uma bibliografia, mas uma divulgação mais ampla dos textos produzidos.

Ao lado de Monteiro, podemos citar a Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão que publicou, por meio digital, uma bibliografia completa de todos os trabalhos realizados no campo da Dialetoologia, Sociolinguística e Etnografia a nível nacional desde os primeiros registros até o ano de 2002, intitulada *Bibliografia Dialetoal Brasileira*, em duas edições: a primeira refere-se até o ano de 1985 e a segunda, até 2002. Nesse trabalho, podemos encontrar as referências feitas por Monteiro e os trabalhos sobre o falar cearense até 2002. Neles, inclusive, há referência a dois trabalhos feitos sobre o falar iguatense, ambos de Silva: *Um estudo sobre a substituição consonantal / -y / em crianças usuárias de uma variedade dialetoal estigmatizada na região de Iguatu* (1994) e *A variação da consoante palatal / ʃ / no município de Iguatu* (1997).

De 2002 até os dias de hoje, muitos outros trabalhos dialetológicos, sociolinguísticos e etnográficos sobre nosso falar já foram publicados, como as teses de doutorado de Alencar, *Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /R/* e Araújo, *As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*, ambas em 2007. Além de projetos que foram realizados e envolvem muitos trabalhos nesse campo de estudo como o PROFALA, coordenado por Soares (2007) que tem como objetivo maior disponibilizar um banco de dados sobre o português falado no Ceará que sirva de *corpus* para os mais diversos estudos. Esse projeto complementa o PORCUFORT e o NORPOFOR¹⁶.

Apesar dos esforços coletâneos desses dois autores, podemos acrescentar ainda as dissertações de mestrado de Capistrano, *Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética* (2004); Ferreira, *Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir: um estudo dos movimentos sígnicos* (1997); Santiago, *A metátese da consoante vibrante / r / nos padrões vocálicos CVC e CCV(C) no português falado em Russas-Ce* (2003); Silva, *Vocabulário da construção civil da linguagem dos pedreiros de Limoeiro - CE* (1997), e Uchoa, *A sinalização de limites e conexões sintagmáticas por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza* (1996). Além do trabalho elaborado por Roncarati, como parte do relatório final do Projeto Dialectos Sociais Cearenses, intitulado *Enfraquecimento das fricativas sonoras* (1988).

Seguindo a tradicional falta de divulgação, temos ainda dois trabalhos monográficos de cunho sociolinguístico realizado através do curso de especialização em Ensino de Língua Portuguesa, ministrado pela FECLI, em Iguatu, entre tantos outros: *Atitudes didáticas dos professores-alunos do curso de Linguagens e códigos do programa Magister às variações lingüísticas de seus alunos* (2005), de Maria do Socorro Lima e Silva, e *Marcas lexicais identificatórias de falantes idosos na zona urbana do município de Nova Olinda – CE* (2007), de Maria Lucélia Ferreira de Souza.

Entretanto como é possível observar, apesar dos inúmeros trabalhos dialetológicos realizados, ainda nenhum que seguisse o método geolinguístico se concretizou. Mas não podemos deixar de salientar que o Ceará como parte do Projeto ALiB, está sendo pesquisado nas seguintes cidades: Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobral e Tauá.

¹⁶ Norma Popular de Fortaleza (2004-2006), coordenado por Aluiza Alves de Araújo. UECE.

2.2 A Geolinguística

2.2.1 A Geolinguística moderna e seu caráter pluridimensional

Uma das grandes preocupações dos geolinguistas na atualidade é combater as críticas feitas pelas ciências afins de que seus métodos, após um século de aplicação, continuam sendo os mesmos: monotópicos, monostráticos e monofásicos. Essa afirmação é um tanto descabida quando observamos os inúmeros atlas realizados, tanto a nível mundial, quanto nacional, que ostentam uma preocupação pela pluridimensionalidade de seus dados.

No entanto, a pressão estabelecida por essas críticas nos leva a repensar como a Geolinguística está se comportando no novo cenário que nos é apresentado. Cenário este que a busca pelo dialeto puro não atende mais às necessidades dos estudos dialetais, que a grande influência dos meios de comunicação de massa minimiza a diferença entre o dialeto rural e o urbano, e que a mobilidade do homem provoca mudanças sociais, culturais e linguísticas.

Radtke e Thun (1999) admitem que houve uma inegável interrupção da pesquisa geolinguística, especialmente na romanística de língua alemã, fazendo com que sua característica de ciência orientadora de novos conhecimentos fosse ultrapassada por outras ciências. Esse fato nos levaria a pensar que a Geolinguística estaria obsoleta.

Entretanto, a Geolinguística com o intuito de superar essas adversidades e demonstrar que pode também se adaptar à nova realidade faz uma reavaliação de seus métodos, incorporando técnicas de outras ciências como a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística e a Linguística de contato, demonstrando que o mais empírico dos métodos jamais poderia se tornar obsoleto.

Diante disso, resenhamos o texto de Radtke e Thun (1999), apresentado no simpósio *Novos caminhos da Geolingüística Românica*, em Heidelberg e Mainz, intitulado *Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço*, que teve como objetivo aproveitar a divisão dessa geolinguística para traçar novos caminhos, reunindo a experiência dos representantes da Geolinguística monodimensional com as novas técnicas dos geolinguistas inovadores.

A primeira crítica que os autores fazem é à crise da falta de informação, o que provoca a ausência de intercâmbio entre os vários direcionamentos dados aos estudos dialetais; enquanto

uns aceleram o passo em busca de “novos parâmetros, métodos e também meios técnicos, outros ainda seguem comodamente a via única da variação diatópica” (RADTKE e THUN, 1999, p. 33). Sendo assim, eles sugerem que se abra espaço para um diálogo entre os representantes desses dois segmentos para, daí, se colher bons frutos, ou seja, que a linguística europeia com sua sólida infraestrutura acadêmica auxilie os colegas latino-americanos que ainda engatinham nesse processo e, ao mesmo tempo, encontrem novas abordagens que aprimorem seus estudos.

O direcionamento que Radtke e Thun (1999) dão aos novos parâmetros geolinguísticos pode ser facilmente identificado na metodologia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2001), que norteia este trabalho. Sendo assim, quando for cabível, faremos referência a este trabalho, uma vez que este segue as orientações da geolinguística multidimensional a qual vai além da variação diatópica e acrescenta a seus estudos os parâmetros diastráticos e diafásicos, abordados pelos autores.

Observa-se que a principal variação da geografia linguística, pela qual, se faz jus seu nome, a diatópica, vem constantemente sendo ampliada, ultrapassando os limites políticos, em busca dos limites linguísticos. Em termos de Brasil, essa função está representada pela elaboração do ALiB que tem como um de seus objetivos específicos “estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.” (ALiB, 2001; p. 7)

Radtke e Thun (1999) apresentam uma sucinta descrição desses parâmetros, demonstrando seus avanços e suas dificuldades, além de levantarem questões sobre o saber metalinguístico, a topostática e a topodinâmica e sobre a inclusão do contato linguístico. É válido destacar que os autores fazem uma distinção entre a variação diastrática e as diageracional e diassexual, enquanto outros as incluem num único parâmetro. Sendo assim, as análises que recobrem o parâmetro diastrático priorizam somente o fator sociocultural da comunidade linguística.

Eles atestam que nos mais avançados projetos há uma constante combinação entre os parâmetros diatópico, diastrático e diafásico que faz com que se possam extrair inúmeras informações que recobrem diversas áreas de conhecimento. A combinação mais frequente é entre a variação diatópica e a diastrática.

Diante da análise de Atlas como MRhSA¹⁷, ALM¹⁸ e ADDU¹⁹, os autores constataram que a variação diastrática é mais complicada de se realizar, sem que se trace um perfil sociológico anterior ao início da pesquisa geolinguística. Já a variação diageracional, ao contrário, é bem mais fácil de trabalhar e realiza um antigo desejo da Geolinguística, cartografar o “tempo visível” (diacrônico) reproduzido pela convivência de gerações. Essa variação permite, ainda, o estabelecimento de isoglossas e a constatação de mudança e/ou variação, quando se trata de uma pequena área de estudo, como o município de Bagé – RS.

Notamos, assim, que dentro dessa nova abordagem o parâmetro diastrático está diretamente ligado aos pontos urbanos, onde é possível se fazer uma análise vertical mais segura; entretanto, sem os recursos da Sociolinguística, esse objetivo não poderia ser alcançado. Já no ALiB, o parâmetro diastrático engloba o diageracional, o diagenérico e a escolaridade, dessa forma todos os parâmetros são aplicados nos pontos de inquérito. A única exceção é em relação à variável escolaridade, que apresenta distinção entre as cidades do interior e as capitais, isto é, os informantes de nível superior só são pesquisados nas capitais.

Quanto ao parâmetro diassexual, Radtke e Thun (1999) iniciam sua explanação com a seguinte observação:

Na era da emancipação feminina, parece surpreendente que o parâmetro biológico ou diassexual seja considerado em tão poucos atlas, [**e questionam-se**] se o comportamento lingüístico das mulheres é mais conservador ou mais inovador do que os dos homens, ou se a diferença biológica na verdade seria uma diferença social produzida pela distribuição fixa dos papeis sociais na sociedade. (RADTKE e THUN, 1999, p. 38)

Sociolinguistas como Coulthard (1991, p.15) afirmam que “enquanto algumas diferenças lingüísticas são biologicamente determinadas (qualidade da voz, por exemplo), a grande maioria tem a função de identificar os/as falantes em seus papeis sexuais”. Sendo assim, não há como a Geolinguística moderna deixar passar esse fato despercebido. Tanto que podemos perceber essa preocupação no ALPR, no ALS²⁰ e no ALECMAN²¹, tendo maior enfoque os dados cartografados no ALM. Entretanto as dificuldades, antes apresentadas, de se cartografar contrastivamente esse parâmetro fez com que os autores elucidassem a necessidade de uma forma explícita de apresentação nos novos atlas. Só que hoje não é difícil

¹⁷ *Mittelrheinischer Sprachatlas/ Atlas Lingüístico da Romênia Central*

¹⁸ *Atlas Lingüístico de México*

¹⁹ *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay*

²⁰ *Atlante linguistico della Sicilia.*

²¹ *Atlas linguistico (y etnográfico) de Castilha-La Mancha*

cartografar o sexo, como o trabalho em questão, em que as cartas apresentam uma cruz onde os homens são ímpares e as mulheres pares.

A variação diafásica é a mais problemática na apresentação das cartas, devido ao grande número de estilos que podem ser identificados no ato da investigação junto aos informantes. Somente dois atlas, o ADDU e o ALM, se propuseram a fazer esse registro, através de mapas sintéticos, mesmo sendo passíveis de severas críticas.

Com essa constatação, os autores afirmam:

A descrição da variação diafásica põe em evidência uma necessidade especialmente notória de ajustes metodológicos e de aprimoramento das técnicas de gravação, para convertê-la em um elemento constitutivo da documentação geolinguística [...] uma grande parte do registro da variação diafásica, devido justamente à exigência de comparabilidade dos dados, fica reservada ao aprofundamento por estudos monográficos, ou seja, o mapa como indicativo de problemas lança o desafio à monografia pontual. (RADTKE e THUN, 1999, p. 40)

A preocupação com essa variação pode ser vista na metodologia do ALiB, através de questionários que direcionam o informante para a realização desses estilos, porém não sabemos como serão apresentados no atlas.

Dentre essas variações, os autores se preocupam também com a forma de registro dos saberes metalinguísticos dos informantes, já que ainda é uma questão que se encontra em estudo, e com o registro das informações relativas aos movimentos topostático e topodinâmico, denominação dada aos grupos de informantes fixos a uma localidade e aos grupos que vivem em constante movimentação entre uma localidade e outra, respectivamente. E por último, a preocupação de como registrar a coexistência de várias línguas e a influência que elas exercem uma sobre as outras. Afinal, esses são dados que não podem passar despercebidos, nem tão pouco desprivilegiados pelos investigadores.

Na busca pela representação pluridimensional dos fatos linguísticos, os autores detectaram alguns problemas de direcionamento, mas que, depois de solucionados, podem trazer avanços significativos. Esses problemas decorrem do novo enfoque que se quer dá aos parâmetros variacionais. Sendo assim, para minimizar os problemas e alcançar o objetivo almejado, os autores esclarecem

É necessário que decidamos se preferimos obter informantes em número suficiente em cada localidade, flexibilizando os critérios para cada caso, ou operar com critérios rigidamente definidos, correndo o risco de, em determinados lugares, não encontrar nenhum informante adequado. (p. 42)

A questão da pluralidade dos informantes fez com quem os novos atlas como MRhSA, ALM, ADDU e ALECMAN inovassem, optando por uma representação maior de informantes durante os inquéritos. Essa representatividade pode ser através da “pluralidade simultânea” ou “de uma via só”, conforme denominam os autores. A primeira estabelece-se pela presença de vários informantes durante a entrevista, numa interação simultânea, e a segunda pela aplicação do questionário aos informantes separadamente para posterior comparação. Ambos concordam que a pluralidade simultânea aproxima-se da visão da língua como comunicação, produzindo resultados mais expressivos.

Até então percebemos a enorme preocupação dos autores com a seleção das variantes e, conseqüentemente, a escolha dos informantes. No entanto a forma de apresentação desses dados coletados também é extremamente importante, já que é o resultado final de todo um processo de investigação.

Nesse aspecto, Radtke e Thun (1999, p. 45) afirmam que “o mínimo que se pode exigir de um mapa lingüístico moderno é a indicação estatística da quantidade dos exemplos com que se trabalha”. Essa afirmação é uma crítica à ideia de que os atlas podem ser feitos à revelia, ou sobrecarregados de informações, ou sem nenhum mapa como “alguns propõem com a afirmação de que cada um poderia elaborar o mapa que lhe interessasse, a partir de um banco de dados, ao qual tivesse acesso”. Agora o grande problema dos atlas modernos é como transmitir as informações coletadas relativas à sintaxe, à prosódia, à entonação e ao texto. Faz-se necessário que haja, portanto, uma cooperação técnica entre os teóricos para o desenvolvimento de tais projetos.

Mesmo assim a análise feita por eles sobre a Geolinguística românica e seus novos caminhos é extremamente positiva como fica claro em suas palavras:

A geolinguística está em vias de converter-se em uma ciência abrangente da variação. Ela aproveita as técnicas de processamento de dados com grande naturalidade e, em parte, com a intenção de inovar. Lhe resta ainda conquistar os níveis mais complexos da estrutura da língua que a tem salvado de todas as crises, verdadeiras ou sugeridas: a orientação para o realizável e o enraizamento em uma base empírica. (RADTKE e THUN, 1999, p.49)

Com base no exposto acima, podemos concluir que é de extrema necessidade a intersecção entre geolinguistas e teóricos afins, em que a cooperação técnica seja priorizada, especialmente entre países jovens como o nosso Brasil, uma vez que as técnicas da Geolinguística moderna, juntamente com sua sólida tradição de pesquisa, trazem grandes

benefícios e estímulos aos novos pesquisadores, garantindo, assim, a continuidade dos estudos dialetológicos, abrangendo a multidimensionalidade em que os fatos linguísticos estão inseridos imposta pelo mundo atual.

Para entendermos melhor como esse processo multidimensional é apresentado para a comunidade acadêmica, gramáticos, professores e interessados em geral, faz-se necessário abordarmos, mesmo que sucintamente, como são produzidos os atlas linguísticos e quais objetivos se querem alcançar. Como nosso trabalho é de cunho semântico-lexical, daremos ênfase aos atlas que se caracterizam com essa função.

Sabemos que as funções da Geolinguística perpassam a coleta e registro de materiais linguísticos através de Atlas que confirmam hipóteses, põem em evidência novos fatos e contribuem para esclarecer e modificar uma série de problemas que antigamente eram de difícil solução.

Os Atlas linguísticos possuem vantagens que as pesquisas dialetais não têm por permitir que se comprove a existência de uma forma, que se tenha induções de índole histórica e de caráter geral a respeito da mesma e que se façam importantes deduções no campo da comparação linguística. Assim a Geolinguística “mostra, por um lado, o constante jogo dialético entre inovação e conservação, entre criação individual e tradição, e, por outro, o jogo entre o ato individual e norma social, entre heterogeneidade e homogeneidade”, de acordo com Coseriu (1982; p.105).

Ainda, segundo Coseriu (1982), os Atlas linguísticos são coleções cartográficas de material linguístico e fazem parte da geografia linguística que considera não só o homem em seu habitat natural e todas as realizações humanas num espaço territorial, como também as relações entre a vida social e cultural do homem e seu ambiente natural. Sua importância encontra-se, como podemos perceber, na afirmação da dialetóloga Aragão (1983, 1996, 2004):

[...] facilidades advindas da modernização dos meios de comunicação de massa trazem a tendência de nivelar, em todos os sentidos – espacial, temporal e social – os vários dialetos ou falares de uma mesma língua. Daí a importância e a necessidade de se estudar e caracterizar tais falares, antes que sejam absorvidos e desapareçam sem que deles se faça um estudo sistematizado e um registro para a história da língua.

Entretanto, para que se tenha um trabalho representativo de tais falares ou dialetos, é preciso que haja uma série de etapas antes da elaboração das cartas linguísticas que compõem

o mapa. Estas etapas compreendem a preparação, coleta e arquivamento do material que será registrado em mapas para posterior análise e interpretação do mesmo. Tais procedimentos estão exaustivamente especificados no capítulo seguinte, concernente à metodologia, que engloba a definição dos pontos de inquérito, os critérios de seleção dos informantes, a aplicação do questionário voltado para a obtenção dos itens lexicais e sua organização, arquivamento e transcrição do *corpus* e preparação das cartas léxicas, conforme orientação de Coseriu (1982, p. 84).

Dependendo do enfoque que se deseja abordar, os mapas linguísticos podem ser apresentados através de cartas sintéticas, pontuais, similares, demonstrativas ou interpretativas. Entretanto não se devem superlotar as cartas de informações que, ao invés de esclarecer, irão confundir os analisadores.

Como o trabalho aqui em estudo refere-se à catalogação dos falares pertinentes à comunidade de Iguatu, os mapas produzidos são exclusivamente lexicais, pois, como explica Coseriu (1982, p. 83), nestes “se registram as palavras empregadas para expressar o mesmo conceito (...) independentemente das variações fônicas, isto é, da pronúncia comprovada em cada ponto”. Estas palavras são documentadas através da aplicação de um questionário semântico-lexical sob orientação onomasiológica.

A partir desses registros, é possível comprovar a existência de áreas isoléxicas, como no EALMG, no APFB e no ALS, principalmente nesses dois últimos, por terem sido elaborados pela mesma equipe, facilitando a comparação entre as áreas.

Os atlas linguísticos semântico-lexicais de abordagem pluridimensional, além de registrarem os itens lexicais, analisam os fatores socioculturais que os cercam, justificando seu polimorfismo e apresentando sua movimentação linguística dentro da área de análise.

Sendo assim esses atlas cumprem seu principal papel, o de registrar o léxico, “parte viva da língua, patrimônio social da comunidade”, segundo conceituam Antunes e Vianna (2006, p. 24), que “é focado como signos operacionais por meio do qual os indivíduos de cada tempo e cada lugar, podem pensar, expressar seus sentimentos e manifestar suas idéias”. E se propõem a oferecer um considerável volume de dados aos interessados nos estudos linguísticos, como lexicógrafos, gramáticos, escritores e professores, para que estes aprimorem seu campo de atuação, valorizando o falar de sua comunidade linguística, em consonância com a variante culta. (ALIB, 2001).

2.2.2 A geografia linguística no Brasil

A Geografia linguística brasileira se solidifica com o início da quarta fase dos estudos dialetais, marcada pelo desenvolvimento e publicação de nove Atlas linguísticos regionais, já que a realização do Atlas Linguístico do Brasil não se cumpriu conforme a Portaria 536/26.maio.52²² estabelecia. A não realização deu-se por conta de uma série de fatores que entravaram a realização do grande Atlas linguístico brasileiro, citados por Thun (1992, *apud*, Ferreira e Cardoso, 1995), os quais seriam a enorme superfície do país, a falta do homem pesquisador, a ausência de interesse das autoridades estatais em tal empreendimento e a ausência de uma mentalidade dialetológica entre professores e alunos.

Sendo assim os modernos atlas linguísticos de algumas regiões brasileiras começam a se desenvolver, trazendo informações sobre a variação linguística em diferentes dimensões. A diatópica, a diastrática, diageracional, diassexual e a diafásica. Seguindo métodos que ora se assemelham, ora se distanciam, são publicados os seguintes atlas: *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963)*, *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG (1977)*, o *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPb (1984)*, o *Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS (1987)*, o *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (1994)*, o *Atlas Lingüístico Etnográfico da Região Sul – ALERS (2002)*, o *Atlas Lingüístico de Sergipe II (2002)*, o *Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Pará (2004)* e o *Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (2007)*.

Com a publicação dos 05 primeiros atlas acima relacionados e o empreendimento de tantos outros, os pesquisadores geolinguistas brasileiros viram que era chegada hora de concretizar o desejo de Antenor Nascentes e deram início à realização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, o qual fora iniciado no final do século XX, no ano de 1996. Desde então, uma equipe composta pelos autores dos principais atlas regionais publicados vem trabalhando constantemente para a concretização deste sonho. Tanto que já foram publicados os questionários que são utilizados nas pesquisas e dois documentos, que estão servindo de base e orientação para a realização de novos atlas como é o caso deste aqui.

Com a implantação desse projeto, os trabalhos nesse campo de pesquisa se multiplicaram, dando origem à vasta lista exposta abaixo.

²² Portaria estabelecida a partir do Decreto de Lei 30.643, sobre a obrigatoriedade de realizar o Atlas Lingüístico do Brasil, cf. FERREIRA e CARDOSO, op. cit.; p. 92.

Os atlas que ainda se encontram em fase de publicação são: o *Atlas Lingüístico do Ceará*; *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Adrianópolis*, dissertação defendida na UEL em 2000, o *Atlas Lingüístico do Amazonas*, tese defendida na UFRJ em 2004; o *Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara*, dissertação defendida na UFRJ em 2006; o *Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã-MS: Um Registro das Línguas em contato na Fronteira do Brasil com o Paraguai*, dissertação defendida na UFMS, em 2006; o *Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar*, tese defendida na UFRJ em 2007; o *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro*, Tese defendida na UFRJ, em 2008, e o *Atlas Lingüístico da Mesorregião Sudeste de Mato Grosso*, dissertação defendida na UFMS, em 2009.

Além destes, há também os que se encontram em fase avançada ou inicial de elaboração, quer sejam por iniciativas de projetos acadêmicos, como o *Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro*, O *Atlas Lingüístico de São Paulo*, o *Atlas Lingüístico do Acre*, o *Atlas Lingüístico do Mato Grosso*, o *Atlas Lingüístico do Espírito Santo*, o *Atlas Geosociolingüístico do Pará*, o *Atlas Lingüístico do Maranhão*, o *Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte* e o *Atlas Lingüístico do Piauí*; quer sejam por iniciativas pessoais que resultarão em teses de doutorado e dissertações de mestrado, como o *Atlas Lingüístico do Paraná II*, em elaboração como tese de doutorado de Fabiane Cristina Altino, na UEL; o *Atlas Lingüístico Rural do Município de Ponta-Porã – Mato Grosso do Sul*, em realização como dissertação de mestrado de Regiane Coelho Pereira Reis, na UFMS; o *Atlas Lingüístico da Mata Sul de Pernambuco*, de Edilene Almeida, como dissertação de mestrado na UFPB; e o *Atlas Lingüístico da Mesorregião do Oeste Potiguar*, de Moisés Batista da Silva, como tese de doutorado na UFC.

Apesar do avanço que a Geolingüística vem demonstrando em nosso país, problemas estruturais e financeiros ainda embargam o desenvolvimento de seus projetos como bem exemplifica o ALECE, pois, conforme Aragão (2006) esclarece, tal projeto foi coordenado pelo prof. José Rogério Fontenele Bessa, da Universidade Federal do Ceará, desde 1978, entretanto continua no prelo, em fase de publicação.

Sua pesquisa foi realizada em 69 municípios, inclusive em Iguatu, que tinham características físicas, sociais e econômicas semelhantes, num total de 268 informantes entre homens e mulheres, com faixa etária entre 30 e 60 anos, sendo analfabetos ou possuindo até a 4ª série do fundamental.

O questionário, aplicado *in loco*, continha 306 perguntas, distribuídas em 583 itens dos seguintes campos semânticos: (i) natureza: tempo, o homem, parentesco, partes do corpo, funções do corpo e doenças; (ii) o homem: características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal, atividades e utensílios domésticos, comida, religião, animais e outros. Este é o único questionário que apresenta uma característica peculiar, todas as suas perguntas podem ser destacadas.

Quanto à apresentação das cartas, foram elaboradas 223, sendo 75 lexicais e 148 fonéticas, além das de ocorrência única e de variação zero. Em cada uma delas, haverá uma legenda de cores e formas para retratar o item cartografado, demarcando a variação diageracional e diagenérica.

O Atlas foi organizado para ser publicado em 03 volumes: o primeiro, contendo a introdução, a orientação teórica, a metodologia e uma bibliografia dialetal cearense; o segundo, contendo as cartas fonéticas e léxicas, e o terceiro, um glossário e um apêndice das formas e expressões que foram identificadas, mas não foram pré-determinadas pelo estudo.

Segundo Isquierdo (2006), o ALECE não se propunha somente a registrar o falar cearense, mas também a ser um instrumento que pudesse fornecer dados para a reformulação do ensino de língua portuguesa, especialmente no ensino fundamental; entretanto, por questões burocráticas, encontra-se no prelo, sem poder atingir seu objetivo primordial. São casos como esse que Aragão (1996), dentre outros, se ressentem da falta de colaboração de órgãos que fomentem e financiem as pesquisas, prejudicando sua conclusão.

Sendo assim, uma das saídas encontradas pelos estudiosos foi a elaboração de atlas como dissertação e tese, aliadas ao Projeto ALiB, fazendo com que o início do século XXI se tornasse um marco no desenvolvimento de pesquisas geolinguísticas em nosso país continental, configurando, assim, a quarta fase da dialetologia brasileira.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

3.1 Pontos de inquérito

Com base nos aspectos geográficos e socioeconômicos do município de Iguatu, a pesquisa tem uma malha de 06 pontos, uma vez que os inquéritos abrangem tanto o meio rural quanto o urbano, sendo 04 pontos na sede e 02 nos distritos. Os 04 pontos na sede foram escolhidos com base nas orientações do projeto ALiB que determina um número de 04 pontos por localidade. Acrescentamos, ainda, 02 pontos rurais para que toda a localidade fosse recoberta e pudéssemos traçar um perfil dos aspectos linguísticos do município de Iguatu como um todo.

Dessa forma, a escolha dos bairros para a aplicação dos inquéritos foi realizada seguindo dois critérios: localização e tempo de existência do bairro. A localização deve-se à rede de pontos, com o intuito de mapear toda a cidade. Esses pontos, bairros, formam uma malha que cobre tanto a periferia, quanto a região central da sede. Já o tempo de existência diz respeito ao período de constituição dos bairros, tornando-se uma variante importante no estudo diacrônico do falar iguatense, optando-se por dois mais antigos e dois mais recentes.

A escolha dos distritos deu-se pela distância em relação à sede, ou seja, são os distritos mais longínquos da sede, formando um eixo diagonal entre ambos, e também pelo tempo de existência de cada distrito, fazendo uma polarização entre os mais antigos e os mais novos. Sendo assim temos:

- a) Bairros: Alto do Jucá, Jardim Oásis, São Sebastião e Vila Coqueiro.
- b) Distritos: José de Alencar e Riacho Vermelho.

Vale ressaltar que, em cada ponto, foram inquiridos 04 informantes, conforme o item 3.3 e podem ser identificados no material arquivado da seguinte forma:

ZU 01= Zona Urbana – Alto do Jucá

ZU 02= Zona Urbana – Jardim Oásis

ZU 03 = Zona Urbana – São Sebastião

ZU 04 = Zona Urbana – Vila Coqueiro

ZR 01 = Zona Rural – José de Alencar

ZR 02 = Zona Rural – Riacho Vermelho

3.2 Perfil dos bairros e distritos pesquisados

O perfil dos 04 bairros e dos 02 distritos pesquisados foi constituído a partir de informações obtidas através das próprias pessoas residentes na localidade e de órgãos públicos ligados à prefeitura detentores de tais informações.

Utilizamo-nos da ficha da localidade elaborada pelo Projeto ALiB que dispõe de um questionário que levanta aspectos como nome oficial, nomes anteriores, nomes dados aos habitantes, ao falar local, número de habitantes oficial ou aproximadamente, atividades econômicas predominantes, industriais, sublocalidades, infraestrutura, dados sobre emigração e imigração, características demográficas e perfil histórico. Com base nessas fichas e informações adicionais, discorreremos sucintamente sobre cada ponto.

3.2.1 Alto do Jucá

O bairro Alto do Jucá, ponto ZU 01, é um dos mais antigos da cidade, localizando-se a leste da margem esquerda do rio Jaguaribe e ao sul da sede do município com uma área equivalente a 3% desta. Caracteriza-se por ser a porta de entrada para todos que se deslocam de Cedro, Icó, Orós e Várzea alegre para a cidade de Iguatu. Conta com um total de 5.502 habitantes, predominando em sua maioria os idosos, seguidos de adultos economicamente ativos e, no topo da pirâmide demográfica, estão os adolescentes e crianças. Para esse montante, o bairro oferece atividades de serviço e comércio, como mercearias, bares e lanchonetes, lojas de roupas, postos de gasolina e *lan house*. Além disso, possui fábricas caseiras, voltadas para a fabricação de doces, sorvetes, roupas e material de limpeza.

No aspecto infraestrutural, além dos serviços de água, luz e esgoto, possui duas escolas de nível fundamental, uma pública e uma particular, um posto de saúde, com atendimento em casa pelo PSF (Programa Saúde da Família) e uma pousada. A escola municipal, no período noturno, atende aos programas do Governo Federal para a educação de jovens e adultos.

Quanto aos moradores que saem do bairro, geralmente vão para outras cidades como Fortaleza, Crato e São Paulo, em sua maioria são jovens que buscam uma melhor condição de vida através do trabalho.

3.2.2 Jardim Oásis

O bairro Jardim Oásis, ponto ZU 02, segue direção contrária ao descrito anteriormente. É um dos mais novos bairros da cidade que está em constante crescimento de forma planejada e localiza-se numa zona periférica a oeste da sede, ocupando cerca de 10% desta. Sua população constitui-se de pessoas que vieram da zona rural ou de cidades vizinhas, tendo a prevalência de adultos, seguidos de jovens, perfazendo um total de 3.423 habitantes. A grande maioria trabalha nos bairros vizinhos ou no centro da cidade, por isso a base econômica é constituída de atividades comerciais como panificadoras, mercearias, botecos, salão de beleza e oficinas mecânicas.

Ainda assim, possui uma escola pública de nível fundamental que oferece os programas Brasil Alfabetizado e Projovem, e um posto de saúde que oferece atendimento ao idoso e o Programa Saúde da Família.

3.2.3 São Sebastião

O bairro São Sebastião, ponto ZU 03, segue as mesmas características do ZU 01. É um dos mais antigos e também fica às margens do Rio Jaguaribe, sendo que na parte nordeste da cidade, ocupando um espaço equivalente a 3% da sede, entretanto é um bairro central que muitas vezes foi confundido com o centro por ser continuação deste. Sendo assim, oferece um variado número de atividades comerciais e de serviço tais como laboratórios, supermercados, clínicas, bares, lanchonetes e restaurantes, entre outros. Sua população gira em torno de 6.698 habitantes, prevalecendo jovens e idosos.

É um bairro habitado por pessoas que têm elevado poder econômico e grau de instrução, por isso é considerado um dos bairros nobres da cidade onde se estabelece a Prefeitura, a Catedral da Diocese e a Casa de Maternidade Agenor Araujo. Além disso, é a localização da unidade da URCA que oferece os cursos de Direito, Enfermagem, Educação Física e Economia, juntamente com cursos preparatórios para vestibulares. Este fato está ocasionando um aumento em sua população de jovens estudantes que vêm de cidades vizinhas para ingressar nos cursos superiores oferecidos. O deslocamento emigratório dá-se pelos mesmos motivos, em busca dos grandes centros educacionais como Crato, Campina Grande e Fortaleza e também é realizado por jovens.

3.2.4 Vila Coqueiro

O bairro Vila Coqueiro, ponto ZU 04, possui as mesmas características do bairro Jardim Oásis. Está em crescente ocupação, possui uma estruturação planejada, é periférico e é um dos mais novos bairros de Iguatu. Localiza-se a sudoeste da sede, ocupando cerca de 7% de sua área, e surgiu do assentamento de pessoas nos domínios territoriais do DAAE (Departamento Autônomo de Água e Esgoto), vindo da zona rural e/ou das cidades vizinhas que buscavam melhores condições de vida, por isso ainda possui características do meio rural, como a criação de gado em vacarias. Devido a esse fato o bairro era inicialmente conhecido como Vila DAAE e posteriormente recebera esse nome.

Encontra-se afastado do centro e pode se caracterizar como a porta de entrada para as pessoas que se deslocam de Jucás, Cariús e de Saboeiro para Iguatu. Sua população gira em torno de 2.022 pessoas com predominância de adultos economicamente ativos, seguidos por jovens e crianças e em menor número estão os idosos.

O movimento migratório estabelece-se quase exclusivamente na imigração do meio rural seja do próprio município, seja de outros municípios. Quanto à emigração, dá-se em número bastante reduzido e em direção aos bairros mais centrais da cidade, são poucos os casos de pessoas que se deslocam para os grandes centros urbanos, como os demais. Um dos motivos é o pouco ou nenhum acesso à escola pela maior parte da população adulta e idosa. Hoje já conta com uma escola de ensino fundamental que oferece também os programas educacionais do Governo Federal, entretanto não há escolas de nível médio, dificultando o acesso dos jovens a essa escolarização.

Quanto ao desenvolvimento econômico, conta principalmente com o comércio de pequeno porte como mercearia, bar, açougue, sorveteria e *lan house*, além de atividades agrícolas. Já socialmente, possui uma associação de moradores e grupos de jovens constituídos pelas igrejas católica e evangélica presentes no bairro. É assistida também por um posto de saúde que desenvolve o Programa Saúde da Família.

3.2.5 José de Alencar

O distrito de José de Alencar, correspondente ao ponto ZR 01 de nossa pesquisa, é um dos mais antigos do município, o qual era conhecido como Serra dos Moraes, primeira família a habitar a localidade, mas recebeu esse nome por meio de um Decreto de Lei de 1943 com o intuito de homenagear o presidente José Martiniano de Alencar. Este distrito é tão antigo

quanto o próprio município, mas só foi vinculado ao mesmo em 1938. Atualmente, com uma área de 43 km², cerca de 4% da área total do município, possui 53 sub-localidades dentre as quais podemos citar Vila Estrada, Várzea Grande, Cajás, Cruz de Pedra e Barrocas por serem mais desenvolvidas e por possuírem maior extensão territorial.

Quanto à sede do distrito, conhecida somente por Alencar, possui cerca de 0,29 km² com uma média de 4.333 habitantes, chamados de alencarinos. Já o distrito completo perfaz um total aproximado de 14.000 habitantes, localizando-se na parte leste do município e fazendo divisa com o município de Orós e Icó. É o trajeto para quem se desloca desses municípios em direção a Iguatu.

Com o passar do tempo, a sede ganhou ares de cidade, já sendo dividida por ruas e bairros, onde possui 02 escolas públicas, uma voltada para o ensino fundamental e a outra para o ensino médio, uma casa de saúde com estrutura para maternidade e vários postos voltados para a saúde da família, além de vários pontos comerciais e de serviço, mesmo a agricultura sendo a principal fonte de renda. Desses pontos comerciais podemos destacar mercearia, bar, mercantil, salão de beleza entre outros. Podemos encontrar ainda algumas fábricas de doce caseiro e uma firma de minérios.

O acesso atualmente se dá por meio de rodovias, mas antigamente era possível também por linha férrea, pois a ferrovia Fortaleza-Crato passava por lá. Quanto ao movimento migratório da localidade, o deslocamento geralmente é feito para os grandes centros urbanos como as demais localidades investigadas e sempre a procura de emprego, São Paulo e Santa Catarina são as cidades mais procuradas pelos habitantes. Já o estabelecimento na comunidade é feito por pessoas que vêm dos sub-distritos e por pessoas que retornam dos grandes centros para conviverem novamente com a família.

3.2.6 Riacho Vermelho

O distrito Riacho Vermelho, ponto ZR 02, foi recentemente constituído da junção dos sítios Recreio, Canafístola, Retiro, Tipis, Morada Nova e do próprio Riacho Vermelho, fazendo divisa com Acopiara. Está localizado na região norte do município, a 25 km de distância da sede e sua área equivale a cerca de 10 km², aproximadamente 1% da área total do município para uma média de 1876 habitantes. O acesso é feito por meio de rodovias e de estradas carroçais.

Neste distrito, a comunidade pesquisada foi o sítio Recreio que possui as mesmas características das demais localidades que o constituem, com uma média de 350 habitantes.

Possui escola municipal, posto de saúde organizado pelo PSF, posto comunitário e associação de moradores, pela qual se desenvolvem projetos voltados para o bem-estar da comunidade, tais como abastecimento de água, energia elétrica e infraestrutura agrária, uma vez que a agricultura é a principal atividade econômica e meio de subsistência. Entretanto já encontramos algumas atividades comerciais e de serviço como bodegas, bares e posto de mototáxi, serviço muito comum na região devido às longas distâncias e às condições das estradas.

As condições de migração da localidade é a mesma em todo o distrito. Os moradores que saem geralmente vão ou para os sítios vizinhos, ou para a sede do município e cidades vizinhas, ou para os grandes centros urbanos, todos em busca de melhoria de vida. Já os que chegam também vêm de comunidades vizinhas e dos grandes centros para se estabelecerem junto à família que lá deixaram. Entretanto é fato que o número dos que saem é sempre superior aos que chegam.

Atualmente a população é constituída em primeiro lugar por jovens e adolescentes, seguidos de adultos e crianças e, em menor número, estão os idosos. A permanência de jovens na comunidade é estimulada pelo investimento na educação e na cultura local que está fortemente ligada à crença religiosa.

3.3 Informantes

Em cada localidade, os informantes foram inquiridos com base nos critérios estabelecidos pelo ALiB que vêm atender também aos pressupostos da Dialectologia pluridimensional, a qual estuda tanto as mudanças horizontais, ou seja, geográficas, quanto as verticais, no âmbito social, conforme Mota (2004).

Dessa forma, para a seleção dos informantes, foram estabelecidos os seguintes critérios:

a) Número: 24

b) Faixa Etária (variação diageracional)

I – 18 a 30 anos

II – 45 a 60 anos

c) Sexo (variação diassexual ou diagenérica)

Homens – 12 (identificados com números ímpares)

Mulheres – 12 (identificados com números pares)

d) Escolaridade: ensino fundamental I (entre nula e 5º ano) e ensino fundamental II (entre 6º e 9º ano).

e) Naturalidade: nascidos na localidade cujos pais sejam da localidade ou procedam da região.

A seleção de 24 informantes diz respeito ao número de pontos, uma vez que são 06 pontos e em cada um foram entrevistadas 04 pessoas, seguindo os critérios pré-estabelecidos, para que as variações diageracional e diagenérica fossem criteriosamente controladas. Vale ressaltar que no ponto ZU 04 a 2ª faixa etária estendeu-se até 61 anos, por não encontrarmos informantes que se enquadrassem em tais critérios.

Já o grau de escolaridade foi o menos controlado, importando apenas que os informantes não ultrapassassem o nível de ensino fundamental. Sendo assim, encontramos quase dos os informantes da 1ª faixa etária com nível escolar equivalente ao Ensino Fundamental II, com exceção de apenas dois homens; e os da 2ª, com nível de Ensino Fundamental I, excetuando-se apenas um homem, como podemos observar no exposto abaixo. Isto nos leva a concluir que o nível de escolarização entre os informantes da 1ª faixa etária está cada vez mais alto. No critério naturalidade, nem todos puderam ser nascidos na localidade, mas a maioria veio de regiões circunvizinhas

Sendo assim, o informante será identificado por M do sexo masculino e por F do sexo feminino e os dados sobre cada um deverão ser lidos da seguinte forma: pontos de inquérito, número da localidade. Iniciais do nome completo, apelido se houver. Gênero (M ou F), faixa etária (FE1 –FE2). Escolaridade. Naturalidade. Tempo de residência no local. Viagens realizadas. Local de nascimento do cônjuge (se houver) e dos pais. Meio de comunicação mais usado.

1. Alto do Jucá

ZU 01/1 - CAB, Carlim. M, FE1. 4ª série do Fundamental I. Iguatu. Viaja para localidades vizinhas a trabalho. A esposa é de Cariús e os pais de Iguatu. Ouve rádio e assiste TV com pouca frequência.

ZU 01/2 – MLS, Nalva. F, FE1. EJA II. Cariús. 18 anos. Viagens rápidas para cidades vizinhas. O pai é de Cariús, a mãe de Várzea Alegre e o esposo de Iguatu. Ouve rádio todos os dias e pouco assiste TV.

ZU 01/3 – CRS, Carlinhos. M, FE2. EJA I. Acopiara. 31 anos. Passou 7 anos em São Paulo. Os pais são de Acopiara, mas foi criado pelos avós em Iguatu. Assiste TV e ouve rádio todos os dias.

ZU 01/4 – MGB, Maria de Dedé. F, FE2. 3ª série do Fundamental I. Saboeiro. 49 anos. Não viaja. Os pais são de Suassurana-Iguatu e o esposo de Iguatu. Assiste TV todos os dias e, às vezes, ouve rádio.

2. Jardim Oásis

ZU 02/1 – CHGL. M, FE1. 9º ano do fundamental II. Iguatu. Não viaja. O pai é de Piquet Carneiro e a mãe e a esposa são de Iguatu. Assiste TV todos os dias e raramente ouve rádio.

ZU 02/2 – RFR, Meire. F, FE1. 9º ano do Fundamental II. Acopiara. 15 anos. Viaja somente para Acopiara e interior do município. O pai é de Mombaça, a mãe de Acopiara e o esposo de Alencar-Iguatu. Assiste TV todos os dias, às vezes, ouve rádio e lê revista sobre novela.

ZU 02/3 – EGA. M, FE2. 5º ano do Fundamental I. Iguatu. Viagens somente na região. Os pais e a esposa são de Iguatu. Ouve rádio todos os dias e, às vezes, assiste TV.

ZU 02/4 – ALL, Toinha. F, FE2. 1ª série do Fundamental I. Viveu 2 anos em Goiânia. O pai é de Orós, a mãe de Jucás e o companheiro de Iguatu. Assiste TV e ouve rádio todos os dias.

3. São Sebastião

ZU 03/1 – JPN, JP. M, FE1. 9º ano do Fundamental II. Iguatu. Viagens rápidas para muitas cidades dentro e fora do Estado. O pai é de Morada Nova e a mãe de Iguatu. Às vezes, assiste TV e ouve rádio.

ZU 03/2 – MFNS. F, FE1. 9º ano do Fundamental II. Iguatu. Passou 2 anos em São Paulo. O pai é de Morada Nova e a mãe e o esposo são de Iguatu. Assiste TV regularmente e, às vezes, ouve rádio e lê variedades em jornal impresso.

ZU 03/3 – GRS, Lalau. M, FE2. 9º ano do Fundamental II. Iguatu. Viajou várias vezes para o Rio de Janeiro. Os pais são de Iguatu e a esposa do Rio de Janeiro. Assiste TV todos os dias e, às vezes, ouve rádio e lê jornal e revista.

ZU 03/4 – MFPN, Fátima. F, FE2. 5º ano do Fundamental I. Iguatu. Os pais são de Iguatu e o esposo de Morada Nova. Regularmente assiste TV e ouve rádio.

4. Vila Coqueiro

ZU 04/1 – FADS, Kiano. M, FE1. 9º ano do Fundamental II. Várzea Alegre. 20 anos. Viagens rápidas para a capital do Estado. O pai é de Várzea Alegre e mãe de Iguatu. Às vezes, assiste TV.

ZU 04/2 – CSS. F, FE1. 9º ano do Fundamental II. Saboeiro. 11 anos. Viagens somente pelas cidades vizinhas. Os pais são de Saboeiro. Regularmente assiste TV e ouve rádio.

ZU 04/3 – JBS, João Pernambucano. M, FE2. 1ª série do fundamental I. Itabira-PE. 51 anos. Não viaja. Os pais são de Itabira-PE e a esposa de Catarina-CE. Assiste TV regularmente e, às vezes, ouve rádio.

ZU 04/4 – CMMA, Nice. F, FE2. 5º ano do Fundamental I. Várzea Alegre. 32 anos. Viajou algumas vezes para São Paulo e Pernambuco. Os pais são de Santana do Cariri-PE. Ouve rádio todos os dias e pouco ver TV.

5. José de Alencar

ZR 01/1 – JHM. M, FE1. 9º ano do Fundamental II. Iguatu. Viagens para as localidades vizinhas. Os pais são de Iguatu. Ouve rádio todos os dias e, às vezes, assiste TV.

ZR 01/2 – APGA, Paula. F, FE1. 8º ano do Fundamental II. Iguatu. Viagens para as localidades vizinhas. Os pais e o esposo são de Iguatu. Assiste TV todos os dias e, às vezes, lê revista sobre novelas.

ZR 01/3 – APO, Antoi João. M, FE2. 1ª série do Fundamental I. Iguatu. Não viaja. Os pais e a esposa são de Iguatu. Quase nunca vê TV ou ouve rádio.

ZR 01/4 – MFS, Vera. F, FE2. 4ª série do Fundamental I. Fortaleza. 43 anos. Não viaja. O pai é de Várzea Alegre e a mãe de Iguatu, mas foi criada pelos avós no Distrito de José de Alencar. Sempre ouve rádio e pouco assiste TV.

6. Riacho Vermelho

ZR 02/1 – FWPS, Din. M, FE1. 5ª série do Fundamental I. Iguatu. Viagens rápidas pelas cidades vizinhas. O pai é de Quixadá e a mãe e a esposa são de Iguatu. Sempre ouve rádio e pouco assiste TV.

ZR 02/2 – AGS, Toinha. F, FE1. 6º ano do Fundamental II. Jucás. Viajou para Santa Catarina onde residiu durante 01 ano. A mãe é de Jucás e o pai e o esposo são de Iguatu. Assiste TV e ouve rádio todos os dias.

ZR 02/3 – JDSF, Zé Filho. M, FE2. 5º ano do Fundamental I. Iguatu. Viagens apenas pelas localidades vizinhas. A mãe é de Jucás e o pai de Iguatu. Assiste TV regularmente e, às vezes, ouve rádio.

ZR 02/4 – LBOS, Luca. F, FE2. Alfabetização, Educação Básica. Iguatu. Viaja apenas para a sede do município. O pai é de Missão Velha-PA e a mãe e o esposo são de Iguatu. Assiste TV regularmente e, às vezes, ouve rádio.

No quadro abaixo temos as especificações gerais dos informantes, quanto à localidade, gênero, idade, escolaridade, profissão, estado civil, profissão do pai e à profissão do cônjuge (se houver).

Quadro 1 – Especificações gerais dos Informantes

Localidade	Informante (nº/iniciais)	Gênero	Idade/anos	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Profissão do pai	Profissão do cônjuge
ZU 01	1/ CAB	M	29	FI	Cobrador	Casado	Agricultor	Do lar
ZU 01	2/ MLS	F	30	FII	Do lar	Casada	Agricultor	Cobrador
ZU01	3/ CRS	M	45	FI	Ajudante de pedreiro	Solteiro	Agricultor	-
ZU 01	4/MGB	F	52	FI	Do lar	Casada	Agricultor	Agricultor
ZU 02	1/CHGL	M	20	FII	Padeiro	Casado	Padeiro	Manicure
ZU 02	2/RFR	F	24	FII	Do lar	Casada	Agricultor	Guarda municipal
ZU 02	3/EGA	M	55	FI	Vigilante	Casado	Agricultor	Auxiliar de serviços gerais
ZU 02	4/ALL	F	47	FI	Costureira	Outros	Agricultor	Agricultor
ZU 03	1/JPN	M	26	FII	Garçom	Solteiro	Vigilante	-
ZU 03	2/MFNS	F	24	FII	Do lar	Casada	Vigilante	Mecânico
ZU 03	3/GRS	M	50	FII	Desempregado	Casado	Funcionário público	Caixa
ZU 03	4/MFPN	F	51	FI	Auxiliar de serviços gerais	Casada	Encanador e eletricista	Motorista

ZU 04	1/FADS	M	22	FII	Estudante	Solteiro	Agricultor	-
ZU 04	2/CSS	F	18	FII	Estudante	Solteira	Agricultor	-
ZU 04	3/JBS	M	61	FI	Motorista de caminhão	Casado	Impeleitor	Do lar
ZU 04	4/CMMA	F	50	FI	Artesã comerciante	Separada	Agricultor	-
ZR 01	1/JBS	M	21	FII	Auxiliar de serviços gerais	Solteiro	Motorista	-
ZR 01	2/APGA	F	25	FII	Do lar	Casada	Agricultor	Fiscal da Prefeitura
ZR 01	3/APO	M	50	FI	Agricultor	Casado	Agricultor	Do lar
ZR 01	4/MFS	F	53	FI	Merendeira escolar	Separada	Funcionário público	-
ZR 02	1/FWPS	M	25	FI	Crediarista	Casado	Confeiteiro	Do lar
ZR 02	2/AGS	F	26	FII	Do lar	Casada	Agricultor	Agricultor
ZR 02	3/JDSF	M	49	FI	Mototaxista	Solteiro	Agricultor	-
ZR 02	4/LBOS	F	51	FI	Agricultora	Casada	Agricultor	Agricultor

Analisando as profissões dos informantes, podemos observar um número muito variado, principalmente entre os homens, até mesmo na zona rural, onde se previa que predominasse a agricultura. Entre as mulheres as atividades voltadas para as tarefas do lar ainda predominam, mas com forte tendência de mudança, uma vez que 50% destas já realizam outras atividades econômicas. Entretanto a atividade econômica predominante dos pais é a agricultura. Quanto ao estado civil, a maioria é casado(a), independente da faixa etária.

3.4 A coleta de dados: o questionário

O questionário de que a pesquisa se utilizou foi o Questionário Semântico-Lexical (QSL), formulado pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB, na versão publicada em 2001, com o intuito de equalizar as informações e servirem de base para a consolidação dos registros linguísticos nacionais. O ALiB conta ainda com dois questionários: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 159 perguntas, incluindo 11 questões de prosódia, e o Questionário Morfossintático (QMS), com 49 perguntas, além de 04 perguntas pragmáticas, 04 questões para discurso semidirigido, 06 perguntas metalingüísticas e um texto para a leitura. Só sendo aplicado à pesquisa em questão o QSL. Além desse questionário, utilizamo-

nos também da ficha da localidade de da ficha do informante, para nos apoiar nas informações obtidas durante a entrevista.

Assim a relação dos questionários aplicados é:

- a) Ficha da Localidade: preenchida previamente pelo inquiridor em que se constata informações sobre o nome oficial, regional, anterior e dados, informados pelos habitantes sobre a localidade, o número de habitantes, as atividades econômicas predominantes, as sublocalidades, sua infra-estrutura, meios de comunicação e dados sobre emigração, segundo o Projeto ALiB (2001).
- b) Ficha dos Informantes: preenchida pelo inquiridor de acordo com informações fornecidas pelo informante sobre seus dados pessoais, renda, contato com meio de comunicação, participação em diversões e características observadas durante a entrevista.
- c) Questionário: foi aplicado o Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202 perguntas que recobrem 15 áreas semânticas, dentre as quais estão os acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, fauna, flora, atividades agropastoris, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religiões e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, e vida urbana.

A aplicação do questionário foi feita prioritariamente por mim, realizadora desta pesquisa, sendo que apenas 03 entrevistas foram realizadas por terceiros, 02 por Wiron, estudante do curso de especialização em Letras, pela URCA, e 01 por Silvana, inquiridora do ALiB, responsável pelas entrevistas no Estado do Ceará. Na maioria dos casos, a inquiridora se encontrava sozinha para a realização deste trabalho.

3.5 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo foi realizada, na maioria das vezes, na própria residência dos informantes, buscando maior comodidade e confortabilidade para que os mesmos se sentissem à vontade para responder as perguntas com naturalidade. Em outras ocasiões, as entrevistas foram feitas na escola onde estudavam, ou em locais conseguidos pelas pessoas de contato da localidade.

Como não poderia deixar de ser, devido às condições dos locais das entrevistas, houve muitas interferências tanto dos familiares, quanto de ações exteriores ao local das mesmas, como barulho de animais, pessoas que transitavam e carros de som. No entanto, com muita sensibilidade, todas essas dificuldades foram ultrapassadas.

O contato com o informante foi feito principalmente através de lideranças da comunidade ligadas à Educação. Inicialmente procuramos diretores de escola que pudessem nos auxiliar na seleção de tais informantes. A partir de então, éramos direcionados às pessoas que poderiam se enquadrar no perfil almejado e, finalmente realizávamos as entrevistas.

Dentre os órgãos que mais nos guiaram nessa empreitada, estão as escolas das localidades, as associações de moradores e grupos das igrejas cristãs. Dentre as pessoas, estão os amigos, os agentes de saúde, os assessores políticos e estudantes da FECLI – UECE.

Em relação à realização das entrevistas, foram utilizados três instrumentos de gravação, com o intuito de elevar o máximo possível a qualidade das mesmas. O primeiro foi o gravador de voz digital, marca *Powerpack DVR*, movido a corrente alternada, com microfone acoplado e possui capacidade para 132 h de gravação ininterrupta, o segundo foi um MP4 Megastan MF58 1GB e o terceiro também foi um MP4 TITAN Mirage, com 2GB de memória interna. Através desses instrumentos foram realizadas uma média de 20 h de gravação.

A mudança dos aparelhos ocorreu ao longo da pesquisa, à medida que problemas com a audição das gravações iam sendo detectados. Sendo assim, concluímos que os aparelhos os novos aparelhos digitais possuem alta qualidade na captação das entrevistas, tornando-se um dos melhores recursos para o processo de transcrição ortográfica ou grafemática, se assim for a necessidade. Além da facilidade de digitalização que garante a qualidade do material coletado. Tais digitalizações estão disponibilizadas para possíveis análises acústicas.

3.6 Arquivamento e transcrição ortográfica do *corpus*

Após a digitalização do *corpus*, foi feita a seleção dos itens lexicais coletados durante as entrevistas, para que assim fossem elaboradas as cartas léxicas. Aqueles itens que suscitaram dúvidas sobre sua realização foram reavaliados mediante a comunidade para sua confirmação ou exclusão.

As digitalizações foram arquivadas em 06 CDs, identificados com o selo criado exclusivamente para a realização do projeto em que consta de um logotipo, número do ponto e do informante, nome da localidade, iniciais do informante, nome do inquiridor e o número do CD.

O logotipo abaixo, símbolo de nosso trabalho, representa o trabalhador iguatense em sua árdua luta diária pela sobrevivência em busca de melhores condições de vida embaixo de um ardente sol, que brilha praticamente o ano inteiro. Este símbolo foi aproveitado do lema da gestão anterior do atual prefeito municipal. A sigla ALIg representa a nomenclatura do projeto: Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu.



Toda a documentação com dados empíricos sobre a rede de pontos foi catalogada com os mesmos critérios supracitados para preservá-la a fim de posteriormente possibilitar a consulta eficiente de pesquisadores interessados no assunto, seguindo as normas de arquivamento e transcrição do Projeto ALiB.

A transcrição realizada, na maior parte dos itens, foi a ortográfica. Entretanto em alguns casos recorreremos à transcrição grafemática, por respeito aos nossos informantes e à legitimidade da pesquisa, mesmo sem perder o foco de que o produto final dos inquéritos são itens lexicais para a composição das cartas do referido atlas.

3.7 Seleção dos itens lexicais

Os itens lexicais selecionados seguiram os seguintes critérios: maior variação lexical, marcas regionais, diferentes das variantes padrões ou comum em outras regiões, sugerida no QSL do Projeto ALiB e distribuição entre os informantes e as sublocalidades. Seguindo esses critérios, selecionamos 49 itens os quais constituíram 49 cartas linguísticas lexicais, na ordem de 01 a 49, seguindo a ordem aparição nos seus campos semânticos equivalentes do questionário aplicado.

Já os aspectos sociolinguísticos dos dados foram analisados no capítulo relativo às considerações finais, uma vez que o produto final deste projeto foi o atlas linguístico. Esses aspectos é apenas uma amostragem das inúmeras particularidades que poderemos detectar e analisar da comunidade linguística em estudo.

3.8 Elaboração das cartas léxico-semânticas

A identificação das cartas segue as normas do ALiB, conforme Ferreira e Cardoso (1994), por isso foram elaborados dois blocos de cartas:

1º - Cartas geográficas introdutórias para a identificação da localidade no espaço geográfico brasileiro. Sendo assim, esse bloco contém três mapas:

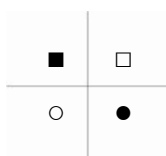
- 1.1 – mapa dos limites geográficos de Iguatu;
- 1.2 – mapa da localização de Iguatu dentro do Estado do Ceará, e
- 1.3 – mapa da localização de Iguatu dentro do mapa do Brasil.;

2º - Cartas lingüísticas lexicais, com as seguintes especificações:

- 2.1 – mapa de identificação dos pontos de inquérito, e
- 2.2 – mapas com os itens lexicais selecionados.

Os mapas de tais itens têm o mesmo formato para facilitar, o máximo possível, a compreensão das informações ali contidas, como esclarecemos abaixo:

- na parte superior à esquerda, o logotipo do Atlas;
- na parte superior centralizada, encontra-se o item lexical sugerido pelo ALiB e sua numeração no questionário;
- na parte superior à direita, o número da carta;
- no centro, o mapa de Iguatu com a marcação do item encontrado por cada informante nos 06 pontos pesquisados, através de símbolos, conforme modelo abaixo:



- na parte inferior à direita, a legenda dos símbolos apresentados em cada ponto de inquérito.

Como todas as cartas léxicas possuem esse mesmo formato, deveremos ler que em cada ponto os símbolos que se apresentarem acima da linha horizontal da cruz equivalem aos informantes da 1ª faixa etária e, abaixo desta, aos da 2ª faixa etária. Assim como deveremos

ler que os símbolos contidos à esquerda da linha vertical da cruz equivalem ao sexo masculino e, à direita, ao sexo feminino. Este formato vem atender às exigências da Geolinguística pluridimensional.

Além disso, as siglas NR e NRP, que aparecem nas legendas, deverão ser lidas da seguinte forma: NR (Não Respondeu), para os itens não respondidos, e RNP (Resposta Não-Produtiva) para as respostas dadas pelos informantes que não satisfizeram o conceito da lexia perguntada. Sendo assim, este item está representado no mapa pelo sinal de vazio (\emptyset).

CAPÍTULO IV

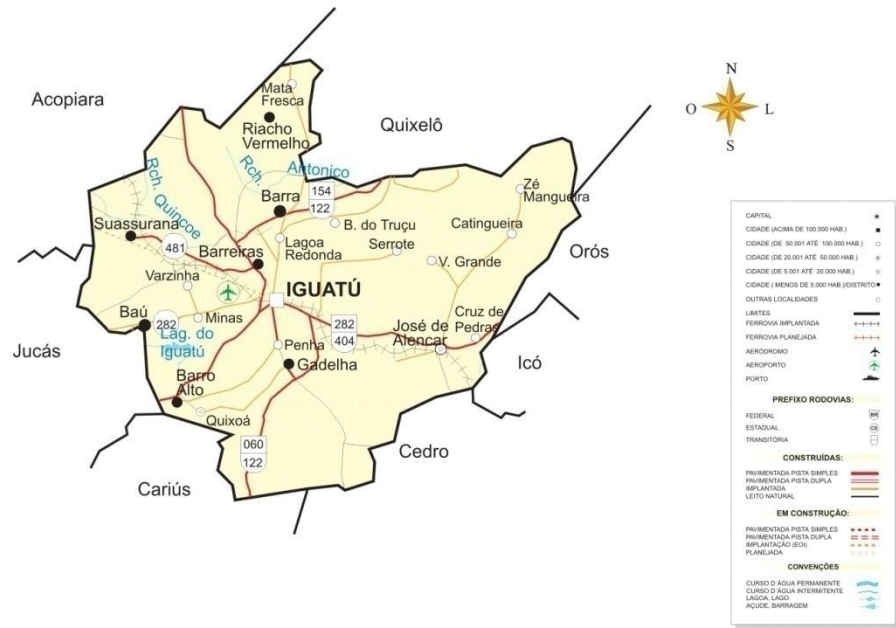
4. CARTAS LINGÜÍSTICAS

4.1 Cartas Geográficas Ilustrativas



MAPA DE IGUATU

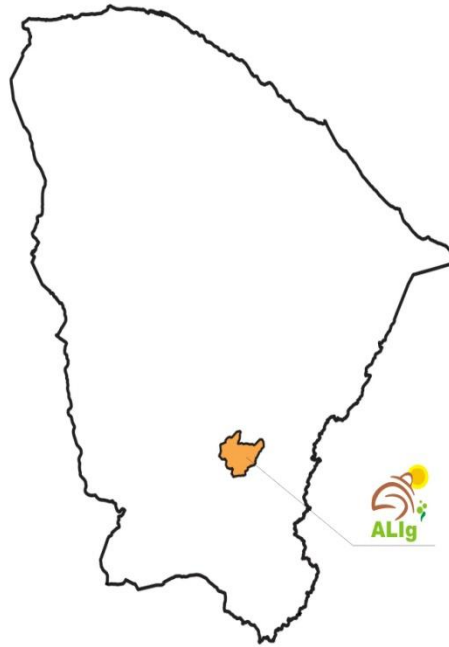
MAPA 1





MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE IGUATU NO CEARÁ

MAPA 2





MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE IGUATU NO BRASIL

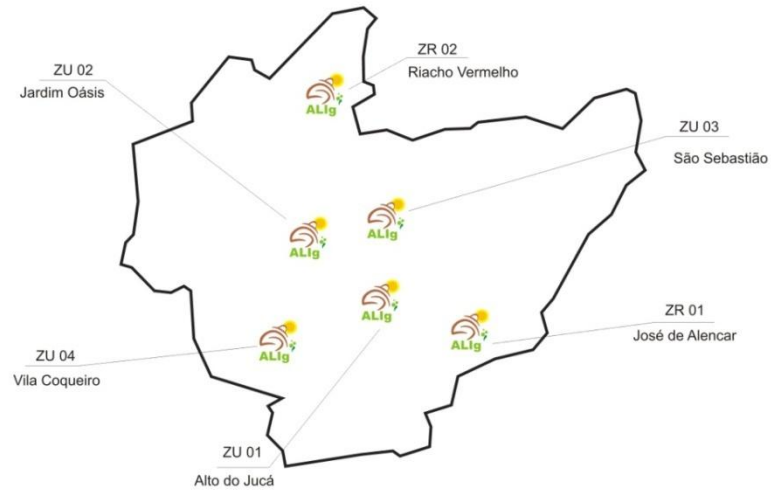
MAPA 3





PONTOS DE INQUÉRITO

MAPA 4



4.2 Notas de esclarecimento para leitura das cartas

As cartas linguísticas possuem o mesmo formato para facilitar, o máximo possível, a compreensão das informações ali contidas, conforme especificação abaixo:

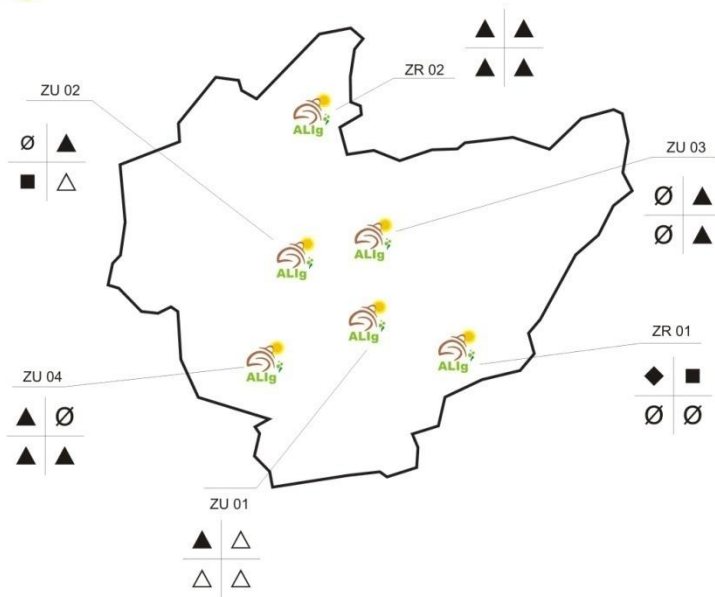
1. Na parte superior à esquerda, o logotipo do Atlas.
2. Na parte superior centralizada, encontra-se o item lexical sugerido pelo ALiB e sua numeração no questionário.
3. Na parte superior à direita, o número da carta.
4. No centro, o mapa de Iguatu com a marcação do item encontrado por cada informante nos 06 pontos pesquisados, através de símbolos.
5. Na parte inferior à direita, a legenda dos símbolos apresentados em cada ponto de inquérito.
6. Os símbolos que se apresentarem acima da linha horizontal da cruz equivalem aos informantes da 1ª faixa etária e, abaixo desta, aos da 2ª faixa etária.
7. Símbolos contidos à esquerda da linha vertical da cruz equivalem ao sexo masculino e, à direita, ao sexo feminino.
8. As siglas NR e NRP deverão ser lidas da seguinte forma: NR (Não Respondeu), para os itens não respondidos, e RNP (Resposta Não-Produtiva) para as respostas dadas pelos informantes que não satisfizeram o conceito da lexia perguntada. Sendo representadas nas cartas pelo sinal de vazio (\emptyset).

4.3 Cartas Linguísticas Semântico-Lexicais



PINGUELA
{02}

CARTA 1

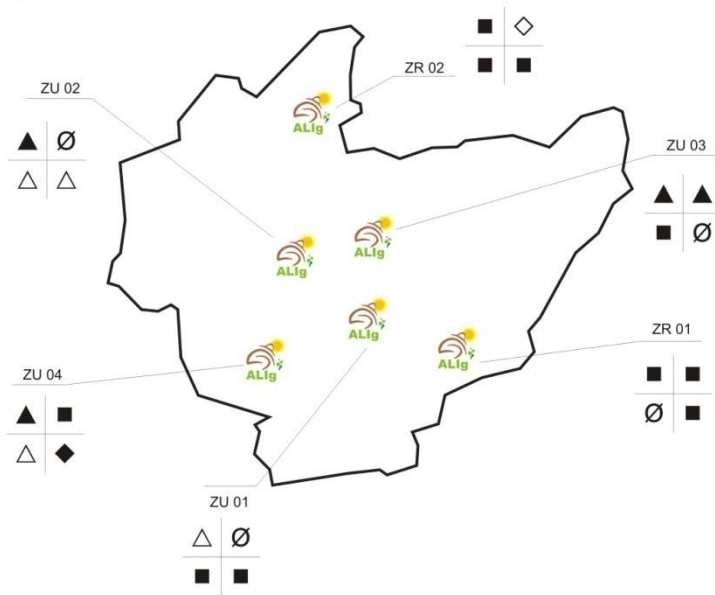


Legenda:	
▲	Ponte
△	Pinguela
◆	Passagem
⊘	RNP
■	NR



REDEMOINHO (DE ÁGUA)
{04}

CARTA 2

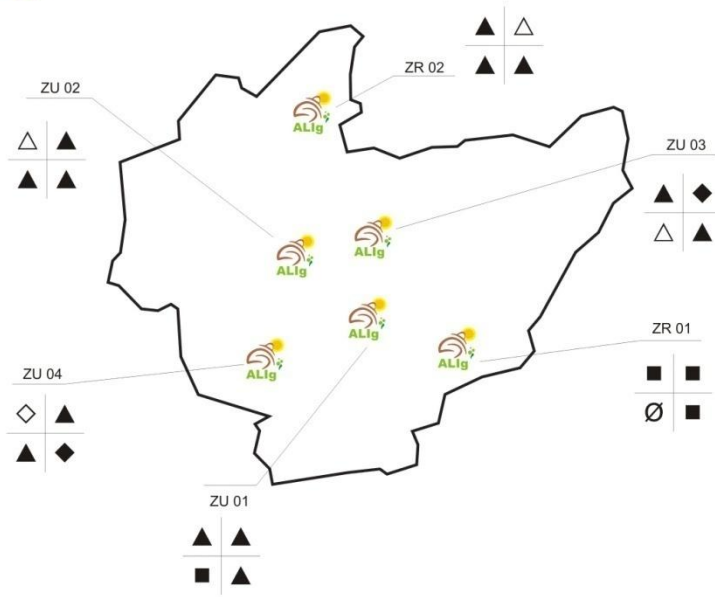


Legenda:	
▲	Redemoinho
△	Remanso
◆	Corrupio
◇	Funil
∅	RNP
■	NR



REDEMOINHO (DO VENTO)
{07}

CARTA 3

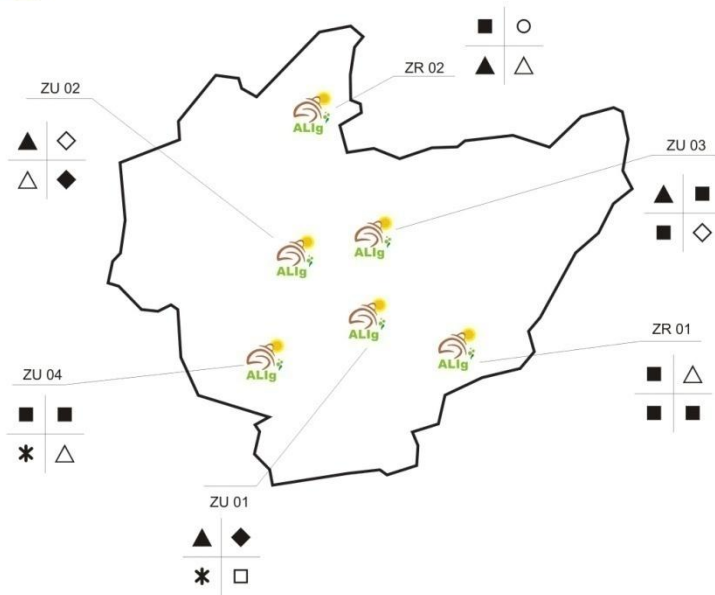


Legenda:	
▲	Redemoinho/Vento de Moinho
△	Ventania
◆	Vendaval
◇	Furacão
■	Aracati
□	Funil



TROMBA D'ÁGUA
{13}

CARTA 4

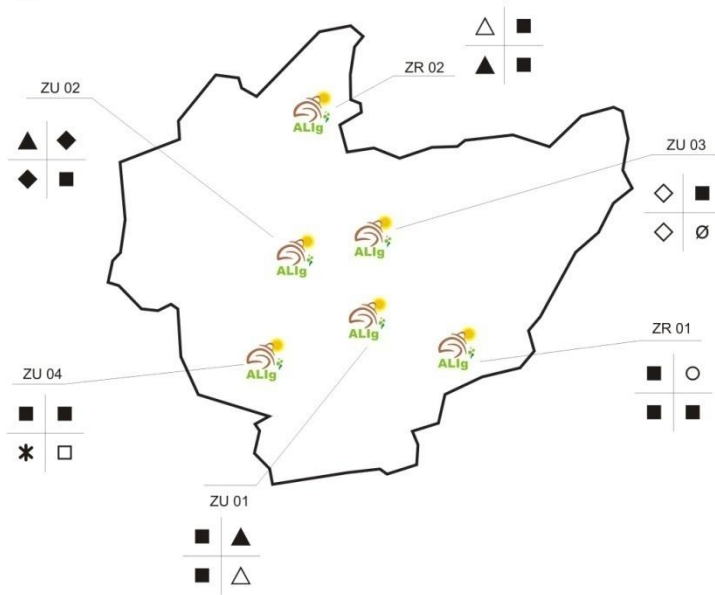


Legenda:	
▲	Chuva passageira
△	Tempestade
◆	Chuva forte
◇	Chuva grossa
*	Dilúvio
□	Chuva de vento
○	Trovoada
■	NR



CHUVA FORTE
{14}

CARTA 5

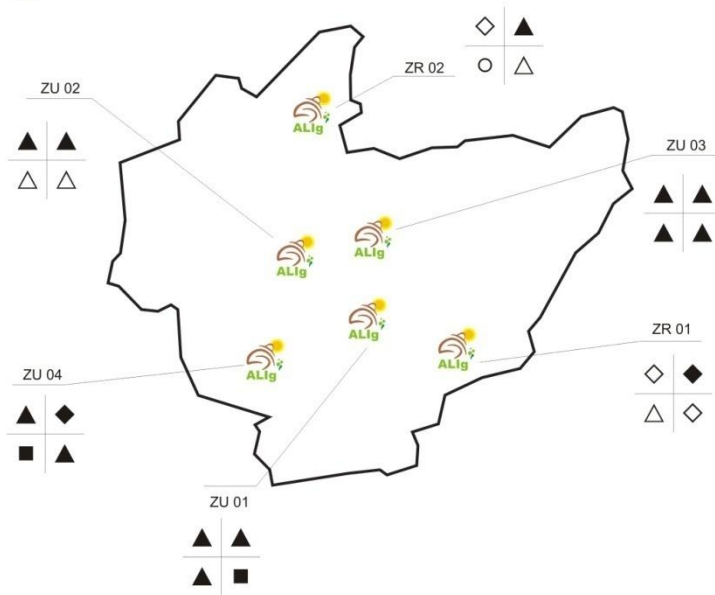


Legenda:	
▲	Chuva demorada
△	Chuva grande
◆	Chuva grossa
◇	Tempestade
*	Chuva pesada
□	Temporal
○	Chuva forte
■	NR
∅	RNP



CHUVA DE PEDRA
{15}

CARTA 6

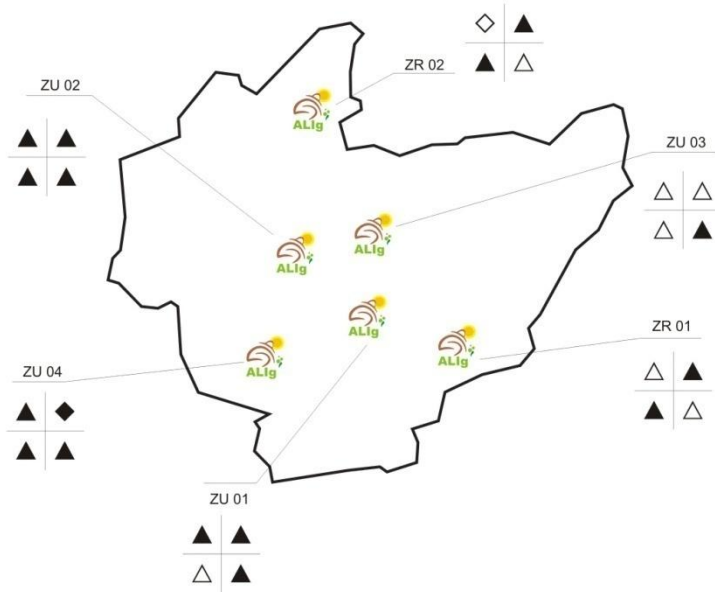


Legenda:	
▲	Granito/Granizo
△	Chuva de pedra
◆	Chuva de neve
◇	Chuva de gelo
○	Pedra de gelo
■	NR



GAROA
{18}

CARTA 7



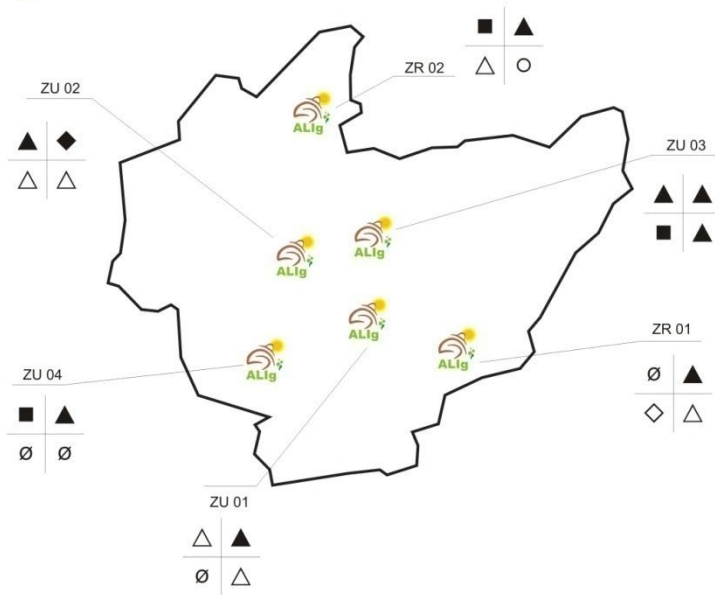
Legenda:

▲	Nebina/Leblina/Lebrina
△	Garoa/ (está) Garoando
◆	Sereno
◇	Chuva molhada



TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
{19}

CARTA 8



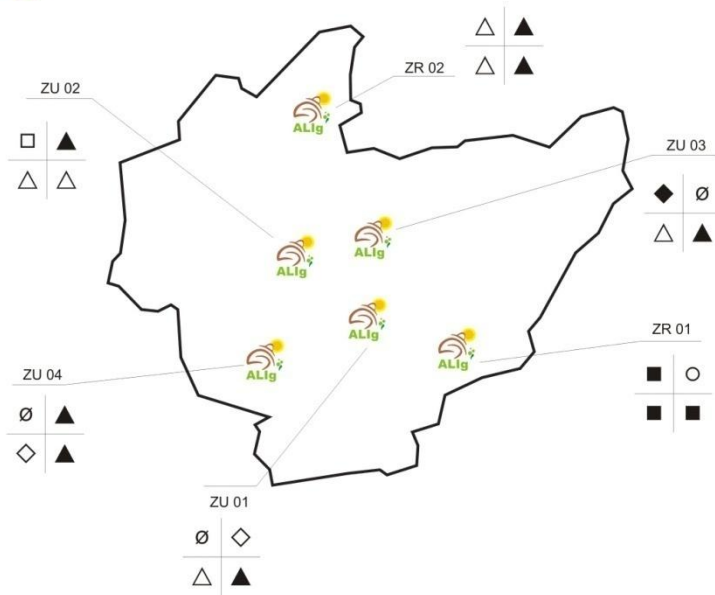
Legenda:

▲	Úmida
△	Ensombreada/Sombrada
◆	Enchuvalhada
◇	Turvada
○	Zarolha
∅	RNP
■	NR



ORVALHO / SERENO
{20}

CARTA 9



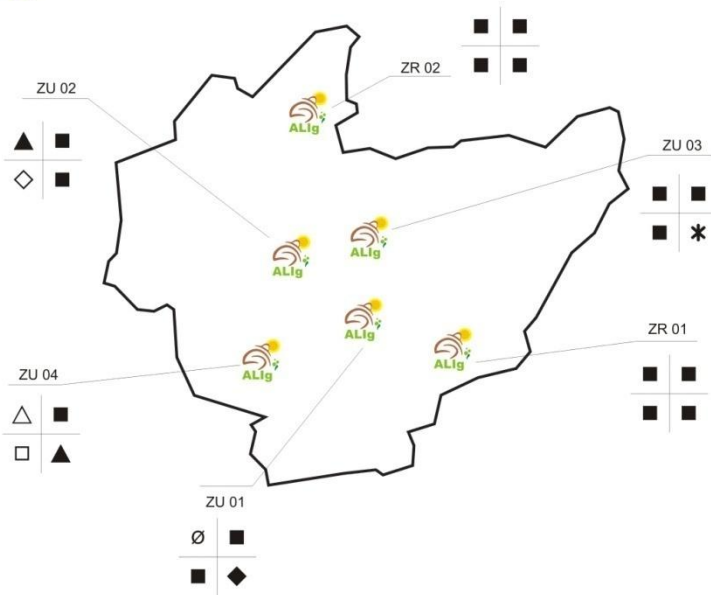
Legenda:

▲	Sereno / Sereno da noite
△	Orvalho
◆	Garoa
◇	Neve
□	Ar molhado
∅	RNP



ALVORADA
{24}

CARTA 10

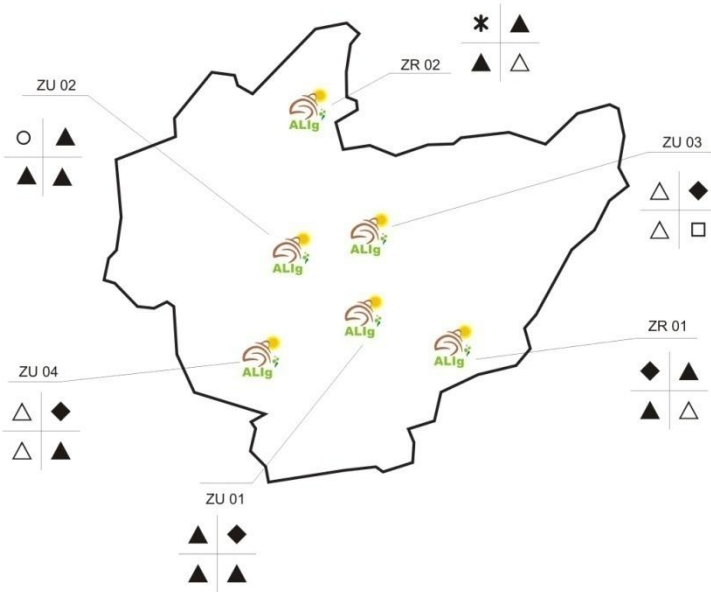


Legenda:	
▲	Madrugada
△	Alvorada
◆	Clarear do dia
◇	Barra quebrando
*	Sol saindo
□	Sol vermelho
○	Aurora
■	NR
∅	RNP



ANOITECER
{28}

CARTA 11



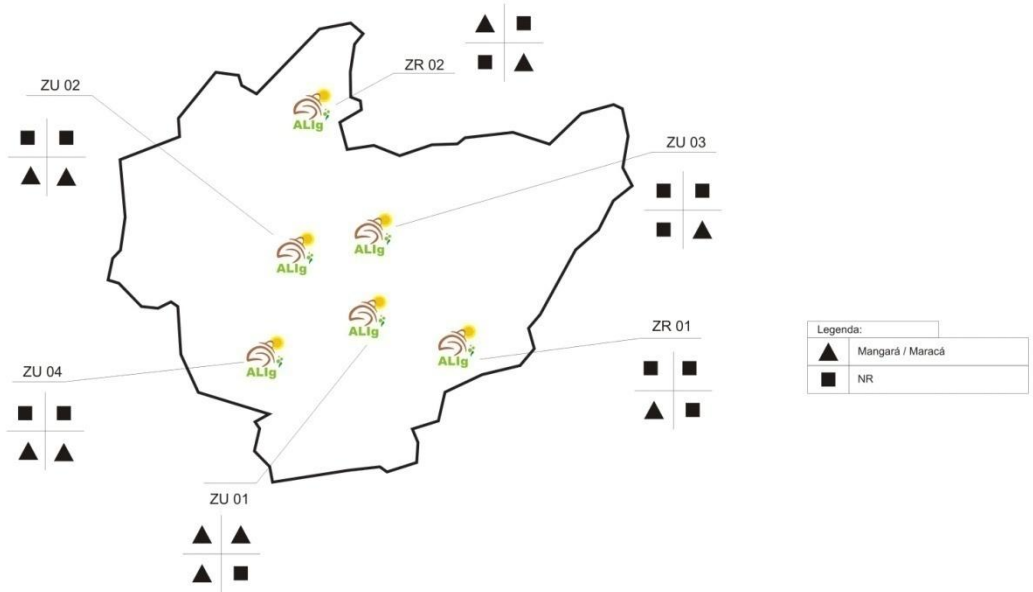
Legenda:

▲	Boca da noite / Boquinha da noite
△	Anoitecer/Anoitece/Anoiteceu
◆	Noite / (está de) Noite
◇	Noitinha
*	Tardezinha
□	Começo da noite
○	Escurecer



PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/
UMBIGO/CORAÇÃO
{44}

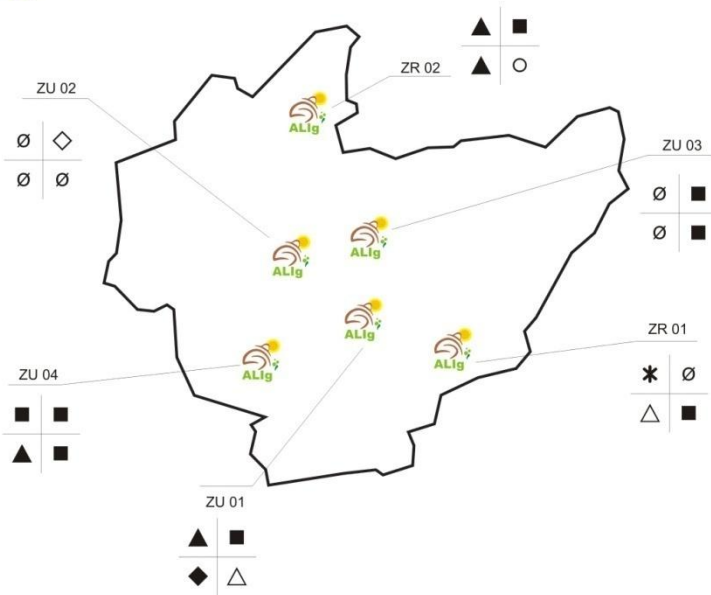
CARTA 12





CANGA
{56}

CARTA 13



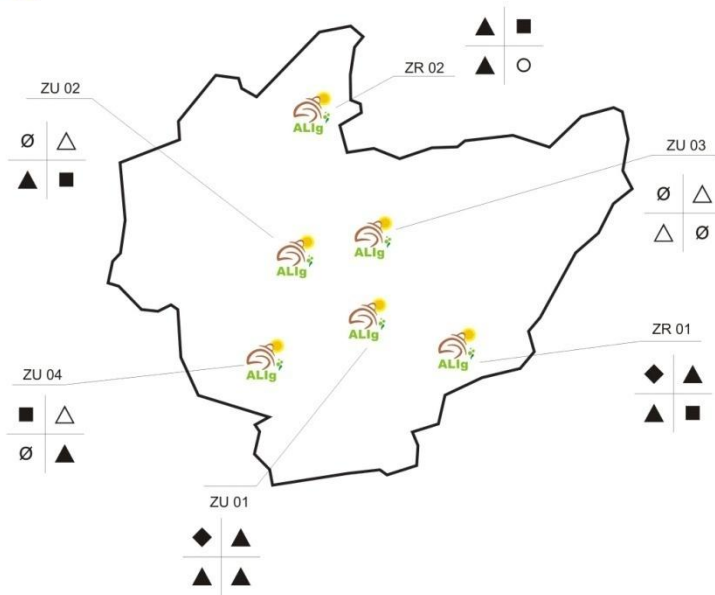
Legenda:

▲	Canzilo
△	Canga
◆	Cabeçote
◇	Cabresto
*	Arreios
□	Quaeira
○	Bride
■	NR
∅	RNP



JACÁ / BALAIO
{57}

CARTA 14

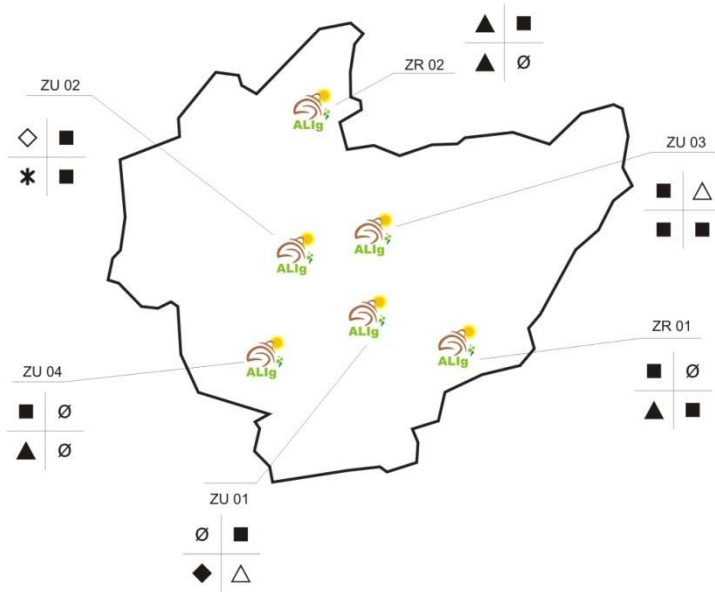


Legenda:	
▲	Caçua
△	Cesto(s)/ Cestas
◆	Balaio
Ø	RNP
■	NR



BOLSA / BRUACA
{58}

CARTA 15



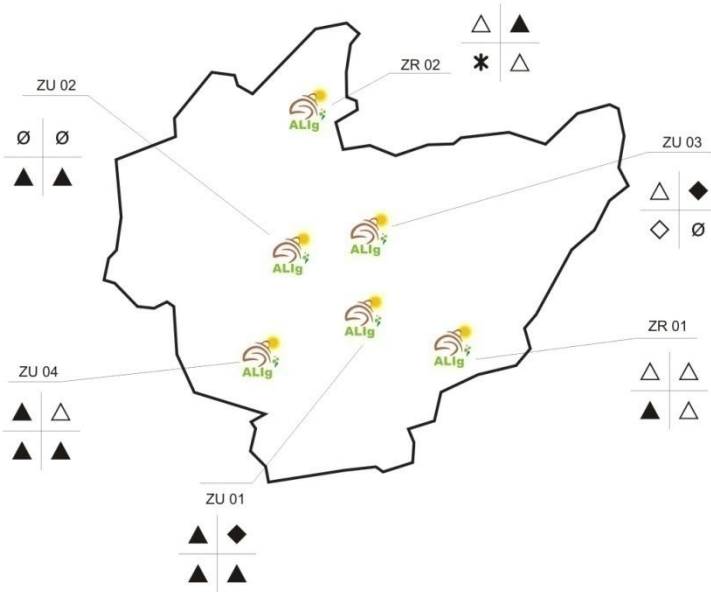
Legenda:

▲	Mala/Mala de couro
△	Bornó
◆	Boge
◇	Saco
*	Surrão
■	NR
∅	RNP



PICADA / ATALHO
{62}

CARTA 16



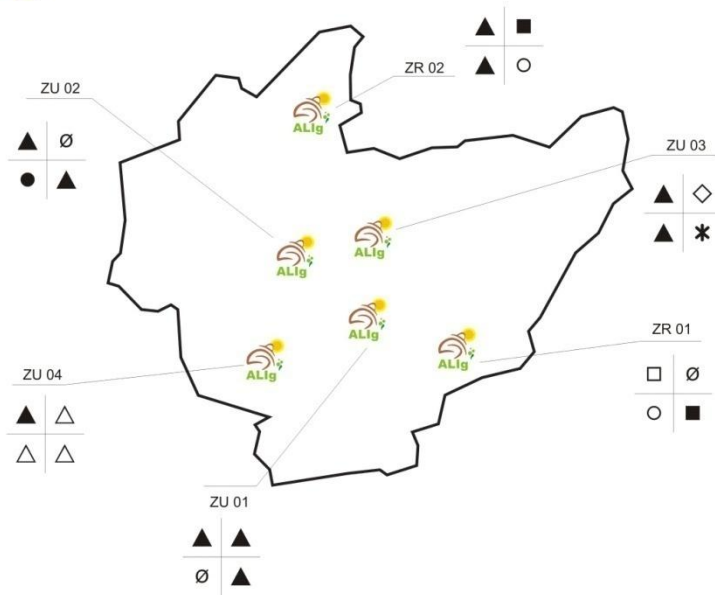
Legenda:

▲	Vareta
△	(Abre) Caminho
◆	Mato
◇	Trilha
*	Pique
∅	RNP



TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA
{63}

CARTA 17

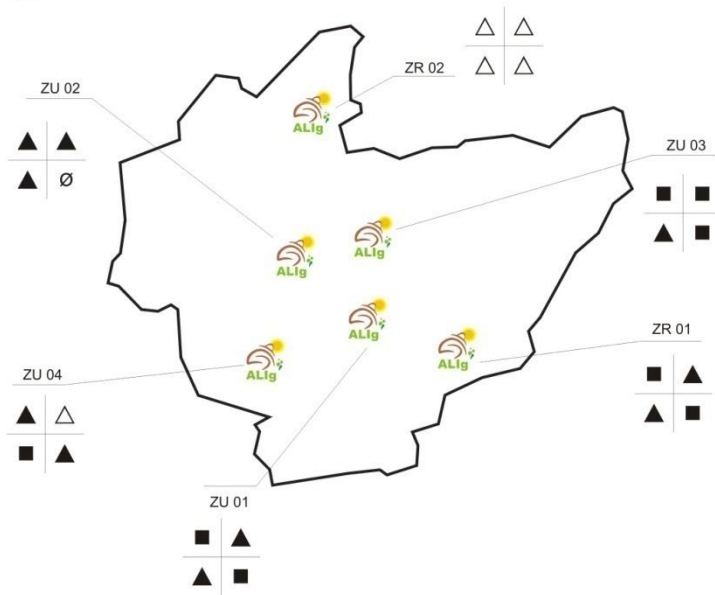


Legenda:	
▲	Vareda
△	(Abre) Caminho / Caminho Aberto
◆	Pisada
◇	Passarela
*	Abriu a estrada
□	Passagem
○	Caminho da roça
●	Cravado
■	NR
∅	RNP



JOÃO DE BARRO
{66}

CARTA 18

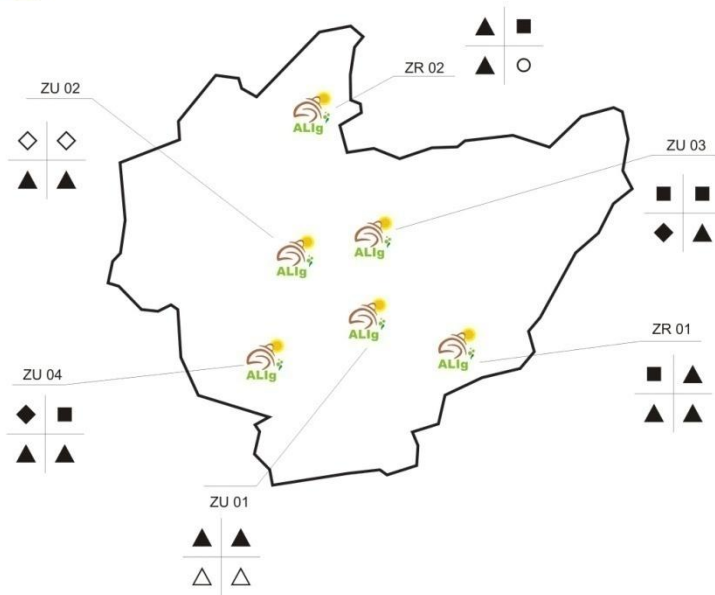


Legenda:	
▲	João de barro
△	Maria de barro
■	NR
∅	RNP



SURA
{69}

CARTA 19

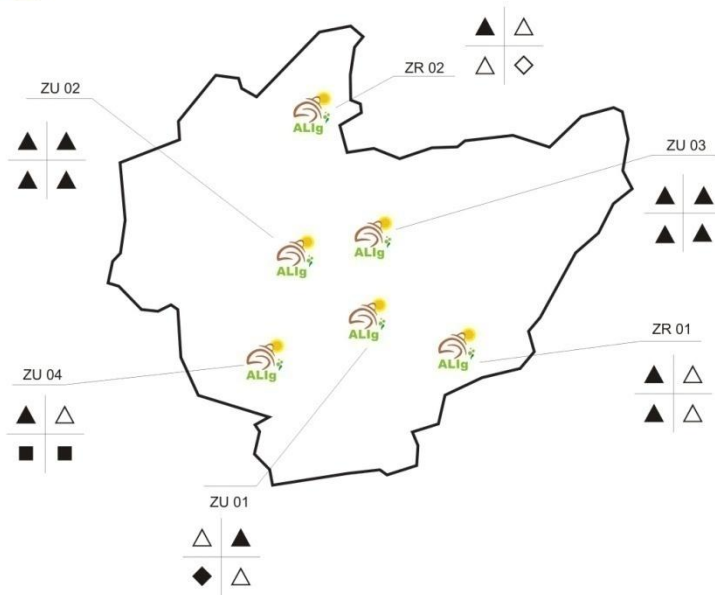


Legenda:	
▲	Suru
△	Sura
◆	Coto / Galinha coto
◇	Bodo
■	NR



COTÓ
{70}

CARTA 20

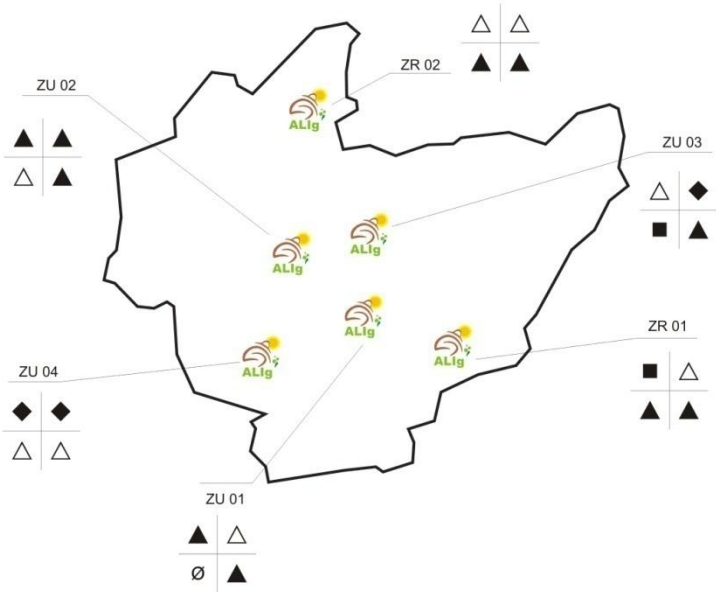


Legenda:	
▲	Cotó
△	Bodó
◆	Bicó
◇	Cachorro de rabo cortado
■	NR



LOMBO
{75}

CARTA 21

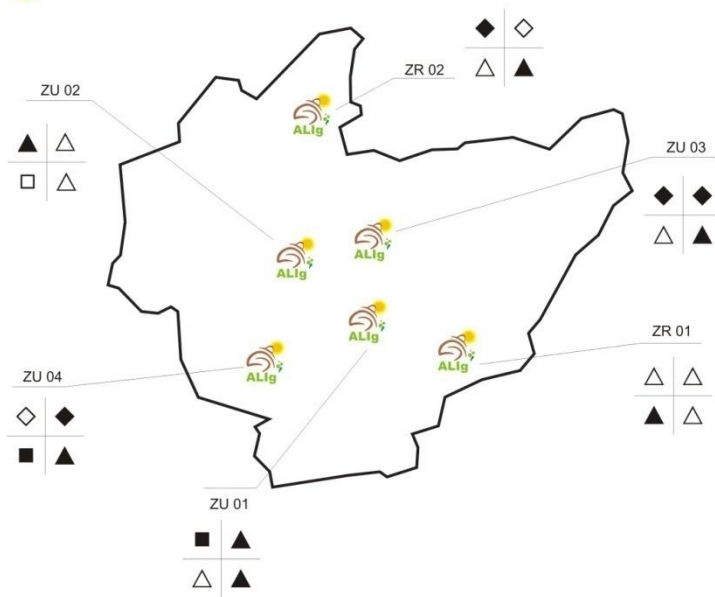


Legenda:	
▲	Espinhaço
△	Lombo
◆	Costas
■	NR
∅	RNP



ANCA/GARUPA/CADEIRA
{76}

CARTA 22

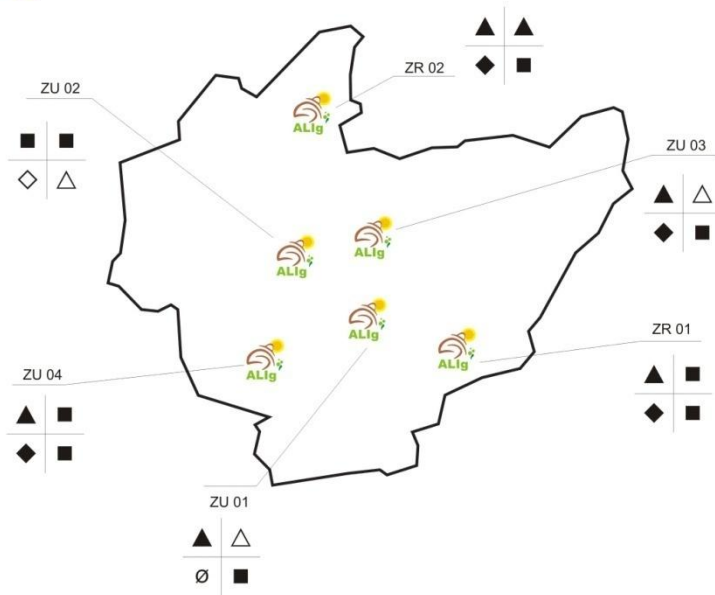


Legenda:	
▲	(Os) Quartos
△	Garupa
◆	Bunda
◇	Traseiro(a)
□	Quadri
■	NR



MANCO
{82}

CARTA 23



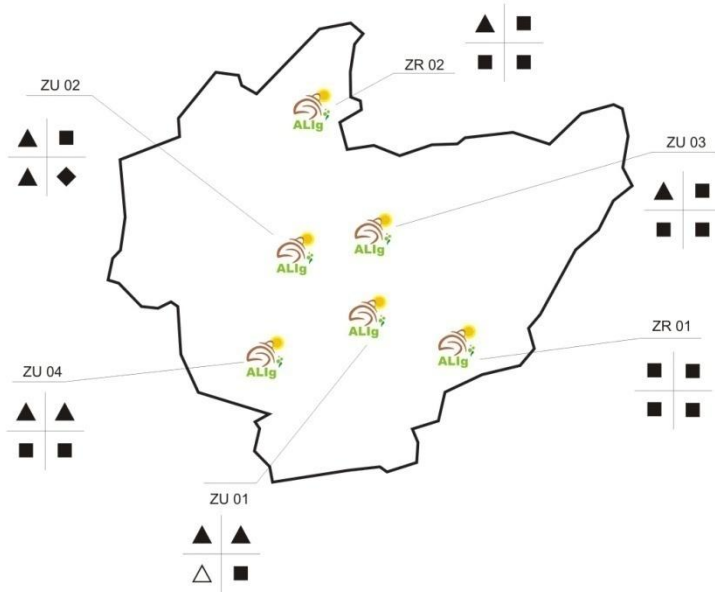
Legenda:

▲	Alejado
△	Manco
◆	Coxo / Concho
◇	Coló
○	Zambeto
■	NR
∅	RNP



LIBÉLULA
{85}

CARTA 24

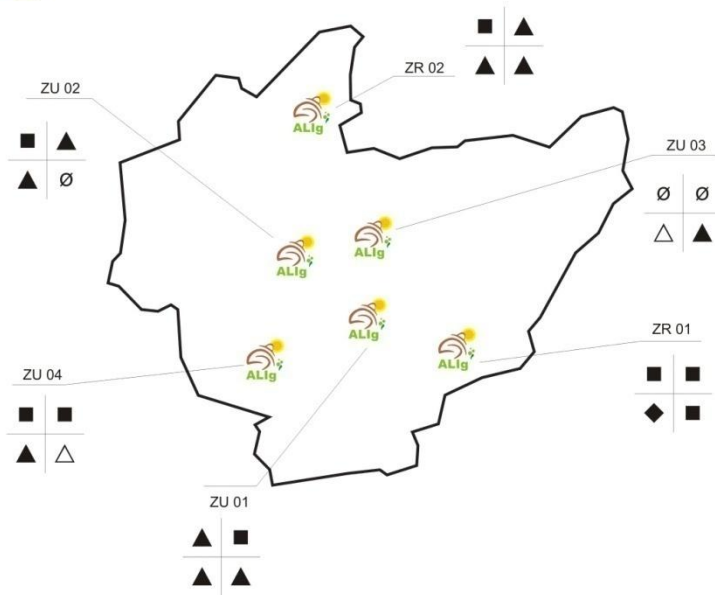


Legenda:	
▲	Mané cachimbo
△	Mergulhão
◆	Mané Mago
■	NR



PÁLPEBRAS/CAPELA DO OLHO
{89}

CARTA 25



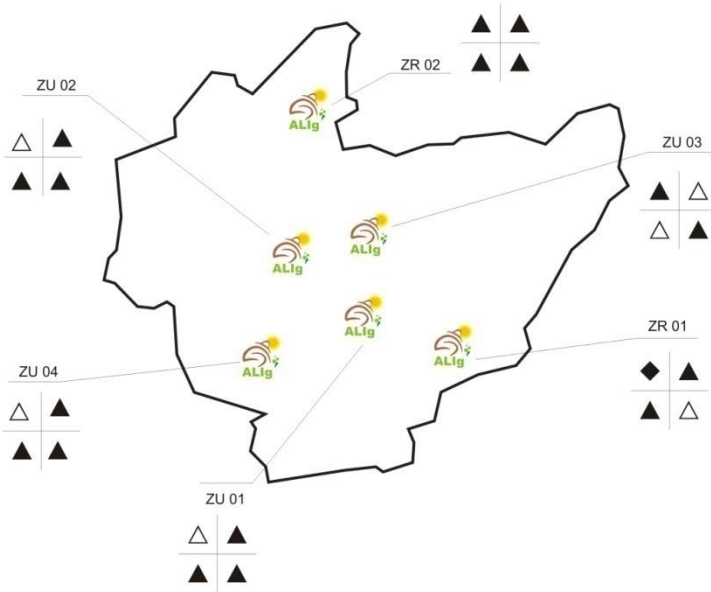
Legenda:

▲	Pestana
△	Pálpebra
◆	Capela do olho
■	NR
∅	RNP



CISCO
{90}

CARTA 26



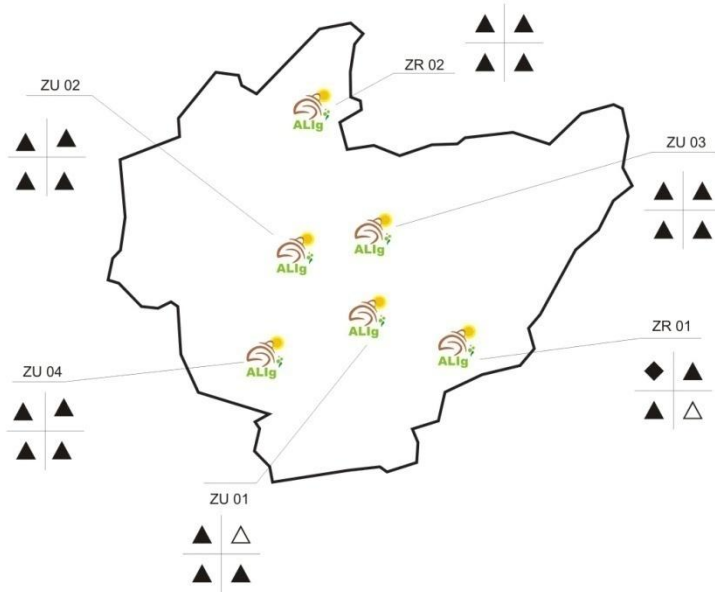
Legenda:

▲	Algueiro
△	Cisco
◆	Bagajo



VESGO
{92}

CARTA 27

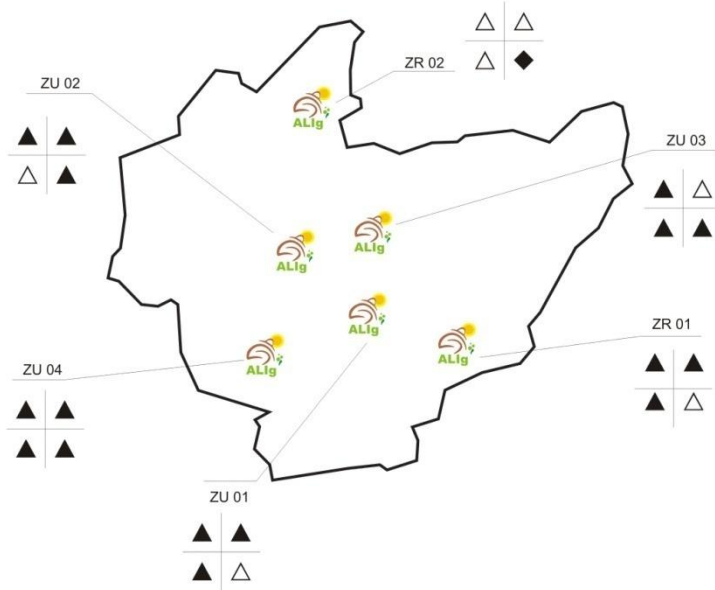


Legenda:	
▲	Zancio / Zarolho
△	Vesgo



NUCA
{104}

CARTA 28



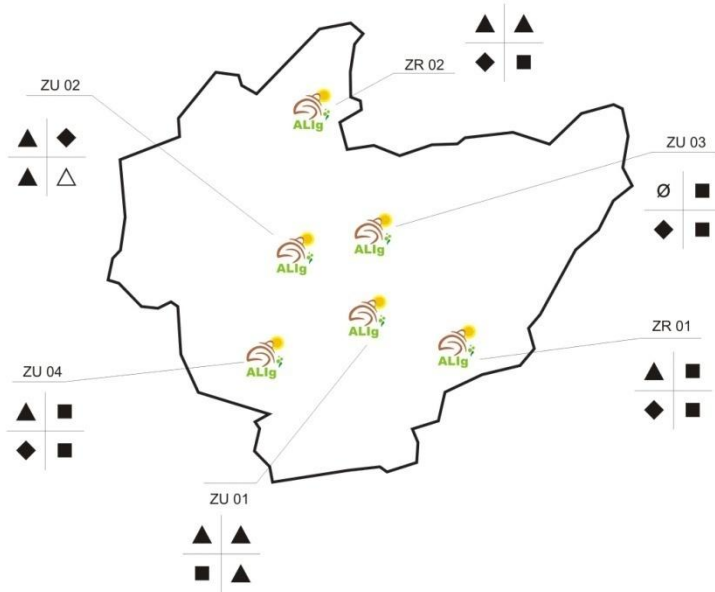
Legenda:

▲	Nuca
△	Cangote
◆	Tuntum



POMO DE ADÃO/GOGÓ
{105}

CARTA 29



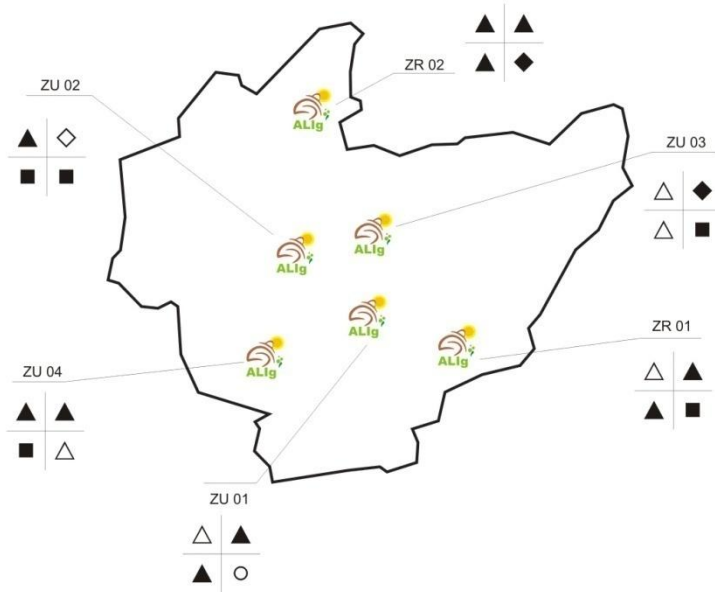
Legenda:

▲	Garganta
△	Nó na (da) garganta
◆	Gogó
◇	Nó
○	Nó do pirão
■	NR
∅	RNP



MENINO/GURI/PIÁ OK
{132}

CARTA 30



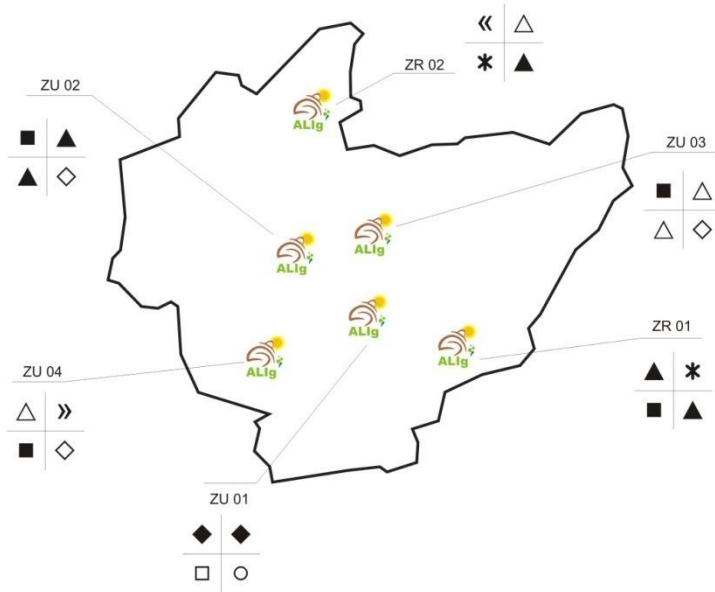
Legenda:

▲	Menino
△	Garoto/Garotinho
◆	Moleque
◇	Rapazinho
○	Adolescente
■	NR



PESSOA TAGARELA
{136}

CARTA 31

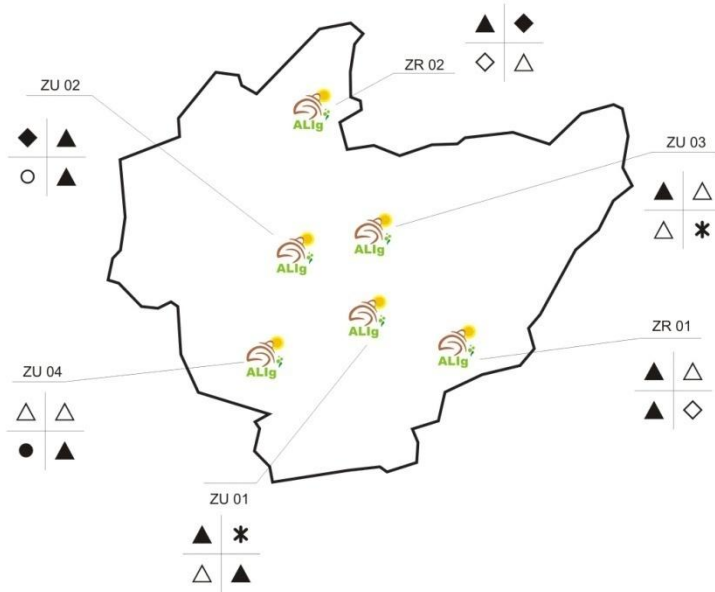


Legenda:	
▲	Falador/Faladeira
△	Tagarela
◆	Fuxiqueira
◇	Linguanudo(a)
*	Badalenta
○	Fofoqueira
○	Zuadenta
●	Papagaio
»»	Conversadeira
««	Gasquita
■	NR



PESSOA SOVINA
{138}

CARTA 32

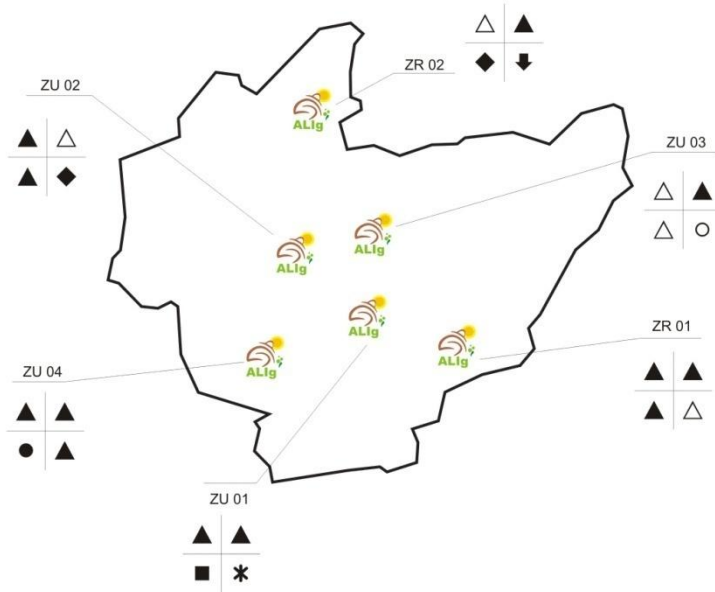


Legenda:	
▲	Miserável
△	Mão-de-vaca
◆	Pão-duro
◇	Agarrado
*	Seguro
□	Eureca
○	Sovina
●	Mesquinha



PROSTITUTA
{142}

CARTA 33

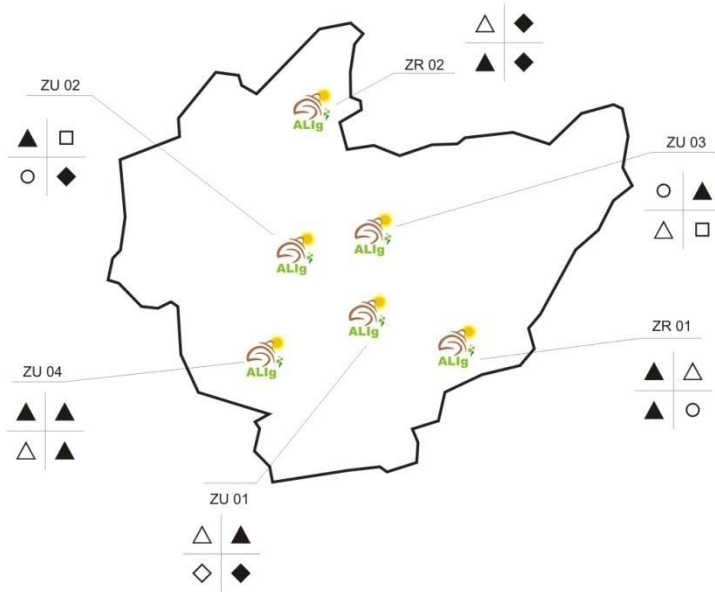


Legenda:	
▲	Prostituta
△	Rapariga
◆	Mulher de programa
◇	Quenga
*	Mulher solteira
□	Mulher à toa
○	Leviana
●	Meretriz
»	Putá
«	Bandida
↑	Galinha
↓	Puara
■	NR



BÊBADO
{144}

CARTA 34



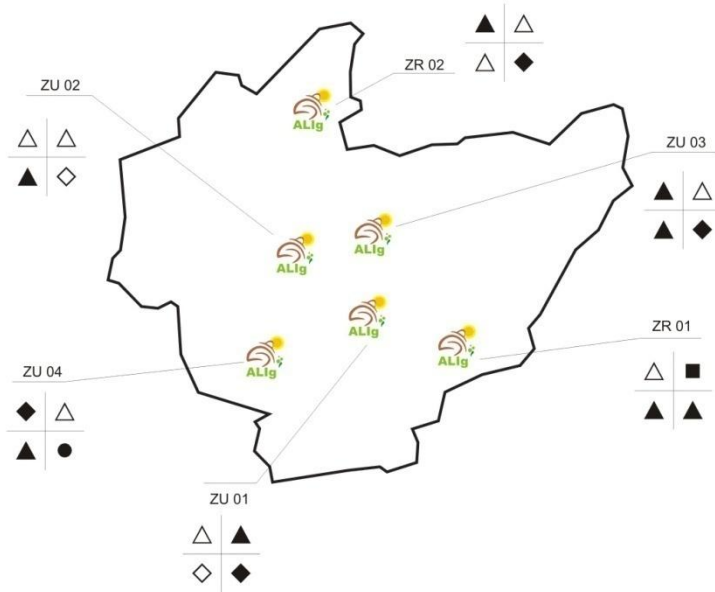
Legenda:

▲	Bêbado/Bebo
△	Alcofatra/alcoólico
◆	Cachaceiro
◇	Pinguço
○	Bebão
□	Beberrão
●	Embragado



TOCO DE CIGARRO
{146}

CARTA 35



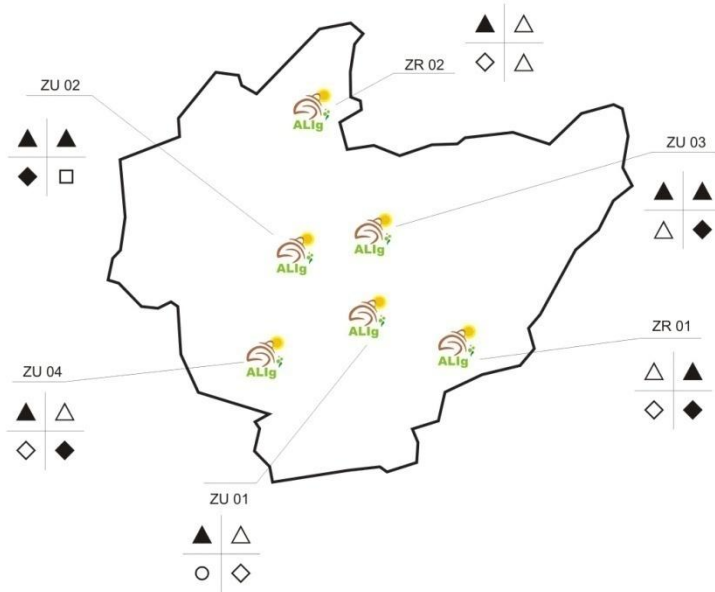
Legenda:

▲	Coxia
△	Filtro
◆	Ponta/Ponta de cigarro
◇	Bituca
○	Pé de cigarro
□	Coloco
●	Resto
■	NR



DIABO
{147}

CARTA 36



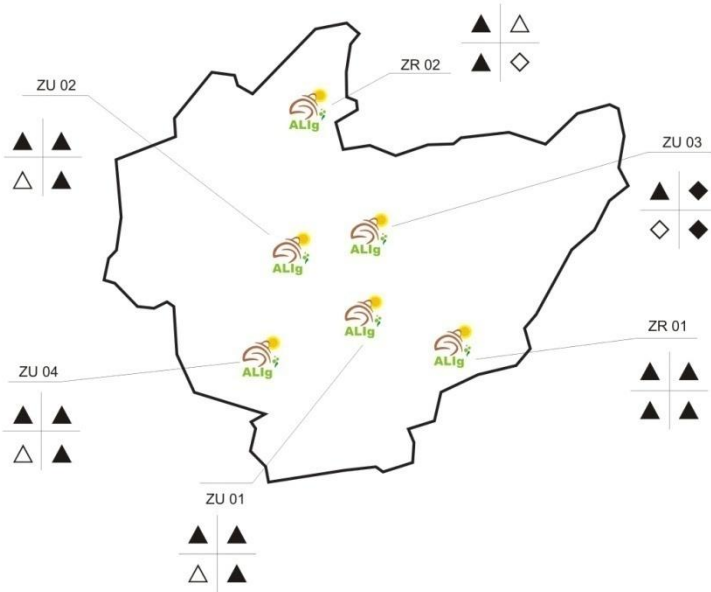
Legenda:

▲	Diabo
△	Cão
◆	Satanás
◇	Demônio
○	Do mal
□	Bicho velho
●	Capeta



FANTASMA
{148}

CARTA 37



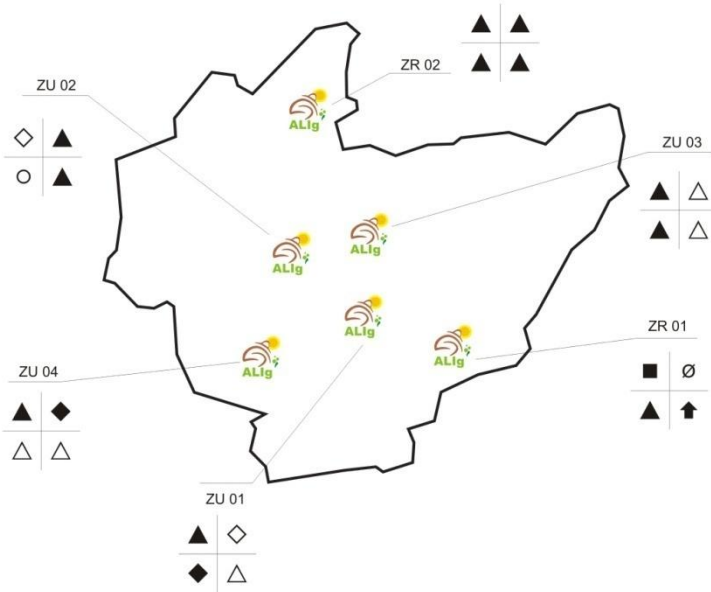
Legenda:

▲	Alma
△	Visagem
◆	Assombração
◇	Fantasma
○	Espirito



FEITIÇO
{149}

CARTA 38

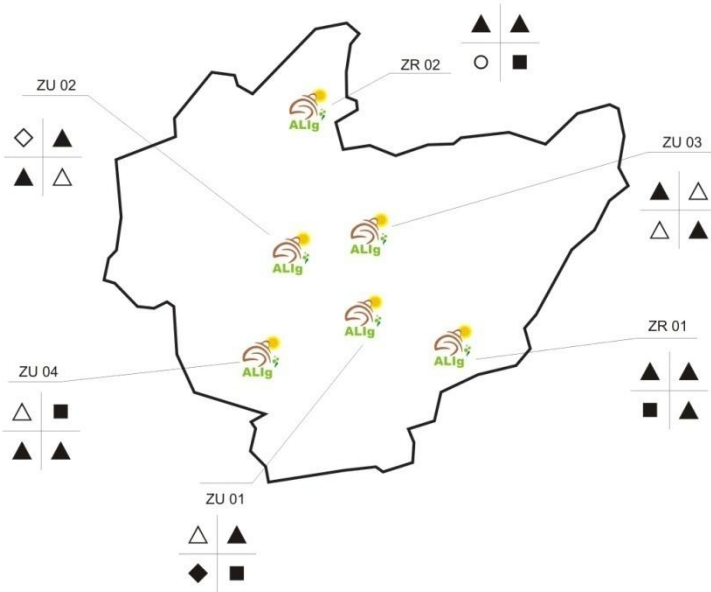


Legenda:	
▲	Macumba/Macumbeiro
△	Despacho
◆	Mandiga
◇	Galinha preta
○	Bruxaria
■	Armadiha
↓	Catimbó
↑	INP
∅	RNP



CAMBALHOTA
{155}

CARTA 39

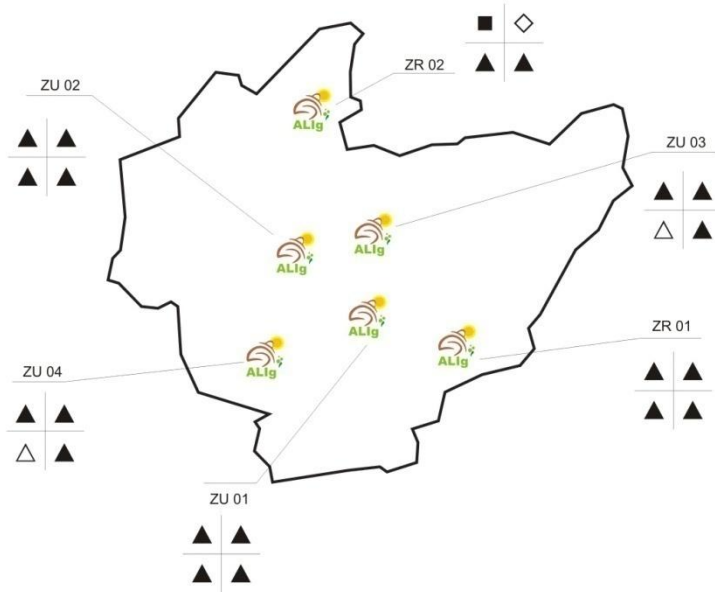


Legenda:	
▲	Bunda canastra
△	Cambalhota
◆	Capoeira
◇	Piruetas
○	Cangapé
■	NR



BOLINHA DE GUDE
{156}

CARTA 40

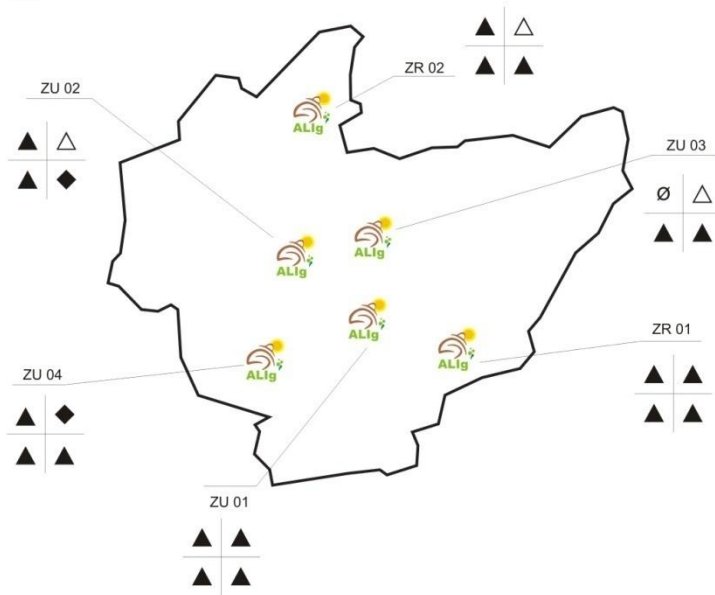


Legenda:	
▲	Bila
△	Capiçulina
◆	Cabiçilinha
◇	Bola de gude
■	NR



PEGA-PEGA
{162}

CARTA 41

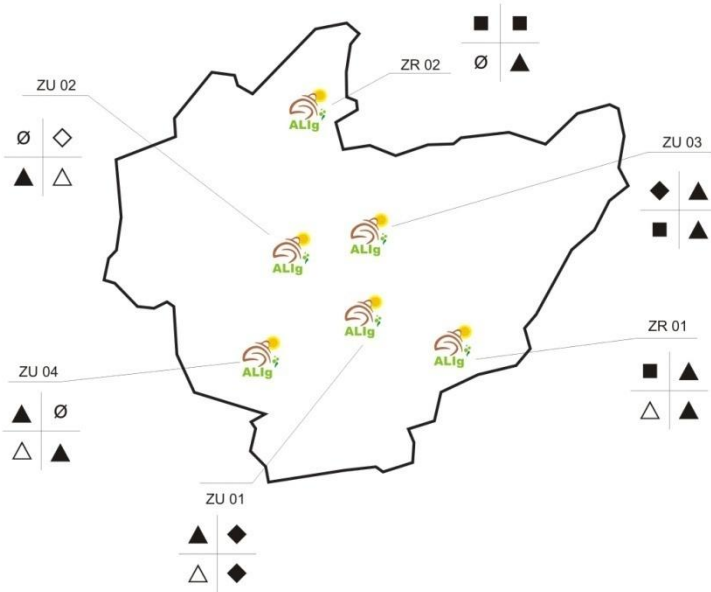


Legenda:	
▲	Toca
△	Pega-pega/pega
◆	Trisca
⊘	RNP



TRAMELA
{168}

CARTA 42



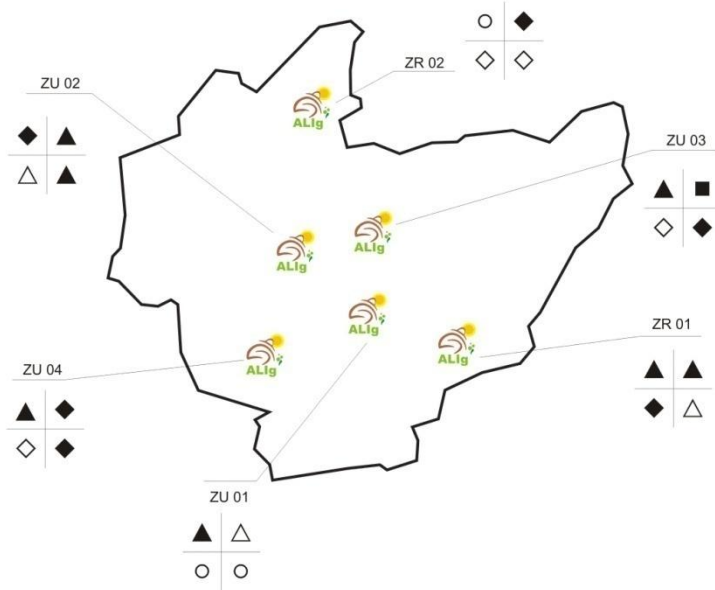
Legenda:

▲	Trava/Trave
△	TrameLA
◆	Ferrolho
◇	Fechadura
∅	RNP
■	NR



VASO SANITÁRIO/PATENTE
{170}

CARTA 43

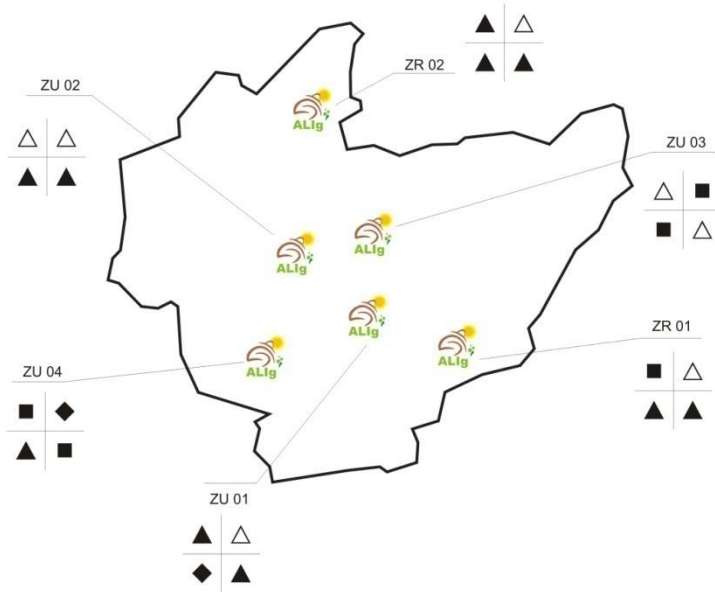


Legenda:	
▲	Vaso
△	Sanitário
◆	Vaso sanitário
◇	Aparelho
○	Bojo
■	Privada



FULIGEM
{171}

CARTA 44



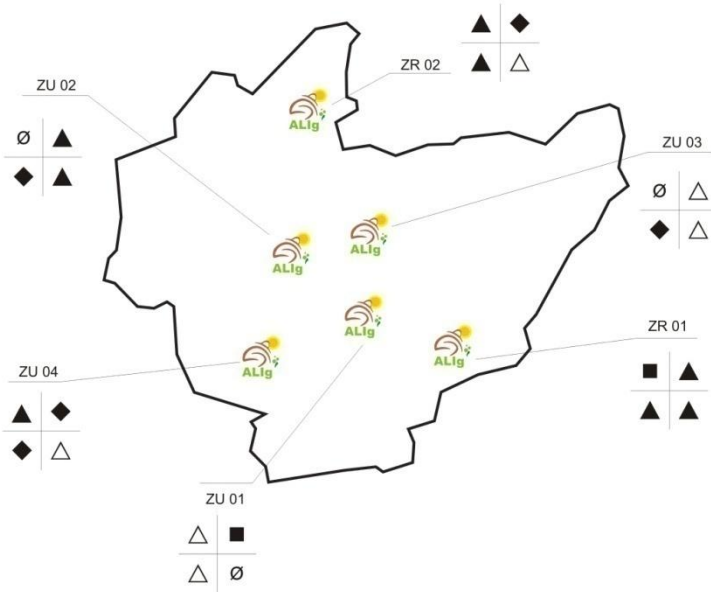
Legenda:

▲	Tucumã
△	Fumaça
◆	Carvão
■	NR



CURAU
{180}

CARTA 45

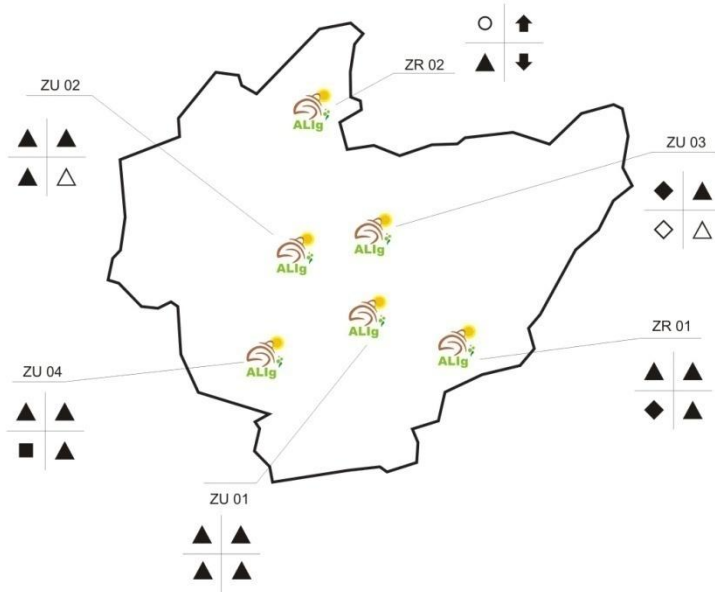


Legenda:	
▲	Angu
△	Canjica
◆	Mingau
∅	RNP
■	NR



GLUTÃO
{184}

CARTA 46

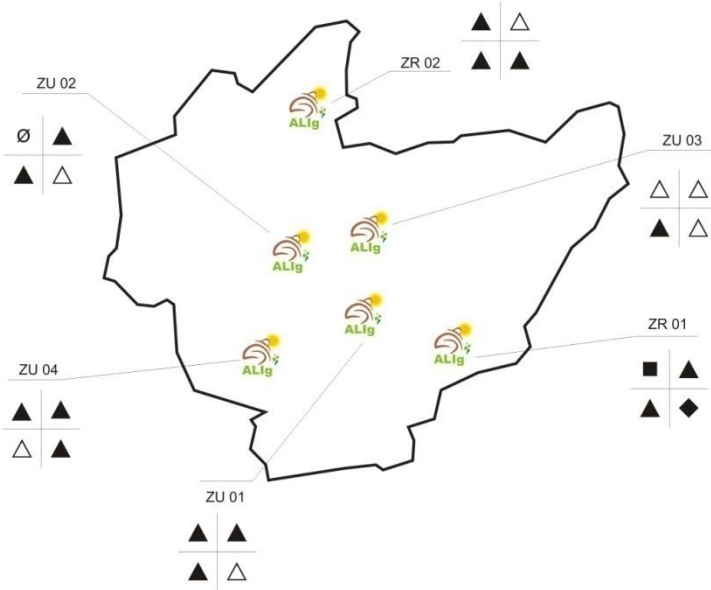


Legenda:	
▲	Guloso(a)
△	Comelão
◆	Esfomeado
◇	Guloso
○	Comedor
↑	Exagerada
↓	Acanalhado
■	NR



GRAMPO/RAMONA/MISSE
{192}

CARTA 47

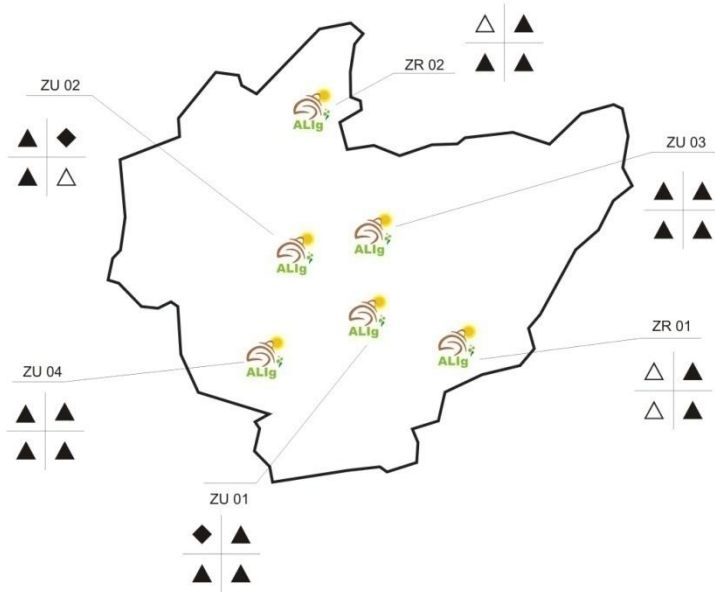


Legenda:	
▲	Presiha
△	Grampo
◆	Pregador
⊘	RNP
■	NR



LOTE/TERRENO/DATA
{199}

CARTA 48



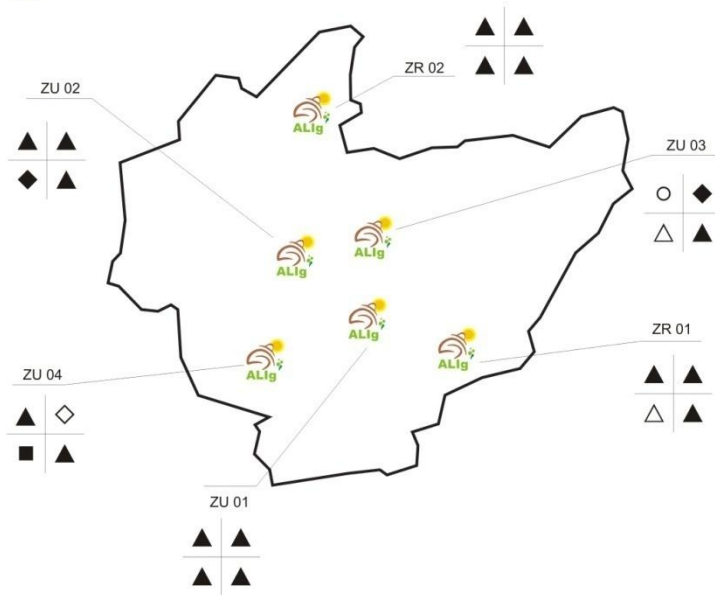
Legenda:

▲	Terreno
△	Chão
◆	Lote



BODEGA/BAR/BOTEÇO
{202}

CARTA 49



Legenda:

▲	Bar
△	Bodega
◆	Boteço
◇	Mercearia
○	Barzinho
■	Botequim

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decidir por elaborar um atlas linguístico de Iguatu como trabalho final de minha Pós-Graduação em Linguística, parti do princípio de que as pessoas que moram no interior e vêm para a capital do Estado sofrem preconceito linguístico, por apresentarem marcas linguísticas diferenciadas, especialmente no campo fonético, por ser mais notório, estendendo-se para o campo lexical e, por último, para o morfossintático. Sendo assim, o atlas abarcaria os dois primeiros campos.

À medida que fui conhecendo o trajeto e percalços de tal projeto, percebi que essa pretensão não poderia ser realizada num espaço de tempo inferior a 02 (dois) anos. Sendo assim, enveredei-me pelas trilhas lexicais dessa comunidade tão culturalmente rica, onde tive a grata surpresa de encontrar um montante tão fascinante de variação de itens.

A pesquisa que seguiu os caminhos da Geografia Linguística pluridimensional tinha como objetivo fundamental documentar a linguagem regional falada nessa localidade, tanto na zona rural quanto na zona urbana, para confirmar as hipóteses de que o falar iguatense tem marcas lexicais que se distinguem entre rural e urbano, bem como seu léxico apresenta variações, além de diatópicas, diastráticas ou socioculturais.

Com os dados lexicais obtidos, produzimos 49 cartas com as informações mais relevantes que recobrem todos os 15 campos semânticos abordados pelo questionário semântico-lexical a que fizemos referência no capítulo III, relativo à metodologia. Dessa forma, teceremos comentários sobre os itens cartografados, priorizando os parâmetros da variação pluridimensional, abordada por Radtke e Thun (1999).

Dentre os campos cartografados, os que mais se sobressaíram foram *fenômenos atmosféricos* e *fauna*, com 07 cartas cada, *atividades agropastoris*, com 06, e *corpo humano* e *convívio e comportamento social*, com 05 cada um. Os demais campos foram contemplados com no máximo 03 cartas.

Em relação à estrutura lexical das variantes, pudemos encontrar na sua grande maioria lexias simples e complexas, e poucas variantes com lexias compostas.

Com base nos critérios de seleção dos itens, entre aqueles que apresentam maior variação lexical, encontramos os seguintes: o de maior variação é a carta 33 (PROSTITUTA),

com 12 variações, seguido da carta 31 (PESSOA TAGARELA), com 10, e das cartas 17 (TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA) e 32 (PESSOA SOVINA), ambas com 08. Contudo, 50% do atlas apresentam cartas com variações entre 05 e 07 itens. Vale ressaltar que as duas cartas com maiores variações estão dentro do campo semântico *convívio e comportamento social*.

Quanto aos itens obtidos com marcas regionais, diferentes das variantes padrões ou comum em outras regiões, sugerida no QSL do Projeto ALiB (2001), foram elaboradas 10 cartas, identificadas pela numeração 04 (TROMBA D'ÁGUA), 12 (PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/ UMBIGO/CORAÇÃO), 15 (BOLSA/ BRUACA), 16 (PICADA/ATALHO), 24 (LIBÉLULA), 35 (TOCO DE CIGARRO), 38 (FEITIÇO), 44 (FULIGEM), 45 (CURAU) e 46 (GLUTÃO). Conforme quadro abaixo:

Quadro 2 – Carta-conceito e suas marcas regionais

Carta - Conceito	Itens obtidos
04 - TROMBA D'ÁGUA	Chuva Passageira – Tempestade - Chuva Forte - Chuva Grossa - Dilúvio - Chuva de Vento - Trovoada
12 - PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/ UMBIGO/CORAÇÃO	Mangará - Maracá
15 - BOLSA/ BRUACA	Mala -Mala de couro – Bornó – Boge – Saco - Surrão
16 - PICADA/ATALHO	Vareda - (Abre) Caminho – Mato – Trilha – Pique
24 - LIBÉLULA	Mané cachimbo – Mergulhão - Mané Mago
35 - TOCO DE CIGARRO	Coxia – Filtro - Ponta/Ponta de cigarro – Bituca - Pé de cigarro - 6 – Cotoco – Resto
38 - FEITIÇO	Macumba/Macumbeiro - Despacho – Mandiga – Galinha preta – Bruxaria – Armadilha – Catimbó
44 - FULIGEM	Tucumã – Fumaça – Carvão
45 - CURAU	Angu – Canjica – Mingau
46 - GLUTÃO	Guloso(a) – Comelão – Esfomeado – Gulosão – Comedor – Exagerada – Acanalhado

Já em relação à melhor distribuição entre os informantes e nas sublocalidades, podemos citar as seguintes cartas: 03 (REDEMOINHO (DO VENTO)), 09 (ORVALHO/SERENO), 11 (ANOITECER), 17 (TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA), 22 (ANCA/GARUPA/CADEIRA), 23 (MANCO), 31 (PESSOA TAGARELA), 32 (PESSOA SOVINA), 33 (PROSTITUTA), 34 (BÊBADO), 35 (TOCO DE CIGARRO), 36 (DIABO), 38 (FEITIÇO), 43 (VASO SANITÁRIO/PATENTE) e 46 (GLUTÃO). Não podemos negar que as cartas que apresentam maiores variações lexicais, são também as que melhores distribuem seus itens.

Outro ponto que devemos considerar é a variação fonética que alguns itens apresentam. Apesar de o atlas ser semântico-lexical, não poderíamos deixar de fazer esse registro, em respeito aos nossos informantes e à legitimidade da pesquisa. Sendo assim, nas cartas em que registramos essa variação, foi selecionado um único símbolo para identificar tal fato.

As cartas que apresentam essa variação são: 06 (CHUVA DE PEDRA), em que a variação se estabelece entre *granito* e *granizo* [gPã'nitu – gPã'nizu]; 07 (GAROA), entre *neblina*, *leblina* e *lebrina*; [ne'blîna - le'blîna - le'bPîna]; 08 (TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA), *ensombrada* e *sombrada*; [e)sõ'bPada – sõ'bPada]; 12 (PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/ UMBIGO/CORAÇÃO), entre *mangará* e *maracá*; [mâng'a'Pa - maPa'ka]; 17 (TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA), onde só aparece *vareda*, variação de *vereda*; [va'Peda – ve'Peda]; 23 (MANCO), entre *coxo* e *concho*; ['koΣu – 'kõΣu]; 26 (CISCO), em que aparece a forma lexical *algueiro*, provável variação de *argueiro*; [aw'gejPu - a'gejPu]; 27 (VESGO), entre *zanoi* e *zarolho*, também provável variante de *zanolho*; [zâ'noju – za'PoXu – zâ'noXu]; 34 (BÊBADO), onde há duas variantes, uma entre *bêbado* e *bebo* e a outra entre *alcoólatra* e *alcoólico*; ['bebadu – 'bebu – aw'k□latPa – aw'k□liku] e 42 (TRAMELA), entre *trava* e *trave*; [tPava - tPavi].

Há ainda variantes de ordem flexional, seja ela de gênero ou grau, seja de tempo verbal. As cartas que apresentam variantes de gênero são as 14 (*cesto(s)/cestras*) e 31 (*falador/faladeira*). As variantes de grau são as 11 (*boca da noite/ boquinha da noite*) e 30 (*garoto/garotinho*). Ainda na carta 11, encontramos as variações de tempo verbal (*anoitecer/anoitece/anoiteceu*).

Em maior número estão as variantes entre lexias simples, compostas e complexas como podemos observar nas cartas 03 (*redemoinho/moinho de vento*), 07 (*garoa/ está garoando*), 09 (*sereno/sereno da noite*), 11 (*noite/está de noite*), 15 (*mala/mala de couro*), 17 (*abre*

caminho/ caminho aberto), 19 (*cotó/galinha cotó*), 35 (*ponta/ ponta de cigarro*) e 41 (*pega-pega/pega*).

A hipótese de que o falar iguatense tem marcas lexicais que se distinguem entre rural e urbano não foi comprovada, entretanto 03 (três) cartas apresentadas chamam a atenção para esse fato por não termos obtido nenhuma informação produtiva acerca dos itens inquiridos. Na carta 02 (REDEMOINHO (DE ÁGUA)), a ZR01 não apresenta nenhum item lexical, enquanto a ZR02 apresenta apenas, diferentemente dos pontos urbanos em que a produtividade foi bem maior. O mesmo acontece na carta 10 (ALVORADA), sendo que nenhum informante da zona rural soube responder. Quanto à carta 13 (CANGA), o inverso acontece, o ponto ZU03 é que não apresenta resposta produtiva.

Em linhas gerais, a proximidade entre a zona rural e a zona urbana é bem forte, mas as maiores diferenças notadas, ao analisar as cartas, diz respeito justamente ao convívio dos informantes com os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, e com pessoas que possuem maior nível sociocultural.

Numa síntese geral sobre os parâmetros diatópico e diastrático, citados por Radtke e Thun (1999), salientamos que o ALIg contempla tais parâmetros, principalmente, na representação diageracional, bem como diassexual, uma vez que os dados são de fácil compreensão, identificados através da cruz com os símbolos em cada ponto e da legenda que nos orienta. Com base nesses dados, podemos afirmar, ainda, que a produtividade feminina é maior do que a masculina, enquanto a 2ª faixa etária (45-60) produz mais do que a 1ª (18-30).

Sendo assim, destacamos que em breves palavras expusemos o alcance de nossos objetivos enumerados em analisar as variações lexicais de Iguatu entre sua zona rural e urbana, elaborar cartas linguísticas semântico-lexicais e oferecer subsídios importantes para a pesquisa geolinguística no Brasil e para os estudos da Língua Portuguesa falada, registrando e analisando de forma sistemática a realidade linguística local (cearense) no tocante à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do Brasil, uma vez que um atlas não se constitui apenas em cartografar os falares de uma região, mas em fazer uma pesquisa linguística variacionista, documentar a história da língua e dar pressuposto para alicerçar a política de ensino.

A partir deste estudo será possível subsidiar outros atlas, elevando, assim, o maior conhecimento dos falares regionais nordestinos, especialmente o do Ceará.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza: 51(51): 1937, p. 271-307.
- ALENCAR, M. Silvana de. **A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assaré: aspectos fonéticos e lexicais**. Fortaleza, 1977. Dissertação (Mestrado) – UFC.
- _____. **Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /R/**. Fortaleza, 2007. Tese (Doutorado) – UFC.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- ANTUNES, Carolina, e VIANNA, Marlene M. Z.O dialeto rural não é mais aquele. In: SEABRA, Maria Cândida T. C. de. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 13-29.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Linguística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: A. União Cia Ed., 1983.
- _____. Possibilidades de cooperação internacional em projetos de pesquisa geolinguística. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanischen geolinguistik: akten des symposiums zur empirischen Dialektologie**. (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991). Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 454-458.
- _____. Atlas Lingüístico da Paraíba. In: **Seminário Nacional: Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil**. Salvador, 1996. Comunicação oral. Salvador: UFBA, 04/11 a 6/11 de 1996.
- _____. Atlas Lingüístico da Paraíba. In: AGUILERA, Vanderici de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora UEL, 1998, p. 55-77.
- _____. Avaliação dos procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: os questionários. In: AGUILERA, Vanderici de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida L.; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB: Documentos 1**. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004, p. 63-69.
- _____. **Bibliografia Dialectal Brasileira**. 2ª Ed. Fortaleza: UFC, 2006, 146 p. CDRom.
- _____. Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos Atlas regionais ao ALiB. In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A.(orgs.). **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil: Documentos 2**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 35-65.
- ARAGÃO, Raimundo Batista. **Iguatu: História**. Iguatu-Ce: Copcultura, 1998.

- ARAÚJO, Aluiza Alves de. **As vogais pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. Fortaleza, 2007. Tese (Doutorado) – UFC.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. O Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora UEL, 1998, p. 165-176.
- _____. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. In: **Delta**. São Paulo: special issue, vol.17, 2001.
- CAPISTRANO, Karine O. **Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza numa perspectiva perceptual e fonética**. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado) – UNIFESP.
- CEARÁ. Secretaria de Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado. Perfil do Ensino Superior. Fortaleza, 2007.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina : Ed. EUL, 2001.
- COSERIU, Eugênio. **O homem e sua linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística**. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982, cap. 4, p. 79-116.
- COSERIU, E. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolingüística. In: **I Congresso Nacional de Sócio e Etnolingüística**. João Pessoa: UFPB, 1987.
- COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- _____. Um panorama da Dialetologia no Brasil. O foco: o português no mundo. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. Brasil: ed. especial, n. 14, p. 91-105, dez. 1995.
- FERREIRA, Raimundo Ruberval. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir: um estudo dos movimentos signicos**. Fortaleza, 1997. Dissertação (Mestrado) - UFC.
- IGUATU. Prefeitura Municipal. **A cidade**. Iguatu, 2007. Disponível em <<http://www.iguatu.ce.gov.br/>> . Acesso em 27 fev. 2008.
- _____. **Censo escolar de 2005**. Iguatu: Secretaria de Educação do Município, 2005.
- _____. **Plano diretor Participativo de Iguatu**. Iguatu: Secretaria de Planejamento do Município, 2007.

- IPECE. **Perfil Básico Municipal**: Iguatu. Fortaleza: SEPLAG, 2007.
- ISQUERDO, A. N. Os Atlas Regionais Brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.(orgs.). Projeto Atlas Lingüístico do Brasil: Documentos 2. Salvador: Quarteto, 2006.
- MONTEIRO, José Lemos. Fontes bibliográficas para o estudo do dialeto cearense. **Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa**. Fortaleza, 9 : 68-94, 1995. _____. **Para compreender Labov**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MOTA, Jacyra Andrade. Constituição do *Corpus* do Projeto ALiB: Procedimentos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida L.; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). **Projeto Atlas Lingüístico do Brasil- ALiB**: Documentos 1. Salvador: ILUFBA: EDUFBA, 2004, p. 31-38.
- NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, 1958.
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de. O estudo dialetológico no Brasil: a volta ou sedimentação de uma metodologia de trabalho?. In: Aguilera, Vanderci de Andrade (org.). **A Geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: Editora UEL, 1998, p. 235-241.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. In: **Cadernos de tradução**, nº 05. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- RONCARATI, C.N.S. et al. Enfraquecimento das fricativas sonoras. **Relatório Final**: Projeto Dialeto Sociais Cearenses - Fortaleza: FINEP/FCPC/UFC, 1988.
- SANTIAGO, Ana Gláucia. **A metátese da consoante vibrante / r / nos padrões vocálicos CVC e CCV(C) no português falado em Russas-Ce**. Fortaleza, 2003. Dissertação (Mestrado) – UFC.
- SERAINÉ, Florival. Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. In: SERAINÉ, Florival. **Linguagem e cultura**: estudos e ensaios. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.
- SILVA, Eudênio Bezerra da. Um **estudo sobre a substituição consonantal / -y / em crianças usuárias de uma variedade dialetal estigmatizada na região de Iguatu**. Recife: UFPE, 1994. (mimeo)
- _____. A variação da consoante palatal / ʃ / no município de Iguatu. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I**. João Pessoa, 1997. Atas. João Pessoa: UFPB, 1997, p. 23-49.
- SILVA, José Bento da. **Vocabulário da construção civil da linguagem dos pedreiros de Limoeiro - CE**. Fortaleza, 1997. Dissertação (Mestrado) - UFC.

SOARES, Maria Elias (org.). **Projeto variação e processamento da fala e do discurso: análises e aplicações – PROFALA (PIBIC)**. Fortaleza: UFC, 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

UCHOA, J. A. **A sinalização de limites e conexões sintagmáticas por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza**. Fortaleza, 1996. Dissertação (Mestrado) - UFC.

ANEXOS



Atlas Lingüístico Léxico-semântico de Iguatu

Dados sobre a localidade

1. NOME OFICIAL:

2. NOME REGIONAL:

3. NOMES ANTERIORES:

4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:

a) Pelos próprios:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL:

a) Pelos próprios habitantes:

b) Pelos habitantes de outras localidades:

6. NÚMERO DE HABITANTES:

7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:

8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:

9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):

10. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)

11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):

12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:

15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:



Projeto Atlas Lingüístico Léxico-semântico de Iguatu Ficha do Informante

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F		5. IDADE:
6. ENDEREÇO: RUA e Nº: BAIRRO: CEP:			
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. A. DOMICÍLIOS, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)			
11. ESCOLARIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não 15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	

16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):

17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:

18. PROFISSÃO:

A. do pai:

B. da mãe:

C. do cônjuge:

RENDA

19. TIPO DE RENDA: A. individual B. familiar

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

20. ASSISTE TV?

A. todos os dias

B. às vezes

C. nunca

21. PROGRAMAS PREFERIDOS:

A. novelas

B. esportes

C. programa de
auditório

D. noticiários

E. programa religioso

F. filmes

G. outro

22. TIPO DE TRANSMISSÃO:

A. rede gratuita

B. parabólica

C. tv por assinatura

23. OUVE RÁDIO?

A. todos os dias

B. às vezes

C. nunca

D. parte do dia

G. enquanto trabalha

24. PROGRAMAS PREFERIDOS:

A. noticiário geral

B. esportes

C. programa religioso

D. noticiário policial

E. música

F. progr. c/ participação do ouvinte

25. LÊ JORNAL?

A. todos os dias

B. às vezes

C. nunca

D. semanalmente

E. raramente

26. NOME DO(S) JORNAL(IS):

A. local

B. estadual

C. nacional

27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:

A. editorial

B. esportes

C. variedades

D. programa cultural

E. política

F. página policial

G. classificados

H. outra

28. LÊ REVISTA?

A. às vezes

B. semanalmente

C. mensalmente

D. raramente

E. nunca

29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES

	FREQUENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>

37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:

A. tímido B. vivo C. perspicaz D. sarcástico

39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:

A. total B. grande C. média D. fraca

40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

A. cooperativa B. não cooperativa C. agressiva D. indiferente

41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:

A. "A" B. "B" C. "C" D. "D"

42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:

A. grande B. médio C. pequeno D. nenhum

43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:

A. sim B. não

44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):

45. DADOS SOBRE A FAMÍLIA DO INFORMANTE

46. AMBIENTE DO INQUÉRITO:

47. OBSERVAÇÕES:		
48. NOME DOS INQUIRIDORES:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
INQ: _____	CIDADE: UF:	
- AUX: _____		50. DURAÇÃO:
AUX2: _____		